

18954
REGISTO N.º 8751

✓
ACCACIO ROSA



A NOSSA INDEPENDENCIA E O IBERISMO

Obra illustrada com o retrato do auctor
e prefaciada por

ANTONIO DE SERPA PIMENTEL

Ministro d'estado honorario, par do reino, conselheiro d'estado,
gran-cruz da Torre e Espada, etc.

e precedida de cartas ineditas,
expressamente dirigidas ao auctor,
pelos reconhecidos pensadores
*Conde de Casal Ribeiro, G. Azcarate,
Oliveira Martins, Raphael M. de Labra,
Alves Mendes,
Fernando Anton e Thomaz Ribeiro.*



LXSBGA
TYPOGRAPHIA DE F. SILVA
Rua do Telhal, 8 a 12





A NOSSA INDEPENDENCIA
E O IBERISMO



blauw aaplenoside lida,
du beinbaan e te plenos-

du voor lida
31-12-982.

A nossa independencia e o iberismo



PRIMEIRA PARTE

I

Ha datas que vitalisam e datas que anniquilam, ha recordações que fazem surgir epopeias e recordações que fazem despontar aviltamentos, ha uma Iliada em Aljubarrota que nos electriza e uma Iliada em Alcacer-Quivir que nos fulmina, ha a luz brilhante da liberdade que nos fortalece e a sombra cyprestal da escravidão que nos horrorisa.

A espada dos combates é um symbolo de ouro quando relembra uma victoria, ou um symbolo de ferro quando relembra uma derrota. Inspira grandezas epicas como os lendarios tra-

balhos de Hercules, ou desanimos funereos como o desespero de Egeu perante as velas pretas do navio de Theseu.

Quando a ponta da espada rasga na pedra rigida dos tempos as expansões austeras do vencedor, ha alguma coisa que amplifica o coração, alguma coisa que anima a intelligencia, alguma coisa que magnetisa o cerebro, alguma coisa que oriente a vida humana; mas quando essa espada não pode esculpir senão palavras de tristeza do vencido, a luz esvahe-se como no turbilhão do crepusculo, a alegria some-se como na solidão do tumulo, a actividade esmorece como na escuridão do ergastulo.

Salamina glorifica Themistocles na lucta com o Grande Xerxes, Marattona desvaira Dario no sanguinolento combate com Milciades.

Ha uma coisa que se adora — a liberdade; ha uma coisa que se respeita — a civilização. Sem este culto supremo o mundo é um desherdado, é um sonho de Nabuchodonosor. Como a vida é impossivel sem oxigenio tambem a nacionalidade é impossivel sem liberdade e sem civilização. Sem estes dois topicos da grandeza de um povo não é possivel imaginar-se luz;

é sem luz não pode haver vida, não pode haver iniciativa de grandes pensamentos. Predomina o acido carbonico, o elemento destruidor da vida humana.

Um paiz, arroxeadado pelas algemas de uma nação estrangeira, é o palliativo de sua morte, porque é uma colectividade cega, uma colectividade assombrada, uma colectividade intorpecida.

Haverá alguma coisa mais bella, mais esplendente que o espirito da independencia? não é esse sorrir o apanagio mais archi-soberbo do pensamento? não é essa palavra a idea magica que vitalisa e proclarea um povo?

A independencia é luz, é vida, a escravidão é noite, é sombra funeraria. A independencia tem por pedestal um berço de louros, a escravidão tem por pedestal um montão de cypresses. Uma é grande como a gloria; outra é baixa como a morte.

A Alsacia, a bella Alsacia dos francezes, lá está vinculada com a famosa Lorena ao cêpo germanico da ferrea nacionalidade que immortalisou a frase *la force prime de droit*; a Polonia, a heroica Polonia de Kociusko viu cair so-

bre si uma escravidão sombria na batalha de Maciejowice, n'esse cruento combate que terminou com os gritos lancinantes de *Finis Poloniae*, a Irlanda, a patria de Parnell de Gladstone, lá está abatida sob o jugo despotico da Grã-Bretanha, d'esse paiz de Neros e de vampiros que tem para nós a triste recordação de um eclipse affrontoso; Gibraltar, o portão do Mediterraneo, lá tem encravada a unha dos perfidos bretões, embora esteja em lucta permanente a hombridade de Hespanha com os es-carneos da Inglaterra, Guyana, a nossa esplendida região da America, lá foi, pelo tratado de 1815, restituida á França!...

Que serie de desastres! que quadro tão estupendamente lugubre! que doloroso e lancinantissimo presidio! que cataclismo tão perfidiosamente celebre nos annaes da nossa independencia!

A independencia é o mais sympathico elemento de vida, é a onda altaneira que passa rapida purificando os povos d'essas larvas que germinam no seu organismo e que tantam aniquilal-o. Esta é uma verdade que prescinde de factos para a comprovar.

Na restauração não pode haver lethargo porque o lethargo é o crime mais aviltante de uma nacionalidade que vive. O movimento sublime do patriotismo brota espontaneo do coração do povo porque é esse enthusiasmo o genio mais viril e austero da sua autonomia. Contra isso, nem a barbaridade dos costumes, nem a rudeza das epochas, nem o desenvolvimento das ambições poderão levantar-se em attitude de guerra. Essa cruzada é santa, essa cruzada só enraivece aquelles atheus da consciencia que estão mais bestializados do que os proprios irracionaes. Desprezal-a, seria esmagar o proprio coração, este verdadeiro Tantaló que fita os olhos em um ponto de luz que rutila nos nevoeiros do porvir, este desinquietao Ulysses que procura ter diante de si a imagem da sua adorada Ithaca.

A amizade deve prevalecer reciprocamente porque é ella a mais esplendida alegria do progresso internacional; mas essa amizade não pode ter logar quando encerra futuros reservados, porque então a amizade não é amizade na rigorosa significação da palavra, mas é unica e simplesmente a mais estulta e affrontosa hypocri-

sia. Ser amigo por interesse é atraçoar a propria consciencia. A amizade sincera é santa e enlaça o povo com a civilisação nacional; a hypocrisia é escarneo vilipendioso e vincula as desgraças populares com a decadencia final do paiz.

São estes os dictames innatamente nacionaes, os dictames de todo aquelle que se pode ufanar por ter em seu peito um pundonor altivo e uma consciencia lidima.

D. Emilio Castelar, esse fulgurantissimo talento que concretisa a mais bella inspiração peninsular, teve razão quando escreveu: — «Pansan los tiempos y permanecem las ideas.»¹

Sim, as ideas permanecem immutaveis no grande e sublime Evangelho dos seculos. Os sarcophagos podem servir para tudo excepto para as ideas sãs porque ellas perduram sempre, por mais batidas que sejam na bigorna dos tempos. A idea é o pensamento e o pensamento é luz. Até—fatalismo do instincto!—até as proprias ideas que são utopia ou negligencia,

¹—«La Ilustración Artística», Barcelona, año X, num.º 307.

contumacia ou estupidez, resistem ao continuo embate dos tempos como essas serranias de pedra que surgem acima dos mares!

Pode o pensamento ser estagnado como um Asphaltite de torpezas ou limpido como um Oceano de crystal, pode fundamentar-se na vingança do vencido ou na alegria do vencedor, pode alimentar as fulgencias da emancipação ou os vilipendios da escravidão, pode proclamar o progresso com todos os seus esplendores ou a decadencia com todo o seu cortejo de lagrimas; mas o que não pode, nem é crível imaginar-se é a sua morte n'esta amplidão immensa a que chamamos mundo, porque sem elle é impossivel a vida humana, essa Venus de todos os arrebatamentos, essa Julieta de todas as paixões, essa Stratonice de todas as bellezas, essa Sombreil de todos os sacrificios.

O que é o iberismo senão uma utopia? o que é o desarmamento geral senão uma negligencia? o que é o anarchismo senão uma contumacia? o que é o sebastianismo senão uma estupidez? Pois, apesar da pouca plausibilidade d'essas ideas, ha e haverá perdurantemente, no animo do pove, esse pensamento mais ou

menos indigno. É que morrem os homens mas ficam as ideas.

O pensamento é a bussola que não deixa o homem sossobrar entre o escarceu ou estilhaçar-se contra o recife. Vê tudo, relampagueia tudo, enoitece tudo. Sem elle, a vida é um deserto e o mundo é um cahos incomprehensivel.

O pensamento é vasto como o mar, é subtil como o ether, é rigido como o ciclone. E' encapellado como as ondas altaneiras do mar no tetrico momento da procella ou placido como a superficie de um lago no momento da bonança; é escabroso como uma montanha de granito naturalmente lascada ou limpida como uma face de alabastro artificialmente preparada; ergue-se ao zenith de glorias com toda a sua viridencia ou abate-se ao nadir do seu esphacelamento com o ferrete da sua vergonha. O pensamento é tudo porque o pensamento é o homem.

O pensamento arrasta como o magnete, assombra como o raio, extasia como o triumpho, vitalisa como o oxigenio. O pensamento é como as montanhas, que permanecem immutaveis perante o embate continuo das erupções vul-

canicas. As forças do pensamento são os vinculos geologicos da nossa alma. Por isso, o pensamento não morre; por isso, não ha sepulchros que o recebam. O pensamento é a consequencia de tudo. O pensamento poderá jazer inerte durante um periodo de tempo mais ou menos longo, mas necessariamente, inevitavelmente, ha-de brotar como a Phenix da tradição que renascia das proprias cinzas.

Sim, a grandiosa lição do passado ha-de servir-nos de ensinamento, porque uma idéa digna tem sempre guarida em um coração nobre. O apanagio dos bons sentimentos é o paladio da nossa gloria magestosa.

Estas palavras fazem lembrar a data sempre admiravel, sempre esplendorosa de 1 de dezembro de 1640. A commemoração d'essa data é a consagração da consciencia humana perante o altar mais sublime, perante esse altar gloriosissimo que se chama Patria. E' esta expansibilidade que tudo alenta, que tudo fortalece, que tudo synthetisa, o culto que nos desperta de este lethargo em que temos jazido aguilhoados pela mais tremenda das fatalidades. A recordação de um dia brilhante que nos deu a

liberdade e a independencia, é um relampago no nosso coração, é o phanal rutilante do progresso no grande oceano dos seculos. Lembrar uma data é magnetisar o pensamento, é expandir a consciencia humana, é esquecer a melancolia de uma vida attribulada. Quebram-se as cadeas que vinculam o homem a alguma calamidade e entra-se em um circulo plenissimo de luz.

Sim, entra-se em uma epopeia sublime, onde se admira uma valentia digna dos thracios, muralhas verdadeiramente hypothebanas, coragem de phrigios, honradez cephallenica, delicias orientaes...

Nesse circulo de fogo, do fogo que é a luz surprehendente da intelligencia, nós sentimo-nos extasiados perante a estrella de Sagres que orientou o famoso D. Henrique, perante a bussola dos navegantes que procurou a India do famoso Preste-João, perante o telescopio que vae medir a grandeza dos astrós, perante a lanterna do mineiro que vae descortinar os arcanos do solo, perante o para-raios que vae arrancar das nuvens a faisca eletrica, perante a jangada que vae atravez do oceano descobrir

nóvos mundos, perante a phylosophia sã que vae provar a origem metaphisica das cousas, perante a phisica que vae procurar a origem dos cyclones, perante todas essas maravilhas que fazem dos seculos o apanagio da nossa civilisação e da nossa gloria.

Relembrando, pois, a nossa independencia da tutela de Hespanha, alvorada sorridente e memoravel nos factos da nossa historia, nós relembramos o heroismo da nossa raça e as scenelhas do nosso passado glorioso.

II

Quem ha ahi que não conheça as aventuras de D. Sebastião? quem ha ahi que não tenha conhecimento mais ou menos profundo do vencido de Alcacer Quivir? quem ha ahi que ignore o animo bellicoso do malogrado vingador de Arzilla?

Oh! como o seu heroismo foi leviano! como o seu enthusiasmo foi fatal!

Já seu avô e antecessor, D. João III, cingira o paiz com uma cadêa de ferro, esmagando os louros de seus antepassados. O odioso monacha, quando Luthero prégava a reforma e o calvinismo se alastrava pela França ruindo a verdadeira religião do Golgotha, envolvera os feitos de gloria conquistados até ao reinado de D. Manoel nas brumas estupendissimas de uma especulação infame. O espirito de D. João III, anemico e cançado pelos continuos embates de um aviltamento que profanava a religião de Christo, teve por unica luz os clarões funereos de autos de fê postos em scena pelos horrores de uma calamidade ingente. N'esse reinado de sombras dois padrões de alta grandeza attestam a existencia de um povo heroico:—o nascimento de Luiz de Camões e a energia brilhantissima de D. João de Castro. De resto, só progrediram crimes, ambições, blasphemias e escarneos de uma sociedade corrupta pela serpente maldita da nossa decadencia moral, decadencia que venceu a energia de poucos patriotas.

Trez annos antes da morte d'esse rei que tão odiado baixára á sepultura para dormir o grande somno entre os rendilhados architectonicos

dos Jeronymos, nascera D. Sebastião com os reflexos de uma aurora e com as scintillações fagueiras de uma alegria verdadeiramente nacional. Ah! aurora que em breve se transforma em crepusculo e alegria que em breve se transforma em tristeza! Quem advinharia tão grande desengano? quem diria que era a morte que pairava com as suas azas de cypreste sobre a cabeça nacional? quem pensaria em ficar sepultado nas areas quentes da Africa a nossa independencia querida por causa da força indisplinada e da vontade louca de D. Sebastião?

Durante a menoridade d'esse indomito monarcha já se debatiam ambições e já se cruzavam blasphemias. Quem deveria reger o paiz? o cardeal D. Henrique, homem pouco illustrado e muito idolente, ou D. Catharina d'Austria, mulher habil, experiente e energica? A lucta foi violenta e, afinal coube a gloria á famosa irmã de Carlos V. A regencia de D. Catharina foi o ultimo lampejo das nossas glorias do Oriente. Os feitos titanicos de Damão, de Balzar, de Mangalor, de Ormuz, de Malabar, de Ceylão, etc. attestam clara e sufficientemente a tactica de D. Catharina d'Austria. O mesmo se

poderá dizer da nossa gloria no Brazil. Combatendo lá indigenas e francezes, Portugal fundou a cidade do Rio de Janeiro e praticou bravuras digna dos heroes de Mazagão. Todavia, minavam as maiores intrigas por entre um disequilibrio social que bem se assemelhava aos inglorios tempos da corrupção romana, e D. Catharina, cansada de um governo de espinhos, foi espontaneamente entregar a regencia nas mãos debeis do cardeal D. Henrique. Estavam saciadas as ambições cerviz dos nobres que já divisavam no ouro de Castella a grandeza dos seus palacios e estavam vencidos, recalçados sobre a pedra angular do aviltamento, os restos sacratissimos do pundonor nacional. O Oriente, contaminado pela mesma corrupção, começou a desabar da gloria immarcessivel a que tinha subido com a regencia de D. Catharina d'Austria. D. Henrique, durante o seu reinado, representou em Portugal o tristissimo papel de coveiro da nossa independencia, da nossa liberdade querida.

Aos 14 annos de idade, recebeu D. Sebastião as redeas do governo. A primeira medida que tomou foi acatar os conselhos errados da In-

quisição que, como ninguem ignora, pôz em campo doutrinas nada sympathicas á verdadeira religião do Golgotha, a essa religião que nós adoramos com o mais entranhado dos affectos, com a mais sincera das crenças. Erro enorme, erro enormissimo!

Mystico e guerreiro, fez-se rodear por Martin Gonçalves da Camara, Miguel de Moura, Martinho Pereira e Luiz Gonçalves da Camara que tacitamente obedeciam ás ordens do Santo Officio. Era um passo agigantado para a perda da nossa autonomia.

D. Sebastião, inebriado pelo amor de gloria, queria a todo o transe mostrar ao mundo a sua audacia. Pensava que, sendo soberano de um povo, poderia ser um Leonidas, um Annibal, um Cesar, sem se lembrar que tinha, unica e exclusivamente, a vontade aguerrida dos grandes conquistadores. Faltava-lhe a sciencia que é a valvula dos combates e a prudencia que é o motor das victorias.

Em 1571, querendo combater os turcos, pediu a Carlos IX de França que o acompanhasse e promptificou-se a desposar Margarida de Valois, á qual já por varias vezes havia recusado.

Não ouve, porem, ensejo para a guerra e nem D. Sebastião se casou com a futura noiva de Henrique de Bourbon. Estavam reservadas para mais tarde as desgraças do joven monarcha, do infeliz expedicionario de Alcacer-Quivir.

Em Agosto de 1572 representava-se em França o drama mais triste e mais sangrento: — a matança de Saint Barthelemy. Depois D. Sebastião, sequioso de sangue e fanatico pelo jesuitismo, ordenou que a còrte commemorasse esse dia funebre com as festas mais ruidosas e entusiasticas.

Quando Paris chorava sobre o sangue derramado n'essa horrorosissima tragedia, em que os protestantes foram infamemente atassalhados por instigações de Catharina de Médicis, Lisboa, a bella cidade do Tejo, cobria-se de gallas quando deveria cobrir-se de crepes, repicava os sinos, devendo dobral-os em signal de luto, erguia as suas bandeiras, devendo abatel-as perante essa calamidades ingente.

Bem se poderia dizer como o grande Alexandre Herculano: — « Viuva prostituida, os vicios te corromperam a seve da vida, e a gangrena e os herpes te corroem os membros, que ainda vestes

de trajos louços, mas onde a morte se incarnou
ha muito.»¹

E D. Sebastião estava tranquillo na sua consciencia! e D. Sebastião aconselhava estas festas inhumanas! e D. Sebastião exultava de alegria! Oh! que triste e lancinantissima tragedia secundada por uma comedia tão burlesca!

Quem ha que applauda os desvarios orgiacos dos aulicos do indomito monarcha, que empallidecera o nosso brilho humanitario? quem ha que não conheça os instinctos bestiaes dos ministros de D. Sebastião? quem ha que ignore as scenas miseraveis d'essa cafila tão malvadamente criminosa? quem ha que não perceba um punhal debaixo do casaco, um escarneo debaixo de um sorrir ficticio, uma traição debaixo de uma amizade amaldiçoada? quem ha que não saiba a especulação d'esses senhores feudaes que procuraram o ouro dos ingenuos para os seus palacios e a belleza das mulheres para os seus serralhos?

Depois de muitas loucuras que a historia ar-

1—«A voz do propheta», pag. 35.

chivou no seu livro negro, invejoso pela gloria de D. Luiz d'Athayde, que no Oriente tinha sido uma aureola e uma faisca electrica que fulminara Hidal-Kham, o malogrado pretendente de Gôa, D. Sebastião intentou nma expedição á Africa, á Africa que nos legou sessenta annos de presidio, á Africa que derrotou a corôa dos nossos reis, á Africa que bebeu o sangue da nossa independencia, á Africa que fez da nossa liberdade a corda do nosso aviltamento.

Já antes d'isso, o leviano monarcha tinha preparado o athaude para Ruy Lourenço de Carvalho, o heroico soldado de Mazagão que se deixou matar com epica valentia em um combate contra os mouros. O decantado guerreiro do Oriente morrera sacrificando á vontade do seu rei os interesses da sua patria.

Em 1574, D. Sebastião, assombrado pelo louco entusiasmo da mocidade, fez-se acompanhar por alguns fidalgos da mais fina estirpe, como o duque de Aveiro, o conde de Vimioso e outros vultos eminentes do nosso alquebrado paiz, e partia para a Africa com a audacia de um argonauta que procura na Colchida o lendario velocino de ouro, Desembarcando em

Centa, seguia para Tanger onde pôz em debandada algumas tropas do governador Maquinez que tinham ido por ordem do sultão de Marrocos, observar as forças de D. Sebastião.

Julgando n'este feito uma grande victoria, tentou conquistar Marrocos. Para isso, julgou prudente voltar ao paiz asim de reunir mais forças. Effectivamente, em novembro do mesmo anno, estava em Lisboa com os seus dilectos companheiros D. Alvaro de Castro, Luiz da Silva e Christovam de Tavora.

Predominavam então em Portugal as ambições mais estultas entre os nobres da côrte. D. Sebastião procurou sanar essas dissensões ruidosas e começou logo com os preparativos da funesta expedição a Marrocos, terrivel empreza que envolvera nas brumas de um cataclismo sangrento os lampejos da nossa autonomia, do nosso brio e da nossa tradição gloriosa.

A subida de Muley-Abdel-Melek ao throno de Marrocos incommodava deveras o fogoso monarcha. Sustentava a indispensabilidade de conquistar o porto de El-Araiste porque os marroquinos poderiam por alli assaltar a peniusu-

la hespanica. Era necessario, portanto, aproveitar um ensejo qualquer.

D. Alvaro de Castro, o unico que era capaz de imperar no animo de D. Sebastião, baixara á campã no momento em que a patria mais precisava d'elle. O louco e joven monarcha estava agora livre de conselhos que modificariam os seus caprichos aventureiros e o trilho funerio da sua ambição. Era um ponto luminoso que desaparecia dos nossos horisontes anuviados.

D. Sebastião auctorisou o plenipotenciario portuguez Pedro d'Alcaçova a pedir em casamento D. Isabel Clara Eugenia, com o fim de mais facilmente obter a alliança de Philippe II de Hespanha, para a conquista de Marrocos. No entanto, o pae de D. Isabel presagiava mal d'esta empreza arrojada e deu a D. Sebastião conselhos algum tanto sensatos e patrioticos.

O monarcha portuguez, percebendo a relutancia do soberano hespanhol, embriagou-se mais na idéa de annexar Marrocos a Portugal e continuou com afan, os preparativos de guerra. Debalde o tentou dissuadir o bispo D. Jeronymo

Osorio na famosa carta que attesta uns restos de honra nacional n'aquella epocha.»¹

Na Africa septentrional minavam as discordias mais violentas entre Meley Hamed e Meley Abd-el Melek. Meley Hamed, vencido em Ourrochusa, repudiado de Fez e expulso de Sus, refugiou-se na fortaleza do Pinhal e escreveu a D. Sebastião pedindo que o auxiliasse contra o seu adversario, fazendo logo com que Abd-el-Kerim nos entregasse a bella praça de Arzilla como prova da mais sincera confiança.

Não houve conselho sensato que callasse no animo bellicoso do temerario monarcha portuguez. Queria a todo o transe enramar-se com os louros da Africa, com esses louros que transformaram a sua esperanza risonha em um delorossissimo athaúde. Era o amôr da gloria que atraçoava o amor da patria, o amôr da propria consciencia.

Meley Abd-el-Melek, amedrontado pela fama e pelo prestigio de Portugal, fez propostas perfeitamente rasoaveis a D. Sebastião, compro-

1.—Veja-se a nota A.

mettendo-se a assegurar a liberdade e a independencia ás nossas cidadellas de Africa e a impedir que os turcos entrassem em Marrocos, cujo perigo era um pretexto tacito, senão publico, de louco monarcha.

Em 1578 partiam para a Africa as forças que haviam de regar com sangue os cálidos e monotomos areaes de Alcacer-Quivir. Nas dobras escuras que as bandeiras mostravam febricitando o enthusiasmo do rei, o povo de Lisboa presagiava o desastre estupendo que deixou soterrada a nossa autonomia e a nossa independencia. O mar, sempre grandioso nas suas glórias ou nas suas tristezas, gargallheava com os seus marulhos de escarneo e o ceu, azul como um tablado de annil ou negro como uma cobertha de graphite, sorria agora como um sol esplendido de verão. Tudo nos atraçoava, tudo encobria a nossa fatalidade em uma natureza cheia de luz! Não era a estrella rutilante das victorias que guiava os combatentes; era uma estrella de brilho ephemero que em breve se havia de trasformar em nuvem negra dos desenganos. Eram de lagrimas os sons belicosos dos clarins. Os gritos de enthusiasmo, que ca-

raterisam as grandes empresas, eram abafados pelos soluços lancinantes de uma prophecia de morte.

Desfraldavam-se as vellas e, fazendo sulcar os nossos navios, ellas pareciam dizer no seu triste enfunamento que iam sepultar o sangue dos nobres e o sangue do rei. No dia 14 de Junho, benzia-se na Sé de Lisboa a bandeira real e essa bandeira tão querida do joven monarcha nem ao menos pôde servir de mortalha ao seu corpo mysterioso. Ah! como D. Sebastião dormiria contente o grande somno da morte, envolto na bandeira idolatrada do seu coração e na armadura do seu braço musculosamente bronzeo!

No dia 25 de Junho, levantavam ferro e a esquadra fazia a famosa jornada de Africa, essa jornada, lugubre como o tanger de finados, que foi a nossa fatalidade maior, porque foi o inicio da nossa escravidão e d'essa idéa que ainda hoje permanece com o nome infamante de iberismo.

No meio d'essas lagrimas e d'esses prantos propheticos, havia um unico coração que palpitava alegrias e que palpitava enthusiasmos fe-

briz:—era o coração do politico inhabil, do patriota louco e do rei indigno.

Fatal coincidencia! junto de pensamentos nocivos e agoueiros, uma ave a trinar o hymno da alvorada! Dir-se-hia que eram os roucos transportes do inimigo ao pé da confusão e do desespero do vencido!

Doloroso! clara e verdadeiramente doloroso!

III

Ha factos que enthusiasmam e factos que desalentam, ha idéas que realçam e idéas que horrorisam, ha expansões que levantam a consciencia da patria e expansões que synthetisam desanimos lancinantissimos.

Toda a historia d'um povo tem paginas tarjadas de negro e tem paginas tarjadas de azul; tem Odysseias de gloria e tem Odysseias de aviltamento, tem cataclismos de luz e tem cataclismos de sombra.

Alcacer Quivir foi o raio estalado n'esta bella e gentilissima nacionalidade, raio que escalavrou o que um povo póde ter de mais activo e de mais sagrado,— a independência.

No dia 10 de julho de 1578, D. Sebastião partia, com o seu protegido Muley Hamed, de Tanger, onde se envolvera em algumas escaramuças, para Arzilla, onde desbaratou uma pequena força de mouros commandados por um irmão de Muley-Abd-el-Melek que tinha ido observar o prestigio e o numero das tropas portuguezas.

Perante as tradições gloriosas do nosso nome, o inimigo temeu o combate e offereceu mais uma vez grandes vantagens a D. Sebastião. Porém, o joven rei, embuiagado por uma paixão estulta, preferia a gloria da guerra com todo o seu sangue humano, com todos os seus lamentos, com todo o seu fumo suffocante, embora lá ficasse sepultada a nossa maior grandeza.

A 29 de julho, punha-se o exercito em movimento, pelo caminho de Alcacer Quivir, em direcção a Larache. Surgiram logo embuscadas em que os mouros desimaram muitos soldados e, guiados por uma boa tactica militar, obriga-

ram as forças de D. Sebastião a procurar as margens do rio Huad-El Makzen. O espirito renitente do joven monarcha não se vergara a conselhos alguns, embora elles partissem dos homens mais rêspeitaveis pelo seu talento, pela sua idade e pela sua experiencia na guerra.

No dia 3 de agosto, o exercito commandado por D. Sebastião, acampara em uma larga planicie, ladeada pelos rios Lukkos e Hnad-El-Má-kzen, onde se feriu a memoranda calamidade. No dia seguinte, os alvares do sol, que despontavam do turbillião das areas, surgiram com o seu riso de escarneo illuminando o rosto melancolico dos nossos soldados. Ia começar o combate, o tristemente celebre combate de Alcacer-Quivir.

N'esta carnificina monstruosa, os portuguezes alcançariam, sem duvida, a corôa da victoria se os orientasse devidamente um bom general. Não faltou a coragem nem tão pouco a bravura nos arraiaes portuguezes. Todos os nossos soldados eram tytans com musculatura de Herules. O funebre grito de *ter, ter* de um capitão de Muley-Hamed foi o raio que fulminára as fileiras de D. Sebastião.

A voz de *alto* era a voz de uma morte inevitável. Se tivéssemos um bom commandante, não ficaríamos vencidos apesar de uma inhabil orientação.

Em Leuctres, os spartanos foram derrotados porque Thebas tinha por seu lado o famoso Epanimondas; em Marathona, os persas ficaram vencidos porque Athenas tinha no seu exercito o general Milciades; na cidadella de Thebas, o jugo da Lacedemonia foi repellido porque lá estava o valente e bellicoso Pelopidas.

Que D. Sebastião foi um soldado valente, não pode haver duvida, mas tambem não é menos certo que elle foi um commandante inepto e perigoso. Embaralhando-se no combate, abandonou o seu lugar e só quiz saber de brandir a sua espada com heroismo homeric.

Paulo Midosi, escrevendo sobre a legitimidade de D. Pedro IV, diz com a superioridade que todos lhe reconhecem:

«Quando o espirito de partido, o a môr dos abusos e o odio ás reformas politicas se apoderam do coração dos homens, apodera-se d'elles um frenesi que os cega, faz-lhes desconhecer os mais solidos principios, as noções mais

simplices, de modo que para chegarem a seus fins não recusam adiantar-se pela estrada do crime e da rebellião, e precipitar-se com a patria em um pélogo de desventuras» ¹.

Esse periodo perfeitamente sensato, mirou um causador de grandes desgraças, D. Miguel de Bragança, como poderia mirar, com a mesma ou mais plausibilidade, a figura inepta de D. Sebastião. O imbecil visionario que apodreceu nas areas de Alcacer-Quivir nem ao menos se soube aproveitar da morte do mouro Muley-Abd-el-Melek. Esta morte foi a luz de um relampago que se despresou no momento mais solemne do combate.

As façanhas do duque de Aveiro, de D. Duarte de Menezes e de Alvaro Pires de Tavora foram de um heroismo estupendo. Se a má orientação e a imprudencia do joven soberano não confundissem o exercito, a valentia e a coragem d'esses trez guerreiros seriam o sufficiente para destroçar as forças mouriscas.

Por fim, o malogrado monarcha, carregado

¹—«Documentos para a historia das cortes geraes da nação portugueza» coordenados pelo barão de S. Clemente, vol. V, pag. 18.

pelo funebre peso do remorso e do desengano, só pensou em um suicidio de heroe. Vendo inanimados n'aquelle catafalco immenso os famosos luctadores D. Jayme de Bragança D. João de Mendonça, conde de Vimioso e duque de Aveiro, D. Sebastião, não podendo occultar a suprema vergonha, pediu o cavallo a um dos seus nobres, a Jorge d'Albuquerque Coelho, e atirou-se desenfreado para o meio dos inimigos musulmanos, onde combateu como esses heroes que Homero descreve na sua admiravel epopeia. E assim se sumiu na onda mourisca! e assim se afundou no mais indecifrável dos mysterios!

D. Sebastião não era nm grande homem no campo da batalha:—era um tytan que escalarvária o Olympo, sem duvida, se não estivesse revestido com a toga de commandante em chefe d'um exercito. Entregasse essa dignidade a um homem experimentado e veriamos que o seu nome ficaria symbolisando o arrojo do soldado portuguez. O malogrado vencido de Alcaeer-Quivir, sem ser um Themistocles na tactica da guerra, era um Achilles na bravura dos combates, O seu enthusiasmo de guerreiro, a

sua coragem de cego patriota e a sua força de verdadeiro portuguez ficaram bem frizantes no epilogo funereo da derrota de Alcacer-Quivir.

Já que não pudemos chorar sobre as cinzas de D. Sebastião, porque ellas ficaram dispersas nas areas da Africa, como a folhagem batida pela ventania outomniça, choramos sobre a sua memoria e perdoemos-lhe o terrivel mal que nos causou:—a perda do que temos de mais sagrado e de mais digno, a perda da nossa independencia.

Carlos IV, pedoando um crime de rebellião comettido por seu filho, o principe das Asturias, exclamava, segundo um documento que acabamos de lér em uma obra franceza: «La voix de la nature désarme le bras de la vengeance.»¹

Sim, o perdão é digno de todas as almas nobres porque é filho do christianismo emanado do Golgotha e porque é a aureola refulgente da humanidade cuja origem se perde no nevoeiro dos seculos.

1—Memoires de Louis Bonaparte, vol. II, pag. 125.

O passado está coberto de brilhantes feitos em que predomina o perdão, essa vingança de corações magnanimos que surge no drama do Calvario, na crença dos Vedas, nas seitas de Zoroastro, nas immolações dos Kbonnds, na humanidade inteira que se alastra atravez dos tempos que a historia não alcança.

Perante as cinzas de um homem não é licita uma affronta, porque ella seria o mais estupendo dos escarneos atirado violentamente á face do genuino direito da natureza e da civilisação.

O infeliz monarcha não sabia a importancia da união nas vontades. Não sabia que a união da idéa deve acompanhar a união da força.

O padre Francisco Recreio disse bem quando escreveu:

«A união entre os povos é quem sustenta e mantem os imperios florescentes; a desunião e a intriga civil e a causa da sua decadencia e aniquilação. ¹

D. Sebastião não fez o mal para obedecer a

¹=(Documentos para a historia das cortes geraes da nação portugueza coordenados pelo barão de S. Clemente.) Obra citada, vol. V. pag. 40.

uma traição. Fel-o convencido de que venceria e de que legaria aos seus vindouros uma corôa brilhante. Está n'isso a grande attenuante do seu crime.

Perdão, pois, para o monarcha que tão infaustamente se embriagou no sangue de uma guerra enorme.

Alcacer-Quivir não é, não pôde ser o argumento da nossa debilidade physica, mas só e simplesmente a prova irrefutavel da nossa decadencia moral. A nossa nacionalidade, derrocando-se na sua grandeza epica, desabou como um soldado valente, como um soldado musculado de bronze. A guerra de Africa foi um combate de tytans indisciplinados.

D'essa guerra funestissima bem se poderia dizer como o grande Michelet de uma tempestade desencadeada em outubro de 1859:

C'était toujours le hurlement d'une grande chaudière qui bout. Aucune poésie de terreur n'ent agi comme cette prose. Toujours, toujours le même son: *Heu! heu! heu! ou Uh! uh! uh!*» ¹

¹—(La Mer,) pag. 81.

Foi negra a nossa sorte nas areas de Alcacer-Quivir? tambem é negro o carvão e d'elle se tira o diamante. . .

Foi triste o desenlace da campanha de Africa? tambem é triste o horror do mar e d'elle surgiu a historia gloriosa de feitos sem conta. . .

N'esse cataclismo ingente, ha uma coisa que nos fulmina,—o sudario de lagrimas trazido pela recordação da derrota; e uma coisa que nos enthusiasma,—a recordação d'essa photosphe-ra irradiante de heroicidade portugueza que nos exalça nas pandas azas de um pundonor digno da nossa fama e da nossa altivez.

O cometimento de D, Sebastião foi um mal irreparavel, não pode haver duvida, mas tambem é certo, certissimo, que cabimos, não perante uma traição do rei, o que seria a maior e mais infamante das vergonhas, mas perante enormissimas forças mussulmanas, sempre em o nosso posto de honra, sempre envoltos na verdadeira farda de soldados dignos e valentes, sempre electrizados pelo espirito da fé e pelo enthusiasmo febril do coração.

Foi com o desastre de Alcacer-Quivir que despontou a triste historia da dominação hespa-

nhola, Circe fatal que transformou os nossos heroes em cerdos hediondos, empannamento funebre que fez do azul purissimo do nosso ceu uma longa e tetrica abobada de onix. Esse dominio é que arraigou aqui, n'este torrão dulcissimo que ainda hoje é o attestado d'essas brilhantes Odysseias do passado, esse ideal infamante que ainda hoje synthetisa um pensamento corrupto surgindo, como lodo estagnado, na divisa de algumas bandeiras que se desfraldam nos perfidiosos baluartes do iberismo.

Vejamos esse periodo que bem se poderia chamar a pilepsia fatal da historia portugueza; experimentemos esse sacrificio violento, a representação pallida do quadro mais triste do nosso passado; tenhamos uma coragem de Mutius Scevola, que põe a mão sobre o brazeiro de Porsena por tentar salvar a sua patria,— para lembrar essa historia de oppressões, de hypocrisias, de fanatismos que até á alvorada de 1640 é uma serie de desgraças para este pobre paiz atassalhado pela calamidade de Alcaer-Quivir e por mil outras dissensões anarchicas e despoticas que ruíam o povo e a nobreza.

Assistimos, portanto, com resignação a esse cataclismo egregio, tragedia profunda da nossa historia patria, Barthelemy affrontosa da nossa autonomia e independencia, *âne de Buridan* indeciso entre a liberdade que brilhava como sol esplendido e a escravidão que surgia das promessas ephemeras de Castella.

IV

Depois da catastrophe de Alcacer-Quivir, a ambição cahiu com o seu peso de ferro sobre esta tão derrancada como outr'ora florescente patria. Era o sarcasmo da nossa decadencia que erguia sobre os cadaverosos montões da Africa o cadafalso fulminantissimo da autonomia nacional.

D. Henrique deixou de ser o Palladio para ser o traidor do seu povo. A sua nacionalidade já não era o objecto dos seus affectos; era o instrumento das suas vinganças. A audacia do

senil monarcha chegou a ponto de envolver n'essa depravada politica a excellencia do clero e a grandiosidade da nobreza, havendo assim uma profanação para os templos e uma deshonra para o povo.

Era impetuosa a corrente da desmoralisação que se alastrava pelo paiz incutindo um *virus* peçonhento e lethal. Por um lado vemos sacerdotes indignos atraçoando a religião purissima do Crucificado; por outro, vemos antigos heroes, como D. João de Mascarenhas, transformados em vilões e traidores. A litteratura, que era fluente, desaparece perante essa epocha empeçonhada de discordias e de crimes, ou antes, «vae perdendo os debeis bafejos de originalidade genial para cahir na mais extravagante alchymia de imagens empoladas e desnaturaes, de trocadilhos insossos, de fórmulas absurdas de affectadas paixões, d'onde raramente brota uma scentella de genio ou de verdadeira esthesia.» ¹

Só Camões e poucos mais poderam sahir d'essa penumbra que empannou uns lampejos

(1) «Livro de critica. Arte e litteratura portugueza d'hoje», por Luciano Cordeiro, pag 157 e 158.

de vitalidade nacional. O feudalismo, agora mais energico e despotico, tambem concorreu poderosamente para o nosso esphacellamento moral. Os nobres fizeram-se tyrannos e o povo desceu á lugubre masmorra da escravidão. No Oriente, uma politica detestavel foi causa da nossa anemia, da nossa decadencia commercial e industrial. Lisboa já não recebe a prata do Japão e o ouro de Sumatra, o ambar das Maldivas e os rubis do Pegu, as perolas de Ceilão e as porcellanas da China, as alcatifas de Schiraz e os damascos de Pequim, as sedas de Chaul e tantas outras riquezas que as frotas orientaes traziam para o Tejo.

Emquanto surgiam as maiores ambições ao throno portuguez, D. Henrique parecia curvar-se sobre a morte e Philippe de Castella, comprando vilmente a honra de velhos heroes, urdia as maiores traicões para implantar nos nossos baluartes o pendão hespanhol.

Em 1579, sabendo o cardeal-rei dos preparativos bellicos de D. Philippe na Andaluzia, em Napoles e na Sicilia, intimidou-se e resolveu convocar as cortes em Lisboa. Sé a principio se julgava ver em D. Henrique uns restos de

pundonor, em breve houve a convicção geral de que o velho monarcha queria, a todo o transe, legar o throno a D. Filippe II de Castella, ao terrivel e fatal *Demonio do Meio-Dia*.

Pouco depois, temeroso de alguma conspiração de D. Antonio, prior do Crato, a quem privára de todos os direitos de portuguez, entregou-se, quasi expontaneamente, nos braços de Filippe II.

Rebentou então uma lueta violenta. De uma e outra parte se publicaram os opusculos mais entusiasticos e mais energicos. Viu-se a dignidade posta em almoeda com um descaro vil e infamante ao lado da honra impoluta de poucos mas dignos patriotas.

Em 1580, para pôr fim a estas dissensões que começavam a abalar o poderio de Hespanha, D. Henrique convocou as côrtes em Almeirim.

Foi então que a palavra vibrante, entusiastica e patriótica de Phebo Moniz se ergueu contra o iberismo, contra essa corrente de descredito e de desmoralisação que começava a ruir a nossa nacionalidade. Foi então que esse vulto tão excelsamente honrado se ergueu chamejante

contra a prepotencia infame e corrupta dos portuguezes vendidos, tirando assim o labeu da profanação de cima dos heroes de Aljubarrota. ⁴

Phebo Moniz foi um relampago brilhantissimo na noite caliginosa das ambições e dos despos-tismos.

Sobre esta sympathica personalidade disse bem o brilhante publicista Luciano Cordeiro:

«Em volta do tribuno veem agrupar-se as tradições patrioticas, os manes dos que morreram pela liberdade da sua terra e dos que lhe inscreveram o nome em letras de immorredoura luz nos fastos das civilisações.

«Phebo Moniz é um gigante.

«E' um homem de bem no reinado do cardeal-rei! A sua palavra vigorosa, unvida de patriotismo e bom senso, inspirada pela historia severa e incorruptivel, desce como azorrague luminoso sobre aquella immensa orgia de canalha fidalga e da burguezia immoral.

«Na borda do precipicio, Phebo estende a mão por sobre aquella a Pinto Ribeiro.

(4) Veja-se a nota B.

«O sol mergulha no occidente, mas no seio das trevas prendem-se os elos da historia patria.

«Pinto Ribeiro é mais feliz do que Phebo. E' mais pequeno tambem. Elle e a sua gente lançam um velho pelas janellas, encarceram uma mulher, desarmam um punhado de mercenarios e carregam um João IV, com a corôa de um João I.

«Valem bem uma estatua, valem.» ¹

De Phebo Moniz poder-se-hia dizer ainda o que disse o eminente estadista e gloriosissimo publicista, Antonio de Serpa Pimentel, de seu companheiro e amigo, o immortal Alexandre Herculano :

«Amante da liberdade, acreditava que a igualdade era apenas um conseqüentario d'ella, e não sacrificava os nobres e imprescriptiveis direitos de homem livre á paixão niveladora da extrema democracia, na parte em que é filha de um sentimento invejoso e baixo. Apaixonado pelo ideal, nunca poderia comprehender as ultimas conseqüencias do que hoje se chama na arte a escola

(1) Segundo livro de critica, pag. 312 e 313,

realista. Espirito ardente, religioso, cheio de curiosidades e de anhellos para o infinito, não comprehenderea jámais a moderna philosophia positiva, excellente como methodo, fecunda na parte material e pratica, mas que mutila a alma, cortando-lhe as aspirações que são inherentes e congenitas á natureza humana.»¹

Ah! Phebo Moniz foi esse tribuno eloquente, austero, essa individualidade solemne, cujo nome concretisa a mais bella, pura e soberba inspiração do seculo XVI, que, com o coração a gotejar sangue e a consciencia a expandir idéas, se dirigia nobre e altivamente ao cardeal-rei, stigmatizando essa orgia satanica que nos arrastou ao captiveiro!

Phebo Moniz bem sabia que os vampiros do Escorial lhe haviam de beber o sangue pelo crime de defender com energia a sua patria. Foi encarcerado e morto mas o seu sangue não deixou de ser genuinamente portuguez.

Luiz Augusto Rebello da Silva disse bem quando escreveu:

«A gloria, mesmo a mais pura e a menos

1--«Alexandre Herculano e o seu tempo», pag. 220.

disputada, traz sempre espinhos. São arduas de subir as culminancias, e alcança-as o raio mais depressa. Se a luz do sol as doura primeiro, se os veus da noite as escurecem mais tarde, por isso mesmo expiam a primazia. O furacão enovella-se mais furioso sobre as alturas, as arvores erguidas e frondosas desafiam mais cedo a queda.» ¹

Phebo Moniz foi ferido pelo ferro das ambições mais infamantes porque a sua honradez não se podia vergar ao peso funebre do ouro e porque o seu talento brilhantissimo não era objecto mercantil e ephemero. A voz solemne de Phebo Moniz cahiu como um relampago no meio da anarchia formidanda que minava o edificio magestoso da nossa gloria passada. Era o grito da consciencia que lhe bradava com a impetuosidade de um trovão violento: — *Marcha ! marcha !*

Lá dentro da sua alma pura reinava uma serenidade triste e funerea como na epopeia de

¹—«Documentos para a historia das cortes geraes portuguezas,» c.
ordenados pelo barão de S. Clemente, vol. VII. pag. 393.

Dante no momento em que sobem funebres labaredas, com o horror da sua eminencia, d'esse segredo temeroso chamado *inferno*. E' que Phebo Moniz, sentindo palpitar-lhe nas veias o sangue genuinamente nacional dos seus antepassados, não quiz agrilhoar o seu coração para soltar a sua liberdade e o seu bem-estar social.

Bem poderíamos dizer como o adoravel orador Antonio Candido, um dos vultos mais sympathicamente illustres da nossa esphera litteraria:

«Isto é a gloria. E ella é para as nações muito mais do que se pensa vulgarmente. Não é apenas um brazão para deslumbrar estranhos: é tambem, para a cohesão intima dos povos, um elemento de mais força que a ethnographia, hypotetica, inextricavel na maior parte dos casos e que a limitação geographica, e que o principio religioso, e que o interesse politico. . . Este elemento não o destroem os cruzamentos physiologicosj nem as revoluções do *cosmos*, nem as mutações da consciencia, nem as contingencias dynasticas. Os povos que a verdadeira gloria vivifica vivem na realidade o tempo que lhes é possível viver: depois ficam na historia inteiros, incontaminados, como os cor-

pos dos que foram santos e a terra, por isso, não corrompe, não pulverisa, não desfaz! ¹

Phebo Moniz enobrece-nos porque é gloria, porque é um dos padrões mais austeros e mais perduraveis que se erguem no meio d'essa corrupção estupenda que se enroscava omnipotente pelo throno do cardeal D. Henrique, o traçoeiro vampiro que nos entregou ás mãos de Philippe II de Castella.

Pinheiro Chagas, um dos mais scintilantes ornamentos da nossa litteratura contemporanea, diz com a competencia de um espirito superior:

«Mas logo Portugal percebeu com jubilo que, no meio da geral corrupção, do desalento de uns, do servilismo d'outros, a voz austera e inflexivel de Phebo era verdadeiramente a voz da patria. Tando nas côrtes de Lisboa, como nas que se lhe seguiram de Almeirim, Phebo Moniz não cessou de invocar o direito que tinha o paiz de eleger quem o governasse; de protestar que não acceitariam as cortes senão um rei portuguez; de desmascarar todas as intri-

¹—«O infante D. Henrique.» Discurso proferido no Palacio de Christal, do Porto, no dia 3 de abril de 1889.

gas e subterfugios dos hespanholados; e ousou afrontar rosto a rosto o velho e irascível monarcha. A sua attitude desconcertou o soberano, envergonhou os traidores, deu coragem aos tímidos, e assustou D. Christovam de Moura, o agente de Filippe II.»¹

Era a redempção do povo que o magnetisava e a independecia da patria que o electrificava; era o raiar de uma aurora que lhe accendia o cerebro e a magica estrella do Occidente que lhe mostrava o caminho; era o surgir do mais brilhante apanagio que lhe incrustava a consciencia e o fulguroso cataclismo que lhe christalisava a vida!

Phebo Moniz foi um echo saudoso de liberdade que o *Demonio do Meio-Dia* suplantou na mais infamante das ambições. Foi indignamente vingado mas o seu nome ficara na historia patria symbolisando um incendio enorme e inextinguivel.

Mas deixemos Phebo Moniz entre os marmores da immortalidade, deixemos a sua vida que bem pode dar uma epopeia, deixemos a

¹ 4 — «Portuguezes illustres, pag. 71.

sua voz austera e vibrante que se apagou na solidão do orgastulo...

Morto D. Henrique, começou D. Filippe na sua obra abalando a liberdade nacional, ao passo que D. Antonio, Prior do Crato, tambem se preparava para se oppôr ás pretensões fraudulentas de Castella.

A lucta era energica. D'um lado combatia-se pela escravidão e pelo roubo, do outro lado combatia-se pela liberdade e pela honra ultrajada.

A 24 de junho de 1580 o Priôr do Crato fez-se acclamar rei em Santarem e a 25 de agosto do mesmo anno batia-se com o exercito de Filippe II, commandado pelo duque d'Alba, na famosa ponte de Alcantara. Ficámos derrotados não só pelas forças superiores de Castella mas principalmente pelos estratagemas do velho general de Carlos V.

Baqueou a liberdade e o despotismo ergueuse nas suas azas sinistras! A nossa força era diminuta e cahimos entre as garras do fero leão de Castella!

Ah! que triste, que lacrimante derrota!

O combate de Alcantara foi o esphacelamento

mais terrível dos verdadeiros soldados portugueses.

D. Antonio tentou depois sublevar o norte, mas foi vencido pelas forças de Castella em Coimbra, Aveiro, Porto, etc.

D. Antonio, a velha guarda da soberania popular, quatro vezes se bateu com os castelhanos e quatro vezes ficou derrotado.

Ameaçava-nos o terrível escarneo da sorte, esse escarneo que pairou, como tetrico phantasma, sobre esta gentil nacionalidade, até á data epicamente grande de 1 de dezembro de 1640.

O benemerito Prior do Crato, tingindo o paiz com o seu sangue, e deixando n'elle a sua musculatura de aço, qual martyr nas cumiadas escabrosas do Golgotha, foi depositar as suas cinzas no convento dos franciscanos, em Paris, n'essa grande cidade das artes e da actividade humana que foi berço de tantos heroes e de tantissimos patriotas.

Ainda bem que as suas cinzas, venerandas reliquias de uma epoca de cosmopolitismo decadente e desmoralizado, não poderam ser profanadas pelo odio tigrino de Filippe II, d'esse hypocrita que se transformou em monstro e

d'esse jesuita que se transformou em bandido.

Pouco tempo antes, tinha morrido Luiz de Camões, esse gigante que se não descreve, esse poeta que se não elogia, esse patriota que se não exalta, esse heroe que se não glorifica, esse soldado que se não apoteosa, — porque a sua grandeza é um mundo que arrebatava, porque a sua epopeia é um incendio que fulmina, porque o seu patriotismo é uma flamma que magnetisa, porque a sua heroicidade é uma força que escalavra, porque a sua valentia é uma futgurançia que fascina.

Oliveira Martins descreveu brihantemente as impressões que a consciencia humana experimenta diante dos grandes vultos:

«Os modernos discipulos de Apollo, um Haydn, ou um Mozart, um Beethoven, ou um Schuman, um Shakespeare, ou um Dante, um Schiller, um Camões, commovem, levantam, arrastam-nos consigo, para uma região limpa das miserias humanas, — como o mythico poeta da Thracia fazia aos bosques e aos rochedos do Olympo.»⁴

⁴—«Portugal a Camões». Publicação extraordinaria do «Jornal de Viagens», commemorando o tricentenario da morte do cantor dos «Luziadas», pag. 44.

Perfeitamente justo, porque Camões é para Portugal quasi um ser humano que tudo suplantava com a grandiosidade do seu genio. Discutit-o é brincar com um gigante de força sobrenatural.

Em um prefacio escreve o illustre publicista Theophilo Braga.

«O livro dos «Lusiadas» tornou-se para os portuguezes o deposito do germen da sua liberdade e para Portugal ficou o eterno pregão da historia, o monumento imperecivel do seu passado. Tres gerações passaram, para que a intelligencia portugueza comprehendesse a synthese profunda contida no nome e na obra de Camões — tal é o sentido do jubileu do centenario de 1880.» ¹

Um outro escriptor notabilissimo, reliquia sagrada d'essa legião de bravos que o nosso erudito Alves Mendes appellida de «nova *Ala de Namorados*» ², Antonio de Serpa Pimentel, diz com a alta competencia que todo o paiz lhe reconhece, ao terminar um livro que vin-

1—«Lusiadas de Camões», pag. 9.

2—«Herculano», Discurso no templo de Belem, pag. 26.

cula a magnanimidade do sentimentalismo com a sublimação nada vulgar das suas ideias :

«Trez seculos depois da morte de Camões morre Alexandre Herculano. N'este longo intervallo não ha um só nome em Portugal que aos dois se possa igualar. Estes dois nomes sós dão uma litteratura e uma nacionalidade.»¹

N'esta epoca de vandalismos, em que nos envolvemos, como em nevoeiro de morte, a alma dos portuguezes que não esqueceram os deveres da honra, sente umas vibrações de profanação e uns estremecimentos de agonia. O punção das suas ideias fascina-a, desvaira-a aquece-a... mas as crispações dos musculos, o calor do sangue, a energia do patriotismo cahe no mais doloroso dos desalentos perante o mar enorme que se alastrava pelo paiz com toda a sua corrupção e com toda a sua criminalidade.

Ao ver cahir esfrangalhada a independencia nacional e ao ver cabir sobre sua fronte o anjo apocalypticô dos sepulchros, Luiz de Camões escreveu ao seu predilecto amigo D. Francisco d'Almeida :—«Ao menos morro com a patria.»

1—«Alexandre Herculano e o seu tempo». Obra cit., pag. 220.

E assim morreu com o desespero de heroe! e assim se submergiu na bronca sepultura da morte! e assim se apagou a luz brilhante do maior vulto da nacionalidade portugueza! e assim ficou engolphada a patria nas guellas enormes do leão de Castella!...

De Camões bem poderíamos dizer como Camillo Castello Branco em um prefacio notabilissimo ao grande poema de Almeida Garrett:

«Nenhum homem como elle pôde redimir-se de suas fragilidades, divinizando os erros da imprudencia, fazendo-se amar nos extravios, e immortalizando-se em um livro que, ao fechar de tres seculos, alvoroça uma nação. E' de nós todos esse thesouro legado por um homem que no dia 10 de junho de 1580 expirava na obscuridade. Elle teve de esmola a mortalha. Permitta a Providencia das nações que os *Luziadas* não sejam a esplendida mortalha que Luiz de Camões deixou a Portugal.»¹

Mas deixemos este capitulo da historia, que bem pode servir de exemplo a presentes e a vin-

¹—«Camões» pelo visconde de Almeida Garrett, pag. LXXXIV.

douros, para lembrarmos esse novo acto tão profundamente triste e tão profundamente hediondo.

V

No dia 5 de dezembro de 1580, Philippe de Castella entrava solmemente em Portugal.

No momento em que os hespanhoes e alguns portuguezes vendidos alvorotavam o povo com gritos de enthusiasmo, os verdadeiros filhos de esta terra abatida, que se não vergaram ás scintillações do ouro castelhano, ao ouvirem os echos d'essa gritaria que bem pareciam gargalhadas de aves nocturnas e agooureiras, choraram perante o captiveiro da sua patria como aquelles prophetas que na antiguidade iam chorar sobre os exicios de seus imperios. Havia lagrimas de sangue como aquellas que Dario derramava depois da derrota de Marathona ou como aquellas que Mario derramou nas ruinas solitarias de

Carthago ao recordar o seu passado de grandezas e de infortunios.

O juramento de Filippe I (II de Castella) nas côrtes de Thomar, onde se fez reconhecer soberano de Portugal, foi um mero palliativo lançado perante a nossa ingenuidade. Aquillo não foi um juramento, foi um ludibrio; aquillo não foi uma affirmativa, foi um sarcasmo. A poeira de ouro lançada sobre a azul do nosso velho e bôm Portugal, pelos coveiros da Hespanha, em breve se confundiu com a negrura funerea de um charco immundo.

Não tardou muito que Filippe de Castella nos amarrasse ao Calvario dos seus despotismos! não tardou muito que um Synai de vilipendios resvalasse, qual avalanche enorme, por cima d'esta nacionalidade que fôra um Atlas de grandeza e um Hymalaia de glorias!

N'este reinado, ainda D. Antonio, Prior do Crato, tenta repellir o jugo dos cafres do Escarrial mas foi sempre infeliz nos seus empreendimentos bem dignos de protecção.

Debalde tentaram alguns portuguezes firmar a independencia, inculcando-se como sendo D. Sebastião. Esse crime, que para nós era um re-

lampago redemptor, foi para o intruso monarcha o saciamento das mais terriveis vinganças. A onda, elevando-se altaneira e espumante, já tinha presa nos seus vinculos immensos a flor da nossa fidalguia.

Os nobres eram os primeiros a oppôr as celeberrimas forcas caudinas, que tão dolorosas tinham sido para o exercito romano ao ser derrotado pelos samnitas, ao povo que se não deixára dominar pelo indomito vagalhão que nós avassalava.

Alexandre Herculano, essa personalidade augusta e eminentissima que não é menos alta, nem menos luminosa que Dante ou Goethe, que Schiller ou Cervantes, que Ariosto ou Thiers, que Manzoni ou Victor Hugo, disse com o elavadiissimo criterio que todo o mundo civilisado lhe reconhece:

«Ao lado dos vivas da soldadesca embriagada, em volta dos quartéis e acampamentos, onde está boje concentrada quasi toda a acção politica das sociedades, ouvem-se tambem os vivas de uma parte das populações. Estes applausos não partem de um grupo unico. Ha ahi o vulgo, que faz o que sempre fez; que sauda o

vencedor, sem perguntar d'onde veio, nem para onde vae, que vocipera injurias juncto ao patibulo do que morre martyr por elle, ou victorêa a tyrannia quando passa cercada de pompas que o destumbram. Ha abi os velhos interesses mortalmente feridos, que, não podendo defender-se como legitimos, buscavam até agora sanctificar-se pela poesia do passado, indo esconder as rugas asquerosas na luz frouxa da abside da antiga cathedral, mas que hoje se proclamam em nome do direito com gritos de furor e de ameaça»¹

Com o reinado de Philippe de Castella rasgam-se as paginas mais esplendidas do nosso poderio de alem-mar. A decadencia nacional, como um monstro mythologico, passa uma esponja por cima da nossa gloria passada, tornando obnoxio e retrogrado o andamento concentrado nos dictames da razão e no calôr sanguinio da nossa raça.

Perante as pretensões da Inglaterra, da França, da Persia e da Hollanda, desaba o mages-

1—«Da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal». Prologo pag. IV

tosso edificio do nosso progresso marítimo e colonial. Os povos do Oriente, instigados principalmente pela Inglaterra e pela Hollanda, começaram na sua faina de afundar, de queimar ou de roubar, por meio de traições bastante usadas entre piratas, todos os nossos navios de commercio ou de guerra. Foi assim que baqueou a nossa marinha, cuja importancia era tal que D. Sebastião conseguiu reunir mais de 800 navios para a celebre jornada de Africa, sem abandonar as navegações da India, do Brazil, de S. Thomé, da Terra Nova, do nosso immenso poderio colonial.

Oh! como o reinado do rei intruso foi fulminante para esta nacionalidade tão querida como historicamente gloriosa, a que chamamos patria, com este amor cego que nos aquece o sangue e que nos embriaga o coração.

Quando a infamante Elisabeth, vergonha dos Tudores e verdadeiro caracteristico da Grã-Bretanha, fez subir ao cadafalso a famosa Maria Stuart, depois de traiçoeiramente lhe dar guarida por espaço de 19 annos, D. Philippe aproveitou o ensejo para vingar antigas offensas, desacatos á sua fé e mais particularmente para

alargar o seu dominio, preparando esquadras sem rival no mundo afim de combater a Inglaterra. A *Invencivel Armada*, assim chamada pelos numerosos e bem construidos navios que a compunham, foi preparada quasi exclusivamente com dinheino e munições de Portugal para afinal ser destruida por Drake no canal da Mancha, no momento em que pairava sobre o mar um terrivel nevoeiro.

E' que a patria de Pedro Nunes e de Camões não merecia a Filippe de Castella este sentimento de coração, innato e sacratissimo, que mostra ao homem a prudencia vinculada com o sacrificio.

O enfraquecimento das nossas forças era muito conveniente para a Hespanha porque menos probabilidades haviam de uma revolução restauradora.

Que importava que o nosso paiz se arruinasse em beneficio da fé, da vingança e da ambição de Castella? absolutamente nada, porque Filippe era hespanhol e porque Portugal não era mais que uma reliquia de passadas glorias transformada em feudo de escravos!

Como reflexos brilhantes de uma luz que se

vae apagar, vemos na India e na Africa uma serie de feitos digna da fama dos portuguezes. Em Malabar, em Jor, em Ormuz, em Damão, em Malaca, em Manar, em Ceylão, em Angola, em muitas povoações da Africa Oriental, os portuguezes combatem, vencem e cobrem-se de louros, não á custa da politica castelhana, que é detestavel, mas só e simplesmente á custa do seu proprio valor. A Hespanha espreitava do Escurial a gloria do nosso braço como o tigre que espera a victima entre os troncos de velhas florestas. Philippe de Castella só queria consolidar a sua autonomia n'esta facha do occidente em que elle espetou as garras com a coragem de uma panthera.

Em breve desaparecem esses reflexos de luz para assistirmos á mais triste das calamidades.

A Inglaterra, avida pelas riquezas do Brazil, assalta-nos o porto de Santos, queima-nos a villa de S. Vicente, rouba-nos os armazens do Recife; a França, ciosa do nosso florescimento na terra legada por Alvares Cabral, tenta convulsionar os povos de Pernambuco e invade-nos estultamente o Maranhão, fundando, como escarneo á nossa soberania, a cidade de S. Luiz.

Estava lançada a pedra do nosso descredito e da nossa decadencia nos dominios de allemar, n'esses dominios em que Portugal gerou a epopeia fulgurosa da sua grandeza!

No continente, uma importante esquadra equipada pela Hollanda e pela Inglaterra, transformada em quadrilha de piratas, rouba os nossos navios, as nossas manufacturas do Oriente, as nossas riquezas commerciaes e industriaes.

E qual foi o motivo de tudo isto que é a maior fatalidade da nossa historia patria, senão as ameaças e ambições do Escurial?

Foi isso que mais plausivelmente se poderia chamar um cyclo de ferro do que um reinado, o que Filippe I (II de Castella) fez a Portugal, não obstante as promessas ludibrias das côrtes de Thomar.

Durante o reinado de Filippe II, filho e successor do tetrico *Demonio do Meio-Dia*, a corrupção augmentou e o descontentamento crescia no coração da plebe opprimida.

Quando no paiz se praticavam os crimes mais horrorosos, a Inglaterra, a Hollanda, a França, muitos outros povos civilisados e gentios tratavam de empolgar o nosso poderio colonial.

As luctas de S. Thomé, de Angola, de Moçambique, de muitas outras possessões africanas, lançaram uma anemia dolorosa sobre o dominio da nossa Africa. Por toda a parte o gentio se levantava contra nós, ora comprado pelo ouro das nações estrangeiras, ora repugnado pela politica infamante de Castella.

No Brazil não eramos mais felizes. A França não se cançava de invadir Pernambuco e Maranhão. Os apostolos d'esses latrocinios não cessaram de prégar utopias. Perante a bandeira franceza hasteada por Voux sob o sol dos tropicos, vimos cair o nosso respeito no desprezo dos sobas.

Ao passo que Portugal soffria esses revezes na Africa e no Brazil, a India aproveitava-se de esta conflagração geral para levantar o pendão da revolta. Arakan, Pegu, Molucas, Achem, Ormuz e muitas outras possessões que nos prestavam vassalagem foram o theatro de uma explosão enorme destinada a enfraquecer-nos e a arruinar-nos.

Talvez que espiritos meticulosos pensem que essas calamidades successivas tanto podiam acontecer em um reinado puramente nacional

como em uma época governada por um rei estrangeiro. A esses, aos apologistas da união ibérica, poder-se-hia perguntar: Qual o alvo das animadversões da Inglaterra, da Persia, da Hollanda, de todos esses paizes que nos hostilizaram? não era, por ventura, o Escurial com todas as suas ambições, com todas as suas offensas, com todos os seus crimes? e não foi a Hespanha que, com a sua politica de requintada má fé, enfraqueceu poderosamente, infamemente, a nossa marinha, o elemento mais poderoso da nossa defeza colonial? que premio deu a Hespanha aos nossos heroes que na Asia, na Africa e na America sustentaram brilhantemente o seu posto de soldados destemidos? em nome de que principios abriram o peito d'esses guerreiros com o stigma da deshonor? que significavam esses ferros, só dignos de bandoleiros, onde deveria permanecer a apothose? que galardão deram aos seus triumphos admiraveis?

Os ensinamentos da historia, a deusa inflexivel da verdade, são a prova evidente, irrefragavel, de que só á Hespanha devemos o tristissimo legado de uma decadencia enorme.

A phrase philosophico-fatalista *tinha de ser*

desapparecera de ha muito com as alvoradas esplendentes d'esse cyclo que fez do seculo XIX uma epoca de luzes.

Goethe proferia no ultimo arranco de vida o sonho dourado das gerações que se succedem.

O fatatismo é um pensamento só digno de intelligencias baixas que se submerge em um barathro pestilencial. Não ha razão para predominar porque é um impossivel e uma estupidez.

No reinado de Filippe III, a decadencia de Portugal chega ao seu maior auge. O senado de Lisboa foi obrigado a vender muitas riquezas e a hypothecar todas as suas rendas para sustentar os caprichos dos validos do Escorial ou para fazer face ás continuas invasões do Oriente, da Africa e do Brazil.

Logo, nos ultimos tempos de dominação castelhana, pouco depois que Filippe III se sentou no throno portuguez, a Inglaterra, a Hollanda e outras nações lançam sobre o nosso organismo desalentado a espada da traição. Foi assim que a nação da Mancha se apossou de Ormuz; foi assim que os hollandezes conquistaram a Bahia; foi assim que todas as nações sequiosas de po-

derio colonial, levantaram os trabucos sobre a decrepitude de Portugal.

Em Macau, em Malaca, na Mina, em Quixome e em Moçambique, graças á energia e ao patriotismo de velhos portuguezes, conseguimos sahir do combate cobertos de gloria.

Ephemera grandeza ! A derrota de S. Salvador da Bahia impressionara-nos vivamente. Foi então que a Hespanha, que temia a derrocada das suas colonias americanas, preparou uma forte esquadra, parecendo interessar-se por nós. Em breve, porém, a Hespanha, passada a febre do momento, tratava de nos arruinar com o rigor dos impostos, sem vantagem para a nossa regeneração nacional e colonial, ao mesmo tempo que Pernambuco cahia nas garras da Hollanda.

As guerras religiosas da Europa central, entre os protestantes e os catholicos, incommodavam deveras o governo hespanhol. A França, coberta de gloria em Corbie, Alsacia, Arras, Perpignan, etc., fomentava, ao mesmo tempo, as revoluções de Portugal e da Catalunha.

A Hespanha, então, resolveu arruinar Portugal com exigencias despoticas, preparando-se para supplantar a sublevação da Catalunha.

Agora, a oppressão cahia sobre o povo e sobre os nobres como um raio destruidor. Gentilezas da Hespanha! . . .

D'esta decadencia poder-se-hia dizer como um brilhante escriptor nos *Quadros historicos da liberdade portugueza desde 1828 até 1834*, ao commemorar um ataque da villa da Praia, na Ilha Terceira :

«N'um momento Portugal, que era uma campina alegre, matizada de esperanças de mil côres, se tornou em um sombrio e ermo deserto; o riso da primavera, que respirava na face de todos, foi trocado em luto, e os cantos de alegria e bençam, que ainda faziam echo, foram substituidos pelo choro do innocente, pelas lagrimas da esposa e pelos lamentos da viuva; qual sentia a falta do braço alimentador do pae; qual a companhia do esposo e qual a perda do consorte! Portugal trocou a gala em iuto e parece que toda a sua gloria tinha de-cido aos abysmos da eternidade que a espada do usurpador tinha aberto de uma só vez.

«Desde o momento d'esta usurpação, que fôra preparada por erros e caprichos apoiados por braço estrangeiro, a religião e as leis não-

serviram senão de instrumento do crime, não tanto do príncipe desvairado, como de seus indomitos e mal intencionados validos, e foi assim que um povo pacífico e desejoso de liberdade viu abertas as masmorras para o receber, e levantadas as forcas para o punir do delicto de querer gosar de seus direitos, ver observadas as leis e feliz a sua terra natal!»⁴

Eram de ferro as algemas, mas era necessario quebral-as. Essa funebre mortalha em que Portugal estava envolvido ha sessenta annos, não podia deixar de ser rasgada porque o seu contacto maculava a gloria famosa das nossas tradições.

Era necessario, era indispensavel, era urgente repellir a tyrannia porque ella é o verdadeiro Acheronte que leva a sociedade para o Tartaro das angustias e dos tormentos.

Victor Alfieri escreveu bem, segundo uma traducção franceza :

«La tyrannie est si contraire à notre nature,

⁴—Documentos para a historia das côrtes geraes da nação portugueza, coordenados pelo barão de S. Clemente, vol. VI. pag. 650.

qu'elle renverse, affaiblit ou détruit dans l'homme presque toutes les affections naturelles.» ¹

O amor da patria não tinha morrido. Portuguezes havia que a amavam com o mais entranhado dos affectos, que a rodeavam como os filhos de Niobe ao serem surpreendidos pelas flexas mortíferas de Apollo e de Latonia.

A aguia quebrou o ferro e surgiu.

VI

Faz-nos tremer a recordação do dia 1 de dezembro de 1640. Aquelle dia não é um dia esplendente de sol, é o dia mais ridente da nossa historia patria, é a epopeia mais brilhante d'um povo que vive e pensa.

Não é uma calamidade que nos assombra, não é um cataclismo que nos aniquilla, não é um sarcasmo que nos envergonha, não é um infortunio que nos avilta; é um lampejo que nos

¹—De la tyrannie, pag. 423.

exalta, é um ar que nos vitalisa, é uma scintilação que nos extasia, é um facto que nos glorifica.

O dia 1 de dezembro de 1640 é uma das paginas mais gloriosas, mais luzentes, mais preclaras da existencia de um povo.

Podem tirar-nos tudo, mas esse dia ficará a attestar vibrante e solememente, na grande successão dos seculos, a nossa vitalidade, o nosso heroismo e a nossa gloria.

Fallando dos anniversarios, diz bem o illustre publicista brasileiro, Leite Guimarães :

«E' um novo dia que desponta ante a perspectiva de uma nevrose social, lavrando, como febre, por todos os pontos do misero planeta terraqueo.»¹

A recordação de uma data é um allivio, é um alento vital. Ella ergue-se ás cumiadas do bello, espadana enthusiasmos, mortifica soffrimentos, incuba regosijos, expande-se e electriza a consciencia humana. A recordação é uma vida.

Assim como Lazaro se levanta do sepulchro,

¹—«Faiscas», pag. 248.

rompendo a terra e quebrando a pedra perante a voz austera de Christo, *surge et ambula*, re-tumbada em um meio de descrença e de dissolução, assim tambem o povo portuguez se levanta do captiveiro em que fôra lançado pelo jugo de Castella perante a voz eloquente e severa, tersa e fulminante de alguns patriotas que bem poderiam dizer como Laménais :

«Povo, povo não durmas, que bem tempo é de accordares ! Escravos, erguei-vos e despedaçae esses ferros que de ha tanto sobre vós aviltam o nome do homem. Accaso quereis que vossos filhos recebam em legado esses grilhões, e que feridos pelo seu peso, exclamem, que fostes mais cobardes do que os escravos romanos, porque entre elles houve ao menos um Spartacus ?»¹

Portugal, em um esforço supremo, arrancou a espada da bainha e cortou magestosamente a corda que nos amarrava ao ignominioso tálo da escravatura. Era a aurora da emancipação que surgia.

Amanhecera um dia de inverno. As monta-

¹—«Escravidão moderna». Trad. de J. M. Nogueira, pag. 46.

nhas ostentavam a sua colgadura de prata e as arvores permaneciam immoveis, como funebres cyprestes, chorando a geada da noite sobre as campas solitarias. O sol despontava tremulo e cobria com os seus raios luarentos e desconso- lados a vermelhidão nacarada da manhã. Aves nocturnas e agoureiras pareciam chorar as in- temperies do inverno por entre as pernas de arvores vetustas e por entre os buracos de ve- lhos e desertos campanarios. A atmospheria era frigida e inclemente como uma aragem espeda- çadora da Siberia. O povo, resguardado mais ou menos da congellação aerea que o torturava, dirigia-se tranquillo para as officinas do seu tra- balho.

Oh! quem diria que era aquelle o dia da nossa restauração?!

Um punhado de homens, fortes como aço e pundonorosos como Egas Moniz, tinha resolvido arrancar a patria das garras tigrinas do fero leão das Hespanhas.

Constellação brilhante, emprehendimento enorme!

O fulguroso orador sacro, a magestade do pulpito portuguez, conego Alves Mendes, des-

creveu bem esse cataclismo ingente — apanagio de luz e apanagio de vida :

«Quando, no dia 1.º de dezembro de 1640, os fidalgos conjurados portuguezes soltaram o grito da independencia, que os immortalisou, estava naturalmente com elles a revolução, cujos ministros e impulsores eram eferventissimos. Não passavam de quarenta e quasi inermes. Quarenta! nm contra mil, um atomo perante um colosso, um verme imperceptivel diante do primeiro potentado do mundo!

«Mas se lhes minguava a força e o ferro, sobrava-lhes a razão e o direito. E o convencimento da razão è o convencimento do triumpho—faz prodigios: a certeza do direito é a certeza da victoria—faz milagres. Por isso planejaram, avançaram, venceram. Planejaram n'um segredo inviolavel, avançaram com um arrojo impreterrito, venceram sem uma nodoa de Sangue! E digo sem uma nodoa de sangue — porque o sangue do Cain então justicado é como o sangue das feras: não merece lagrimas humanas, nem entra nas paginas da historia.

«Perfeitamente inaudito, difficilmente acredi-

tavel. Os gigantes mythologicos, no intuito de escalar o ceu e rehaver um solio usurpado, andaram longo tempo pondo serras sobre serras, e afinal expiaram a estulticia soterrados no Ossa e no Polion, depois de feridos pelos raios de Jupiter. Pois esses verdadeiros gigantes no espaço d'uma hora, ou pouco mais, escalaram o Olympo e revindicaram um throno, sem lhes succeder mal algum: penetraram no Paço da Ribeira, açamaram os janizaros, atassalharam Vasconcellos, capturaram a Duqueza de Mantua; voaram ás masmorras e soltaram os presos, correram ao tribunal e attraíram os desembarcadores; apossaram-se das guarnições da cidade e dos navios de guerra, dos castellos de S. Jorge e de Almada, das torrés de Belem, Bugio e Caparica e do forte de Santo Antonio; acclamaram D. João IV, organisaram o governo provisorio e transmittiram a nova da interpreza a todas as provincias do reino! Interpreza estupenda, mil vezes sympathica e mil vezes santa, quiçá a maior no seu genero de quantas psalmodeja a lingua humana! bafejada pelos alentos magneticos de D. Philippa de Vilhena e esmaltada pelas reverberações nervosas de D.

Marianna de Lencastre; tracejada pelo cerebro potente de João Pinto Ribeiro e propellida pelo braço intremulo de D. Miguel d'Almeida; vigorizada pelo espirito vulcanico de D. Carlos de Noronha e enaltecida pelo coração magnanimo de D. Antão d'Almada; reforçada pelo presidente do senado de Lisboa, o patriotico D. Pedro de Menezes; honorificada pelo veneravel metropolitano D. Rodrigo da Cunha, e confirmada solemnemente, confirmada e abroquelada por por essa Judith inflexivel de todos os despotismos, por essa Debora salvadora de todos os captiveiros, a consciencia publica, a opinião — a opinião que, n'aquelle grande dia formosissimo quando o Tejo diluía turquezas e o sol pulverisava brilhantes, sollevou Portugal redivivo, victoriando-o com trovejante entusiasmo sobre o mais inapreciavel dos thronos e sob o mais pulchro dos doceis — o throno da independenciã e o docel da liberdade!»¹

O grande feito de 1640 não é propriamente

¹ «Patria». Discurso destinado para a inauguração do monumento aos restauradores de Portugal, pag. 38, 39 e 40.

um feito de armas; é um feito memoravel de sciencia e de amor patrio.

Alli não presidiu a ambição monetaria nem mesmo a ambição de gloria; houve só e simplesmente a ambição sacratissima da independencia e da liberdade. É que as ambições de dinheiro ou as ambições de gloria, ao passo que erguem o homem nos louros viridentes de uma força bem orientada, aniquilam-o na grandeza dos seus brios, na dignidade das suas ideas, na honra da sua consciencia. Esplendidas, perfeitamente esplendidas ambições!

Com o famoso empreendimento de 1640 surge uma aurora nova á luz da qual se incrustam no Pantteon da posteridado esses vultos epicamente grandes que scintillam epopeias e que concretisam incendios verdadeiramente phantasticos.

N'essa famosa expansão da consciencia humana avultam magicos tytans que bem se podem comparar a Jupiter da *Iliada* que bramava trovões, que fusilava raios, que incendiava os ceus, que ruia a grandeza do Olympo. Essa familia heroica é o assombro e a magnetisação da nossa historia.

Esquecel-os? nunca, jamais!

Lá se salientaram João Sanches Baena, o benemerito vulto do movimento restaurador, e João Pinto Ribeiro, a grandeza personificada do feito antonómico; lá se ergueram D. Alvaro da Camara, o patriota que primeiro arvorou a nossa bandeira abatida, e D. Rodrigo da Cunha, o digno prelado que tão briosamente adheriu á revolução; lá se inflamaram Pedro de Mendonça, o terror dos tudescos que deffendiam o jugo Filippico e Nicolau da Maia, o valente sacerdote que tão admiravelmente combateu os castelhanos; lá se enthusiasmaram D. Antão d'Almada, o esplendido heroe do Paço da Ribeira, e D. Antonio da Cunha, o propagandista prodigioso da nossa emancipação; lá se revigorisaram D. Carlos de Noronha, a esbelta figura de 1640, e D. Antonio de Castro, o energico vitalizador da nossa liberdade; lá se electrísaram D. Antonio de Menezes, o guerreiro audaz, e D. Antonio Tello, o afamado espirito da revolução; lá se pundonorisaram D. Fernando de Menezes, o terror da duqueza de Mantua, e D. Francisco Coutinho o heroico conjurado; lá se preclarearam D. Gastão Coutinho, o temerario

combatente na fortaleza de Cascaes, e D. João de Menezes, o ingente fidalgo d'essa magica revolta; lá se perpetuaram Jorge de Mello, um dos bravos que desarmou a guarda castelhana, e D. Miguel d'Almeida, o venerando octogenario que primeiro levantou o grito da liberdade ao disparar o tiro combinado; lá se glorificaram o duque de Bragança, o fidalgo que acceitou a corôa de rei e a corôa de libertador, e D. Luiza de Gusmão, a notavel mulher que instou valentemente com seu marido para acceitar o espinhoso cargo de soberano; lá se fulgentificaram D. Marianna de Lencastre, essa mãe sublime que armou seus filhos Antonio e Fernão Telles da Silva, e D. Filippa de Vilhena, essa mulher tradicional que tão sympathicamente ergueu esses dois guerreiros intrepidos, como os filhos de D. Marianna de Lencastre, chamados D. Jeronymo de Athayde e D. Francisco Coutinho; lá se exalçaram, finalmente, esses heroes invenciveis que são o assombro e a scentelha mais brilhante d'essa historia patria, tão cheia de grandezas, tão cheia de epopeias, tão cheia de glorias.

Scena admiravel, scena gloriosissima!

Os heroes de 1640, fitando o sol da restauração da patria, levantaram um vôo alteroso e rapido, qual aguia que, desprendendo-se dos alcantis da montanha, sobe até desaparecer nas altas regiões atmosfericas, deixando atraz de si um rastro luminoso como o clarão de um grande incendio,

Tem razão La Rochefoucauld quando escreve :

«L'amour est à l'âme de celui qui aime ce que l'âme est au corps qu'elle anime.»¹

Perfeitamente justo. O amôr inspira os mais brilhantes reflexos da immortalidade. O amôr é o mar immenso, bonançoso ou encapellado, das gerações humanas que pôde levar um povo ás lagrimas do martyrio ou ás culminancias da gloria. O amôr obedece ás evoluções historicas e ora se afunda no pelago da desgraça, como a famosa Carthago ou como a heroica Polonia, ora se levanta, ebrio de enthusiasmo, como a Suissa ao quebrar as cadeias da Austria ou como Portugal ao sacudir o jugo ultra-despotico

1—«Maximes et reflexions morales», pag. 408.

da Hespanha. O amôr ergue-se com o baptismo da historia e com o irradiamento da gloria, ou abatte se com o aniquillamento moral e com a ebulição social. O amor é a musculatura bronzada de Viriato ao escalavrar as pretensões de Galba, ou é a hombridade de Egas Moniz ao apresentar-se de corda ao pescoço perante o soberano de Castella. O amôr é o extasiamento de D. Henrique ao contemplar de Sagres a formosa estrella dos descobrimentos maritimos, ou é a força audaz de D. João de Castro por entre as ameias esburacadas de Diu. O amôr é a heroidade aventureira e feliz de D. Nuno Alvares Pereira na memoravel batalha de Aljubarrota, ou é a ousadia do celebre navegante Pedro Alvares Cabral ao procurar o caminho para as Indias. O amôr é a coragem epica de Vasco da Gama ao luctar com o lendario gigante Adamastor, ou é o alento magnetico de Camões ao salvar nos dentes as paginas monumentaes dos *Lusiadas*. O amôr é a caridade de fr. Bartholomeu dos Martyres que muitas vezes se esquecia do sustento proprio para prodigalisar esmolas dos desprezados da fortuna, ou é a valentia de José Estevam que, vendo-se só e sem pro-

vimentos de polvora, chamuscou as barbas de um official miguelista no celebre reducto da *flexa dos mortos*. O amôr é, finalmente, toda a religião das nossas crenças, é toda a tragedia do Calvario, é todo o enthusiasmo civico, é o sentimento instinctivo do povo, é a vibratilisação afflanadora da vida humana.

A revolução de 1640 foi a consequencia do amôr patrio, d'esse amôr a que os portuguezes sinceros prestam a mais febril e enthusiastica apothéose.

Os proprios sacerdotes, revoltados por uma tyrannia nefasta que se oppunha ás doutrinas perfeitamente sympaticas da retegiação de Gethsmani, envolveram a sua dignidade austera n'esse amôr digno de todas as paixões, levantaram o estandarte de uma revolução sagrada, brandiram essa espada cuja lamina só sabia cortar os vinculos da escravatura e hastearam a cruz que tantas vezes servira de consolação nas horas amargas da adversidade e de coragem no campo nublado e sanguinolento dos combates. Os sacerdotes, que ás vezes não sabem cumprir com o seu dever perante as ambições do onro, como n'aquella epoca tristemente calamitosa

em que Portugal caiu nas garras de Castella, levantaram-se agora á luz de uma alvorada esplendorosa e combateram como heroes pela honra offuscada e pela patria opprimida, amaldiçoando, na embriaguez da sua gloria, aquelles traidores que escarneceram do Evangelho e que proclamaram a nossa escravidão. E' que o clero de 1640 sabia perfeitamente que a religião do Golgotha não era uma crença de hypocrisias, de assassinatos e de embustes. Christo não era um homem criminoso.

Na antiguidade, a Grecia era um paiz de me-retrizes e Roma era um poderio de devassidões. Tudo isso desapareceu com os reflexos de uma dignidade que surgiu e, hoje, esses povos, que eram perigosos pelo seu contagio venenoso, são dignos do nosso respeito porque são civilizados e porque sabem separar os crimes da honra e da liberdade.

Os padres corromperam-se com o ouro de Castella até ao ruir da desmoralisação que suplantou Portugal durante sessenta annos. No fim d'esta epoca quebram-se as cadeias da escravatura e o padre apparece como excelso apostolo de Christo.

Ainda bem que lhe podemos prestar esta homenagem depois de o atacarmos profunda e violentamente nos seus desvarios que foram a macula mais vergonhosa d'essa classe que é uma das mais respeitaveis desde que cumpra com o seu dever.

Jean Jacques Rousseau foi consciencioso e digno quando escreveu:

Renoncer à sa liberté, c'est renoncer à sa qualité d'homme; aux droits de l'humanité, même à ses devoirs». ¹

A escravidão é um crime perante o poggio, é um vilipendio perante a sociedade, é uma es-carneo perante a consciencia. Prender uma nação não é só prender uma idéa; é tambem prender a vitalidade de um povo.

Os heroes d'este pequeno pedaço de terra que nos vigorisa os nervos e nos acalenta os pulmões nao tem das façanbas mythologicas senão a realidade na semilhança. E' por isso que os portuguezes não recuam nas grandes em-prezas sociaes.

Marcar passo sem avançar não é, não pode

1—Du contrat social ou principes du droit politiques pag. 22.

ser digno de um povo que pensa, de um povo que se engrandece á custa da sua imaginação e á custa do seu trabalho.

Os heroes de 1640 quebraram o gladio hespanhol que tão inexoravelmente pesava sobre nós porque a escravidão só pode servir para as feras e nunca para as gerações humanas.

Do excelso empreendimento restaurador bem se poderá dizer como Homero, o Jupiter da sua propria epopeia, segundo uma tradução de P. Giguet abreviada e anotada pelo distincto homem de letras Feillet:

«Cependant le combat s'anime sur leur pas atroce, semblable á un impetueux incendie qui envahit une cite, demeure des humains, et la consume soudainement». ⁴

O dia 1 de dezembro de 1640 christalisa uma idea e synthetisa um poema. Surge magnifico recordando os fulgores de uma grandeza, as grandezas de um cometimento, os cometimentos de uma epopeia, as epopeias de uma independencia. Esses bravos que concretisam a dignidade de um povo que se levanta de um le-

4—«L'Iliade et l'Odyssée, pag. 440.

thargo funereo e infamante, ergueram-se nas brancas azas do seu pundonor e, em um d'esses momentos de arrojo patriotico, partiram os elos que nos amarravam a um plourinho de ferro e quebraram a algida tampa chumbada no granito que sepultava a bandeira admiravel das nossas quinas.

Esforço admiravel! A restauração de 1640 não é uma tragedia de sangue, é o canto harmoniosissimo de um povo que se vê em liberdade; não é um drama em que jorram torrentes de lagrimas, é a epopeia de um paiz que assiste ao raiaer esplendido da emancipação!

Deante d'essa expansibilidade sublime bem poderiamos dizer como o illustre padre Vicente de Santa Rita Lisboa quando os deputados de 1821 prestaram juramento na famosa basilica de santa Maria Maior, na capital do nosso paiz:

«Quem nos diria a nós, ó portuguezes, que depois de tantos annos de amargura, quando até um suspiro era um crime, chegaria tempo em que todo o cidadão portuguez entrasse na posse de seus direitos e pudesse dar um aj em liberdade! Lagrimas innocentes, gemidos

tristes, vós não podestes chegar aos ouvidos do mais amado dos reis; barreiras quasi insuperaveis vos desviavam, mas vós chegastes até ao céu, penetrastes até ao throno do rei dos reis, e aquella mão divina, mas poderosa, que tantas vezes tem levantado os portuguezes do centro da dôr e da amargura, novamente desce a consolar-nos, inspira nas almas grandes sentimentos nobres, continua-lhes aquelle valor sempre natural nos portuguezes, ateia em todos os corações um fogo que mais abraza do sue apparece e faz levantar em toda a monarchia um grito... grito consolador, poucas almas deixariam de apreciar os teus encantos e a tua força. ¹

De Palmyra e de Babylonia só vimos restos mutilados que andam dispersos pelos areas da Syria, quaes funebres caveiras que apparecem reliquiando os seculos no campo que servira de theatro a uma guerra sanguinolenta. Porque é que não resurgiram das suas ruinas como a

1— Documentos para a historia das côrtes geraes da nação portugueza, coordenados pelo barão de S. Clemente. Obra citada, vol. I, pag. 133.

Phenix das suas cinzas e Portugal dos seus destroços ?

E' porque as duas florescentes cidades de outr'ora eram a imagem veridica d'essa estatua que, segundo a tradicção, tritarou o famoso Nabuchodonosor : — ostentavam uma cabeça de ouro occultando uma base de barro esfarelante. E' o resultado de governos ineptos e indolentes !

Em 1640 levantámo-nos como um Lazaro perante a voz austera e solemne de Christo porque a raça portugueza era uma raça de heroes, uma raça de gigantes, — epicos como tytans escaladores do Olympo, herculeos como o seu proprio organismo refundido em bronze. Cada soldado era um Palafox immortal, cada capitão era um Cesar valentissimo, cada mulher era uma Veturia patrioticamente sublime.

Não era uma conflagração que derribava um throno portuguez, era o vôo vertiginoso da aguia que se erguia até esses ambientes salutiferos onde não chegam as imprecações do assassino, os arrenegos do malvado, as pragas do bandido.

A revolução de 1640 foi o prologo de um he-

roismo estupendo, a batalha de Montijo foi o desenlace de uma epopeia fulgentissima.

O novo monarcha, o sr. D. Carlos de Bragança, que nos governa em um periodo caliginoso, por entre as tempestades financeiras e diplomaticas, tem nos feitos do passado a norma esplendorosa do seu proceder.

Felizmente, não faltam as acções generosas realçando a valentia dos heroes.

Todo o soberano portuguez que se inspirar na grandeza do passado e nas licções de uma historia sem macula terá um povo que o estremece, terá a consolidação do seu throno.

Um governo sabio é o deslumbramento desigualavel de um paiz que se levanta placido com o surgir da aurora da civilisação e da liberdade.

Os valentes de 1640 são os idolos do nosso nome, da nossa autonomia e da nossa virilidade.

Não profanemos, pois, as suas cinzas, reliquias sacratissimas da nossa historia e seremos grandes porque prestamos ante o altar da patria a homenagem febril e conscienciosa do nosso coração.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

En el estudio de la historia de la literatura hispanoamericana, el autor se ocupa de la evolución de la novela y del cuento en el período de la independencia y el siglo XIX. El autor analiza la influencia de los modelos europeos y el surgimiento de la novela hispanoamericana. El autor también estudia el desarrollo del cuento y su relación con la tradición oral y literaria. El autor concluye que la literatura hispanoamericana del siglo XIX es un producto de la mezcla de influencias europeas y americanas.

En el estudio de la historia de la literatura hispanoamericana, el autor se ocupa de la evolución de la novela y del cuento en el período de la independencia y el siglo XIX. El autor analiza la influencia de los modelos europeos y el surgimiento de la novela hispanoamericana. El autor también estudia el desarrollo del cuento y su relación con la tradición oral y literaria. El autor concluye que la literatura hispanoamericana del siglo XIX es un producto de la mezcla de influencias europeas y americanas.

En el estudio de la historia de la literatura hispanoamericana, el autor se ocupa de la evolución de la novela y del cuento en el período de la independencia y el siglo XIX. El autor analiza la influencia de los modelos europeos y el surgimiento de la novela hispanoamericana. El autor también estudia el desarrollo del cuento y su relación con la tradición oral y literaria. El autor concluye que la literatura hispanoamericana del siglo XIX es un producto de la mezcla de influencias europeas y americanas.

En el estudio de la historia de la literatura hispanoamericana, el autor se ocupa de la evolución de la novela y del cuento en el período de la independencia y el siglo XIX. El autor analiza la influencia de los modelos europeos y el surgimiento de la novela hispanoamericana. El autor también estudia el desarrollo del cuento y su relación con la tradición oral y literaria. El autor concluye que la literatura hispanoamericana del siglo XIX es un producto de la mezcla de influencias europeas y americanas.

FIN DE LA PRIMERA PARTE

SEGUNDA PARTE

I

E' precisamente n'este momento, em que recordamos a independencia da patria, que nos é grato escrever, como epilogo a uma expansão de entusiasmo patriotico, algumas ideas sobre essa calamidade que ignominosamente se chama iberismo. A ultima propaganda iberica posta em acção pelos aulicos de Salmeron e de Magalhães Lima tem crescido de um modo mais ou menos vertiginoso, tanto na Hespanha como em Portugal. A vergonha do passado parece ser hoje a esperanza de loucos visionarios.

Apotheótisar o iberismo e advogar a decadencia, é realçar a escravidão. O principio de

nacionalidade é calcado vilmente e profanado com todos os horrores de uma repugnancia enorme, quando se trata de dar alentos a essa idea só digna de vampiros do proprio saugue e de renegados da propria vida.

O iberismo é um crime e um escarneo: — é um crime que fulmina a emancipação nacional e é um escarneo que desalenta a vitalidade de um povo. Os apologistas da união iberica são os carrascos do seu nome e os coveiros repugnantes d'esta orle formosissima e semeada de padrões gloriosos a que chamamos patria.

Foi para esses homens demasiadamente ingenuos ou demasiadamente perfidos que o brilhante poeta Thomaz Ribeiro escreveu:

«Pobre patria! que para esta gente não sei se és uma gloria, se um vilipendio! não sei se és uma bandeira, se um espantallo!»¹

Iberismo! . . . quem o não ha de repelir enérgica e conscienciosamente?! . . .

Ah! como essa idea faz corar de vergonha um povo que aspira á liberdade porque vive o

¹—D. Javme». Prologo, pag. LIII.

pensa, porque tem consciencia e a não quer aviltada!

Rebello da Silva, o scintillante orador que le-gou uma das paginas mais brilhantes e mais so-lemnes á nossa historia parlamentar, disse com a febre do seu patriotismo, bem differente d'es-sas declamações banaes que são o apanagio de uma decadencia dolorosa:

«Não sonhamos engrandecimentos falsos que encerram futuros tenebrosos. Não aceitamos promeças que a experiencia ha dois seculos des-mentiu. Não queremos de Castella senão ami-sade, respeito reciproco, accordo de interesses e... menos zelo pelos nossos destinos. Sepa-rados quasi no berço vivemos com gloria, uni-dos pela força agonisamos. Somos irmãos—mas irmãos independentes, com existencia e indivi-dualidade propria.»¹

Aprendamos no passado porque é lá que está a lição para o futuro. O passado pode, é certo, ser susceptivel de nova orientação, porque os seculos que se succedem tem por diviss a ve-lha frase franceza *le monds marche*; mas está

1—«Discurso proferido no Parlamento» em 1869.

lá o principio que se não pode destruir, mas está lá o germen de tudo que se não pode aniquillar, mas está lá a synthese ou a analyse de todo o nosso viver. O passado é o esqueleto ; o futuro são os elementos anatomicos mais ou menos abundantes de sangue, de vasos e de fibras. O direito sociologico é um laço que prende nas tradições do passado e estende-se através dos horisontes mysteriosos do futuro, mais ou menos aperfeiçoado, segundo os costumes da epoca.

Teixeira de Vasconcellos, o brilhantissimo e popularissimo escriptor, alma feita de luz e para a luz, que, sendo tão nacional deixou as suas cinzas em Paris, succumbindo ante a inflexibilidade da morte, disse com o seu alto criterio por todos reconhecido :

«Tenho muita affeição aos hespanhoes. E' uma grande nação. Quero-os para visinhos, para irmãos. para amigos, para alliados, para confrades no trabalho da civilisação, para tudo emfim, menos para darem cabo do que tanto nos custou a estabelecer e firmar.» ¹

1— «A fundação da monarchia portugueza». pag. 44.

Sim, nós também gostamos d'essa amizade porque desejamos a amizade internacional. A paz é a consequencia immediata d'essa amizade e é o apanagio mais soberbo da prosperidade das nações no momento actual em que o cerebro é a espada de ontros tempos. A paz é este palco que reúne em um só todos os trinados das aves e é esta caçoleta de oiro que attrahe ao mesmo ambiente todos os perfumes do prado; é este calix que encerra todo o oxigenio das plantas dado em troca do acido carbonico; é o resplendor formosissimo de um astro que synthetisa o hemispherio com toda a magestade de brilho e com todo o deslumbramento da apothéose.

Com a união iberica assistiriamos ao desabar do magestoso edificio da paz, assistiriamos ao doloroso eclipsar de dois astros:—a Hespanha e Portugal, a patria do Cid e de Cervantes e a patria de Viriatho e de Camões.

Esse ajuntamento poria em derrocada a historia altiva dos dois paizes e daria começo a uma nacionalidade preñhe de precipicios e de calamidades. Para essa nacionalidade só se poderia esperar, no fim da sua marcha escabrosa,

um cataclismo sanguinolento e despotico, imagem cruel de uma Babilonia modernamente atroz.

Com rasão diz Leopoldo Bresson, o famoso publicista francez :

«La liberté est á la fois le résultat et la condition du progrès ; sans elle, il n'y a plus de responsabilité, ni par consequent de moralité.» ¹

A liberdade é a valvula de segurança de um povo e é o apanagio rutilantissimo de uma nacionalidade solidamente cimentada. Sem ella, o povo é quasi um collectividade irracional senão indolente e abatida ; e a nacionalidade é uma confusão de principios senão a bestialidade do solo e o desintelecto popular.

Teixeira de Vasconcellos diz ainda :

«Entremos na confraternidade universal dos povos, mas não queimemos por isso a nossa boa casa, porque em nenhuma outra estaremos tanto á vontade como n'esta que nossos antepassados fizeram, amassando com o proprio sangue o barro de que lhe levantaram os mu-

¹—«Idées modernes,» pag. 346.

ros. Amemos os hespanhoes. São nossos irmãos, mas juremos a nós mesmos ficar portuguezes, como nol-o estão pedindo a honra e o interesse.»¹

E' este, e só este, o pensamento de todos aquelles que amam sinceramente, ardentemente e patrioticamente esta facha occidental que nos alenta, que nos engrandece, que nos vitalisa com as suas auras rithmicas e fagueiras, com as suas façanhas de dignidade e de heroismo, com os seus affagos de mãe e de clima prehe de oxigenação pura.

Alexandre Herculano, o magico auctor da *Voz do propheta* e da *Harpa do crente*, disse bem quando escreveu em um dos seus livros mais brilhantes :

«O passado ! Quem mais o amou do que eu n'esta terra ? quem volveu nunca os olhos com mais saudade para as suas tradições ? Mas as tradições de que eu tenho saudade, mas o passado que eu amo não são essas lendas absurdas, inventadas por interesses mundanos, dos quaes,

1—A fundação da monarchia portugueza. Obra citada, pag, 118.

por mais graves que sejam, nem a philosophia nem o christianismo consentem se faça o ceu instrumento. Nos tempos que foram o que me sorri, não só como saudade, mas tambem como esperanza, são as tradições d'essa liberdade primitiva, posto que incompleta, filha primogenita do evangelho, que elle gerara para mãe, para abrigos das sociedades da peninsula, d'essa liberdade, rude e turbulenta como uma creança educada á lei da natureza, mas como ella robusta e viçosa; d'essa liberdade que se estribava nos habitos, que resultava de instituições positivas e exequiveis e não de instituições copiadas quasi ao accaso da primeira theoria que houvesse transposto os Pyreneus, d'essa liberdade que tornava a monarchia uma causa santa, necessaria, indestructivel, é que a monarchia por desgraça sua e nossa, foi lentamente esmagando debaixo do seu throno, formado dos *in folio*, politicamente fataes, do Digesto, do código e das glosas e commentarios das escolas de Italia; d'essa liberdade, que, desenvolvida e organizada logicamente com a sua origem, nos teria poupado talvez á gloria immensa, mas para nós mais que esteril, de nos convertermos

em victimas da civilisação da Europa, de revelar o Oriente á sua cobiça, para logo virmos assentar-nos extenuados n'um occaso de tres seculos; d'essa liberdade que nos teria salvado por certo de um longo estrebuchar em esforços impotentes de emancipação, que tomámos como lições de estranhos, e que era mais velha para nós do que o era para elles.»¹

E quem é que nos attesta esse passado que nos deve embalar no presente e orientar no futuro? Não é a luz fulgentissima da historia e a claridade limpida de uma consciencia illibada que franquearam ás gerações do tumulo e os evolucionamentos de tempos que passaram?

Assim como as pedras e os ossuarios, as linguas e os poemas, a architectura e a mythologia, os tumulos e os templos mostram inabalavelmente os segredos e as expansões do passado, tamdem os gritos do martyrio e as lamentações do ergastulo, as epopeias de um povo e os rasgos de valentia, as vibrações do talento e as auras magneticas da consciencia humana mos-

1—«Opusculos,» vol. III. pag. 64.

tram clara e eloquentemente as ideas redemptoras que devem surgir atravez dos seculos como um ensinamento lucido e vibratil.

Renegar as auroras do passado é parar na estrada do progresso, é errar o trilho do dever, é caducar a civilisação, é envergonhar a raça, é obscurecer o consciencia.

O passado nem sempre é brilhante, mas é sempre ensinativo. E' alegre como um cantico de victoria ou triste como uma tragedia de morte.

Sessenta annos de cruel escravidão devem mostrar ao povo portuguez quanto é nobre a independencia, quanto é sagrada a emancipação e quanto é sympathica a liberdade.

A historia, mais rigida que montanhas de granito e mais forte que laminas de diamante, mais duradoura que os destroços de Karnat e mais soberba que os marmores de Apollo, mostra bem ao povo portuguez quanto são de sangue as lagrimas de uma nação opprimida e quanto é flagellante esse spectaculo de dôr que surge como ave spectral dos tumulos escarnecendo dos mais santos progressos nacionaes.

Ha alguem que hoje tenta escarnecer da propria licção dos factos manchando-se com o lodo

fétido e estagnado por uma idéa que vae de encontro aos verdadeiros sentimentos da consciencia.

A favôr do iberismo, argumenta-se com as condições geographicas, com a conveniencia d'uma federação peninsular, com as vantagens de uma monarchia grandiosa ou de uma vasta republica. Argumenta-se com tudo isso que não passa alem de uma estupidez indesculpavel ou de uma utopia infamante, e nem sequer ha o bom senso de pensar que as idéas da annexação vão de encontro ao principio mais sagrado das nacionalidades — á independencia que almeja toda a humanidade.

Hoje falla-se muito em patriotismo e, no fim de tudo, como desenlace doloroso e cruel, substitue-se essa palavra com a hypocrisia. Chegámos a uma epoca de desmembramento geral em que as idéas não nascem do coração, mas sim das ambições do ouro ou das ambições da gloria. Para nós é ponto de fê que o materialismo é que corrompe a sociedade. Nos grandes centros sociaes, o povo, atordoado pelo bater do martello das fabricas e pelo rodâr pesado dos vehiculos, parece beber os seus sonhos em uto-

pias ephemeras, preferindo-os á consciencia do dever.

O iberismo é uma idea que necessita crenças desequilibradas. Para a combater, torna-se indispensal uma consciencia limpa e uma instrucção genuinamente nacional, illibada de toda a idiopathia menos sympathica á causa do nosso decoro.

Mirabeau, o eminente orador da tribuna franceza teve rasão quando disse, segundo um estudo que temos soáre a nossa banca de trabalho, devido á penna illustre de A. Vermorel:

«Pourquoi faire circuler parmi les hommes le droit du plus fort ? C'est un code bien triste et bien dangereux. L'instruction, cette arme plus douce, plus puissante même, suffira á l'organisation ou des sociétés et les preservera des convulsions de la violence.

«La nature est une parfait législatrice, ou plutôt elle est la seule, et je n'ai prétendu parler que des institutions humaines quand j'ai avoé qu'elles étaient la base de la tyrannie et le berceau de la servitude.»¹

¹—Mirabeau. Se vie, ses opinions, ses discours, vol. 1, pag. 120.

Sim, o direito do mais forte é a lei mais estúpida d'este seculo que, ao mesmo tempo que avança tambem retrocede. E' uma lei tyrannica, é verdade, mas permanece no costume das nacionalidades, costume perante o qual devemos estar em constante vigilancia. Para nenhuma outra coisa são necessarias tantas sentinellas de atalaya. Não são as forças policiaes e militares, sómente que devem velar por esse depostismo; é todo o povo que deve reparar, com olhos de lynce, para esse elemento destruidor da liberdade e da independencia, para esse elemento que faz desabar os mais sagrados direitos da justiça e os sentimentos mais dignos da nossa honra.

A instrucção é nma das armas efficazes, uma das mais importantes, com que podemos combater um grande mal para o paiz como é, inegavelmente, o iberismo em Portugal e Hespanha. A instrucção do povo leva o mesmo povo á mais nobre das victorias, A luz é a base esplendurosa e segura das nacionalidades.

O iberismo, pois, indo de encontro á lei da dignidade humana e á instrucção dos povos, não pôde ser acatado por quem se preza de amar

entranhadamente, profundamente, a sua patria. E a revolta do 1.º de dezembro de 1640 é a prova mais irrefragavel de que a patria é o culto mais esplendente de um povo que vive da liberdade e da emancipação.

Os heroes de ha 252 annos, fortes como os soldados de Numancia e corajosos como os vencidos de Carthago, derribaram a columna a que estavam amarrados porque não era sómente uma parcialidade nacional que chorava no ergastulo; era um povo inteiro que gemia debaixo do leão formidoloso de Castella.

Impetuosa tem sido a torrente que alaga a Hespanha e que bate com os seus castellos de espuma sobre esta nacionalidade que se levanta como rochedo immutavel em vasto mar mostrando o nome epicamente grande, epicamente sublime de Portugal. O ferver e o bramir d'esse pelago de ambições ou de desvarios nunca conseguiu alcançar nos seus trepamentos audaciosos o subpedaneo em que o heroico pastor dos Herminios arvorou a bandeira da patria, bandeira sacratissima como as que fluctuaram ostantes nos minaretes de Bagdad, nos castellos de

Sagunto, nas pedras de Jerusalem, nas muralhas de Carthago.

Diderot, o celebre pensador francez, entre muitas impiedades, teve razão quando escreveu :

«Maudit soit l'impertinent qui ne s'aperçoit pas qu'en aucun temps les lumières ne furent aussi populaires, et que cette popularité ne peut nous acheminer qu'à quelque chose d'utile.»¹

Sim, o povo que em 1640 despedaçou os ferros que o torturavam fez mais do que uma libertação pessoal; tornou independente para si e para os vindouros a patria que estava agrihoadada.

«A nossa nacionalidade, diz um escriptor illustre, tem poderosas razões de existencia, e não pôde depender, senão momentaneamente, do capricho de um conquistador ou das combinações de um estadista. Nenhum d'elles poderá contra este reino mais do que em favor nosso ha de valer sempre o caracter firme do povo,

1—«Oeuvres choisies». Edition du centenaire, pag. 386.

o desenvolvimento da civilização e a seriedade circumspecta do nosso procedimento politico.

Esses dotes são os alliados mais fieis e poderosos do povo portuguez. Com elles e só com elles, se salvou nas crises difficeis. D'elles depende tambem no presente e no futuro.

«Se por qualquer circumstancia infeliz vierem a faltar-nos essas qualidades na hora do perigo, ainda encontraremos na herança paterna um dever glorioso :

«Acabar com honra, escrevendo com o nosso sangue a derradeira pagina da historia portugueza.»¹

Sim, seria esse o unico meio para salvarmos a honra no occaso da independencia, seria o verdadeiro Jordão onde se realisasse o nosso Baptismo e a nossa gloria mais imarcessivel. Portugal não é, nem poderia ser, um moderno Anru que fosse entregar a sua espada nas mãos d'esses prophetas mussulmanos que a historia conhece pelo nome de mollabs. O progresso hodierno não consentiria que repudiassemos a nos-

¹—Teixeira de Vasconcellos. «A fundação da monarchia portugueza», pag. 119 e 620.

sa patria querida, como outr'ora a Grecia das lendas e dos heroismos, porque isso seria o esphacellamento doloroso do que temos de mais sagrado e de mais altivo. Se a nossa independencia baqueasse, Portugal não ficaria sendo mais do que um foco de luz bruxoleante como a lampada de uma cathedral sem a intensidade luminosa dos grandes astros. A Hespanha, então, seria o Oceano ou a urna funeraria onde chorariamos desditas e fatalidades perante o epitaphio dolorosissimo *Finis Portugal* até uma resurreição que nos levantasse d'esse leito de louros emurchecidos pelo simoum da corrupção ou por essa força que vence o direito e que é a mais eloquente e frisante prova de cobardia de uma sociedade que se desequilibra e que baqueia na anarchia podrissima dos espiritos.

Ancoremos, pois, a nau da nossa redempção n'este mar alteroso e semeado de cachopos a que fomos arrastados por essa estrella de desmoralisação e de cynismo mil vezes mais infamante que aquella nuvem que guiou a raça corrupta dos Neros na antiguidade classica ou a raça fratricida dos Cains na antiguidade oriental. Deixemos passar a negra tempestade que

ruge violenta no coração dos pseudo-patriotas para podermos navegar tranquillamente no mar azul e limpido do nosso pundonor.

Está n'isso a aspiração da nossa gloria e o sonho da nossa esperança.

II

Os apologistas da união iberica argumentam com as condições geographicas da peninsula como se a Geographia podesse abalar a autonomia dos povos. Essa sciencia estuda a organização physica, politica e mathematica de todas as nacionalidades, mas não pode influir mais ou menos poderosamente nos povos que preferem a um baluarte bem artilhado com todos os seus escravos, uma vida pobre mas independente e livre.

As instituições sociaes, quer obedeçam a um rei quer obedeçam a um presidente de república nada teem com as condições do terreno.

cap. 100 m. h. m. f.

Isso só pode ter vantagem para uma amizade reciproca e até para uma alliança offensiva e defensiva segundo as conveniencias internacionais.

Se a autonomia dos povos obedecesse sómente ás condições de terreno, muitas nacionalidades que hoje vivem progressivas e independentes, teriam que renegar o seu passado glorioso, profanando indignamente as cinzas de antigos e athleticos heroes que deixaram os prazeres domesticos para expandirem o sentimento esthetico do seu coração perante a idéa nobre e esplendida da liberdade e da independencia. A vida autonoma das nações sujeita ás conveniencias phisicas do terreno seria uma mentira estulta e infame, uma verdadeira e inevitavel escravidão.

Mais do que a Geographia, a Historia tem poderosa ligação com a politica internacional, e, contudo, a vontade dos povos, que é a lei suprema de todas as organisões sociaes, está muito acima d'essa sciencia. A Historia vae aprefeiçoar a familia e a raça, vae mostrar aos vindouros o trabalho dos nossos antepassados, vae levantar altares na crença dos povos, vae synthetisar

progressos em uma sociedade que avança, vae fazer nas paginas de ouro do seu Pantheon a philosophia e a apothéose da humanidade ; a vontade do povo faz mais, politicamente fallando, porque solta a liberdade do ergastulo que é o escarneo mais cruel da sociedade, porque vae aureolar os costumes de uma geração livre, com a luz sympathica do progresso humano, porque vae iniciar uma era nova nos fastos de uma nacionalidade que arranca das mãos do tyranno o chicote liberticida com que era azorragada, porque vae despertar os accordes fulgurantes da emancipação que não tem remorso e que é o sentimento da propria consciencia.

Felizmente para nós, as condições geographicas e os ensinamentos historicos não podem servir de argumentação efficaz para a união peninsular. As condições geographicas e muito poderosamente a historia dão resultados contraproducentes porque vão ferir a propria vontade dos ibericos que se degladiam em um baluarte de lama infecta e pestilenta. Essas relações, que são mais apparentes do que reaes, pedem uma amizade internacional intima, santa, mas nunca absolutamente nunca, poderão confundir os dois

povos, cuja grandeza está na sua autonomia,— a aurora brilhante e immorredoura da liberdade.

O fulguroso estylista Manuel Pinheiro Chagas, o já celebrado Castelar portuguez. discorrendo acerca do livro de Fernandez de los Rios, *Mi mission en Portugal*, diz, com a sua alta competencia historica, que «antes do seculo XV não havia Hespanha, mas sim reinos independentes e hostis uns aos outros.» ¹

Ora aqui está como desaba esse castello de palavras febris e entusiasticas, de esthetica mirabolante, com que os apologistas da união ibérica tentam illudir os povos na sua acãnhada philosophia e na sua ingenuidade nacional e politica. A argumentação não tem valor algum quando é necessario recorrer a uma mentira para advogar a vantagem de uma idéa. Fatalmente ha de cahir porque é flexivel e esboroante a materia dos alicerces.

Luciano Cordeiro, uma das notabilidades mais

1—«A união ibérica e a candidatura d'El-Rei D. Fernando», por A. Rodrigues Sampaio, Eduardo Coelho, Luciano Cordeiro e Pinheiro Chagas, pag. 39.

justamente consideradas no nosso meio litterario, abundando nas mesmas idéas, escreve:

«Nascido no seculo XI, em meio das luctas pertinazes, intestinas ou exteriores das multidões guerreiras que os restos das sociedades wisigodas e as migrações cavalheirosas de além Pyreneus ou d'além Biscaia constituíam em oscilante sociedade politica, Portugal, como o Hercules da tradição, tem logo no berço que travar temerosa lucta.

«D'um lado os árabes aguerridos e audazes, do outro os castelhanos, aragonezes e leonezes, que não desistem no perigo commum, e, no commum antagonismo com os sarracenos, de estrangular a nascente nacionalidade portugueza e de trazer á sujeição antiga a terra portugalense, ameaçam constantemente obstar, interromper por vezes e algumas retrazar a edificação da nova nacionalidade politica.»¹

Nós poderíamos descrever larga e minuciosamente as origens da nacionalidade portugueza, mas como não é nosso intento fazer a histo-

¹—«Livro de critica. Arte e litteratura portugueza de hoje.» Obra citada, pag. 127 e 128.

ria da península, vamos apresentar os factos mais geraes que comprovam exactamente o contrario do que desejam os sustentaculos do iberismo.

No decurso d'esta humilde tentativa, nós já-mais esqueceremos aquella frase de Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, que encerra uma grande verdade, proferida em 1822 no parlamento portuguez:

«Ora bem certo é, e bem claro estamos vendo que uma ruim causa não pôde ser defendida com boas razões.»¹

«Se não reconhecessemos no iberismo uma injustiça para o nosso temperamento e uma afronta para a nossa historia, certamente que deixaríamos encerradas no nosso coração o grito da nossa autonomia e a autonomia da nossa vitalidade.

O distincto e finado jornalista Eduardo Coelho, respondendo ao sr. Fernandez de los Rios, teve razão quando escreveu:

«V. ex.^a vê na formação do nosso reino um facto caprichoso, filho da ambição de um aven-

1—«Documentos para a historia das cortes geraes da nação portugueza», pelo barão de S. Clemente. Obra citada, vol. I, pag. 565.

tureiro, e cita em seu apoio a auctoridade de A. Herculado, perguntando depois: *Onde está o germen da aspiração de Portugal á sua independencia?* Herculano responde-lhe n'uma das suas paginas:

«*Affonso Henriques estava talhado para desenvolver largamente a idéa da nacionalidade portugueza, idéa que amadurecera e se radicara nos animos de modo indestructivel.* Mas v. ex.^a não tinha obrigação de citar trechos d'estes; bastava que apontasse outros mais elasticos e que se dobrassem ao seu proposito. A escola democratica fundou o direito das nações, na vontade livre dos povos, e na uniformidade de sentimentos que os faz agruparem-se em familias distinctas, mas v. ex.^a não tem obrigação de deixar de argumentar com os caracteres geographicos, de deixar de imaginar que a nossa independencia foi uma separação, nem de estudar como homem de sciencia os caracteres ethnographicas e linguisticos, e ainda os ethnographicos, e basta que repita o que certos auctores disseram com pouco criterio e ás vezes menos auctoridade.

«Pelo lado das condições geographicas v. ex.^a

podia ter lido no geographo moderno, Réclas, e n'outros, trechos como este:

«A zona de largura uniforme que se destacou do corpo da península ibérica para seguir ao destino dos campos do littoral era igualmente limitada de antemão pelas condições do solo e do clima... Como n'um preceitado químico, um chrystal toma uma existencia distincta e se limita por arestas definidas, assim Portugal se destacou do resto da península, dando-se fronteiras rectilíneas... A parte viva, activa do grande corpo ibérico lançou-se fóra da pesada massa da Hespanha, muito lenta em seguil-a no seu movimento.»¹

Portugal não foi comprado pela força das bayonetas ou pelos horrores da artilheria a um povo solido e positivamente estabelecido, como a Polonia ou como Gibraltar; Portugal não foi escavado das areas destruidoras do seculo, como essas lendarias reliquias de Carthago ou de Palmyra que hoje synthetizam bem quanto é fatal a immoralidade dos governos. Este gentil Por-

¹—«A união ibérica e a candidatura d'El-Rei D. Fernando.» Obra citada, pag. 122, 123 e 124.

tugal nasceu da anarchia que minava os povos da península, surgindo ao alvorecer brilhante da emancipação e ao raiar esplendido da liberdade, nasceu com a epica coragem que magnetizou os povos de Tyro e de Veneza e com os relampagos solemnes que rasgam o espaço mostrando a barreira que existe entre o rugir dos barbaros e o despontar da civilisação.

Com razão diz o sr. Luciano Cordeiro :

«Nós não somos filhos da Hespanha moderna, da Hespanha — Estado, ou se querem da Hespanha — Nação.

«Somos até seus irmãos mais velhos.

«Nascemos primeiro, e quando a Hespanha actual era — se é que deixou de ser — uma expressão geographica apenas e não uma unidade politica ou social, já nós eramos uma nacionalidade, um estado, uma individualidade social distincta.

«Desagregou-se Portugal da monarchia leoneza, como no reino vegetal se desagregam os organismos quando teem attingido as condições de vida propria.»¹

¹—«A união iberica e a candidatura d'El-Rei D. Fernando». Obra citada, pag. 83.

A nossa historia patria, que tem um valor assombrosamente superior ás argumentações arditosas dos renegados da independencia nacional, brada bem alto á nossa consciencia para que não acreditemos nas condições geographicas de peninsula como vantagem para a celebrada união iberica.

Na historia do povo luzitano predomina a influencia da civilisação romana, o que já é um desastre para as pretenções ibericas. Ninguem ignora que foi da lingua romana que derivou a nossa e que, portanto, Roma havia de exercer uma grandissima importancia na fundação de Portugal, como veremos mais adiante.

A origem da povoação peninsular perde-se na antiguidade por entre as lendas phantasiosas dos barbaros. As investigações mais eruditas a este respeito, mais se poderiam fazer á face das sciencias geologicas do que perante os ensinamentos tenuissimos, quasi inuteis, da historia.

Sabe-se que da Asia central vieram os iberos que se alastraram pela peninsula, de cuja raça ainda hoje vivem os vasconços ou euskaros, que se julga serem de origem arjana. Os marinheiros da Phenicia que navegavam pelo

Mediterraneo, impellidos pelas tempestades ou por mera curiosidade, descobriram na península ibérica um solo esplendido para moradia social. Estabelecidas assim communicações commerciaes entre as costas da Phénicia e os centros mais povoados da península, em breve, muitos selvagens de diferentes raças começaram a seguir os baixéis que se dirigiam para o occidente. Foi d'aqui que se estabeleceram muitas e muitissimas colônia que mais tarde, quando os celtas, vindo da Gallia, transpuseram os Pyreneus e se alastraram pela península, deram motivo a uma conflagração violenta que só terminou com a confusão completa das raças. Hoje não parece crível a genuinidade d'essas raças porque, confundindo-se e cruzando-se os sexos na successão d'essa cadeia extensissima que é a testemunha da posteridade, é natural, naturalissimo, que o sangue dos primitivos homens, que formaram uma familia distincta, não legasse ás gerações de hoje o calor globular e incorruptivel da antiguidade. O sangue humano como quasi todas as substanciaes materiaes, é susceptivel de degenerescencia.

Segundo alguns escriptores, com Humboldt

á frente, os luzitanos nasceram da fusão dos iberos com os celtas, opinião esta que é combatida por muitos outros historiadores e geólogos que asseveram ser a raça luzitana descendente dos turdulos e dos turdetanos, por estes povos habitarem ao sul do Tejo, embora completamente degenerados. A pouca unidade das affirmativas fundamentadas em argumentos geológicos e históricos bastante flexíveis, põe em duvida manifesta a descendencia dos povos da Luzitania. O que é certo, certissimo, é que esses povos cresceram, civilisaram-se e, com uma alliança sympathica, formaram o reino de Portugal com condições de vida independente e indiguo de toda e qualquer tutela.

Depois que os phenicios se estabeleceram, cruzando relações com os celtas e outros povos que abandonaram o calor doentio da Asia, em especial, para virem occupar a peninsula, Troia era destruida ardilosamente e muitas colonias gregas eram obrigadas a emigrar. Lá fóra, por intermedio dos marinheiros que atravessavam os mares para commercio das suas mercadorias, a Luzitania tinha a fama de um El-Dorado com horisontes de ouro espelhando-se em rios

phosphorecentes de prata. Atravez de todas essas phantasias, obumbradas por um sol de saphiras, correram as colonias da Grecia, uma das quaes, tendo á frente o famoso e cantado Ulysses, fundou, segundo a lenda, a cidade de Lisboa.

Depois do estabelecimento dos gregos, não tardou que os povos de Carthago quizessem disputar o ouro e a prata que se arrancava de entre os variados mineraes da península. Os cartaginezes, correndo ao chamamento dos cadi-tanos que viviam hostilizados pelas colonias phenicias, vieram a Hespanha e conseguiram domar quasi toda a península. No fim da primeira guerra punica, conflagração violenta entre Roma e Carthago, a Luzitania tentou quebrar o gladio affrontoso que a affligia, mas o general cartaginez Amilcar conseguiu abafar as expansões dos luzitanos, embora elles o matassem nas margens do Douro, depois de uma resistencia tenaz que lhe offereceram os cuneenses, povos que habitavam o Alemtejo e Algarve. Apesar do auxilio prestado pelos luzitanos á florescente republica da Africa, Carthago tyrannisava-os como se tratasse de um feudo de escri-

vos. Annibal, filho e successor de Amilcar, não teria vencido em Cannas se lá não apparecesse o braço forte da Luzitania. Os heroes de Sagunto depressa deixaram esquecer o dever da sua dignidade, fazendo baquear a sua honra e os lampejos da sua tradição. Os cartaginezes atraçoaram a sua consciencia, empanando o brilho da carreira gloriosa de Annibal.

Com a batalha de Zama em que ruiu a grandeza de Carthago, por causa dos devaneios censuraveis de Annibal nas florestas do Cauro e do Falerno, onde Fabio Maximo poz em pratica o seu systema de contemporisações, os romanos invadiram a península, dividindo-a em Citerior e Ulterior. N'esta ultima parte ficavam a Beetica e a Luzitania que mais tarde, depois das traiçoeiras victorias de Decio Juno Bruto, fôra reduzida á forma de provincia. Roma começava a pesar sobre os luzitanos como um cataclismo de ferro. A aguia do occidente estava humilhada mas não abatida. Recuperou forças e surgiu com Viriatho, com esse gigante decantado que legou á posteridade o seu nome ingentissimo, repellindo sempre, com suprema heroicidade, as investidas audaciosas de Roma.

Quinto Servilio Scipião, não podendo aniquilar com a força a gloria da Luzitania, quebrou a lealdade nos combates para se servir do punhal na traição. Foi assim que elle comprou vilmente os renegados Minuro, Aulaces e Dictalião que enterraram em Viriatho, estando a dormir, o punhal ignominioso do odio romano.

Com a morte do gigante, a Luzitania teve um parenthesis de subjeição até que Sertorio, capitão de Mario, fugindo ás proscricções sanguinarias de Sylla, foi chamado pelos luzitanos e investido na toga do commando. Sertorio accetou, se é que directa ou indirectamente não correu para isso, com a vingança violentissima que movia o seu coração contra os despoticos generaes da sua propria patria. A paixão que bramava em si, como um vulcão estupendo, superava o sentimento esthetico da sua alma. Renegava a patria renegando a tyrannia nefasta que imperava em Roma.

Sertorio conseguiu fazer da Luzitania um reducto digno de Viriatho, verdadeiro supplicio de Tantalos para os romanos. Por isso mesmo é que o consul Metello promettera um premio de cem talentos de prata e vinte mil geiras de terra

a quem decepasse a vida de Sertorio. Realmente appareceu Perpenna que apunhalara o glorioso general em plena occasião de um banquete, em Huesca, depois de Sertorio ter prestado á península o concurso de toda a sua actividade civilisadora e digna.

Com a morte de Sertorio, a Lusitania pareceu submeter-se ás ambições de Roma, depois de algumas derrotas de Marco, que succedera no commando do antigo e famoso capitão de Mario. Pompeu preponderava então na Península. A traição de Perpenna, tingindo o punhal no sangue de Sertorio, e talvez a inhabilidade de Marco perante a tactica especial dos romanos, proporcionaram a Pompeu a realisação dos seus sonhos aventureiros.

Entre Pompeu e Cesar, em Roma, havia as mais violentas rivalidades. Depois das victorias de Rimini, Pompeu, carregado pelo remorso do seu aniquilamento, fugiu para a Grecia e Caio Julio Cesar conseguiu subjugar a influencia do partido pompeano na península iberica, sustentada por Afranio, Petreio e Varrão. A individualidade mais saliente dos triumviratos ainda usou da traição, d'esse escarneo á honra hu-

mana que é o empanamento mais triste dos louros que acompanham a lealdade nos combates.

Mais tarde, quando Cesar voltava a Roma coberto de glorias alcançadas pela conquista das Galias, pela subjeição do Egypto, pela batalha de Farnaces e pela derrota de Juba, os filhos de Pompeu, Cneu e Sexto, tentavam sustentar as ambições de seu pae, armando um poderoso exercito na peninsula. Cesar, temendo a partitura de seu scetro, correu logo a aniquilar o dragão que começava a levantar o collo, derrotando em Munda Cneu Pompeu. Sexto, sabendo do fim tragico de seu irmão, refugiou-se na Bética, d'onde passou á Celtiberia, perturbando ainda o dominio de Cesar que, afinal, conseguiu domar a onda alterosa de Pompeu que se rojara como uma avalanche tremenda ao sol brilhante do occidente. Submettendo os vasconços, unica tribu independente na peninsula, Cesar levou a Roma a aureola do s u triumpho.

Vindo outra vez á Luzitania o notavel guerreiro que bebera o sangue de Hercules, quiz lançar n'este reducto interminavel de heroes, fortes como a rigidez musculosa do Jupiter de Homero, a nota genuina do romanismo, dan-

do, para isso, muitas honras e privilegios a varias cidades como Mertola, Beja, Santarem, Evora, Alcacer e Lisboa. Cesar conseguin incutir no animo dos luzitanos costumes franca e positivamente romanos, ruindo pouco a pouco a educação barbara que predominava nos povos mais remotos da peninsula.

A influencia de Roma foi uma alavanca poderosa que veiu rodar um pouco a pedra angular que fechava á civilisação a decadencia moral e intellectual de um povo, embora no seculo V a onda invasora dos barbaros viesse, com os lampejos tetricos da Edade-Media, fechar a fresta por onde entravam tenuissimos raios de luz. O elemento romano lançara as suas raizes, degenerando os antigos costumes, como um iconoclasta social.

Pelo lado das condições geographicas não tem razão de ser a união iberica porque acima d'ellas está a vontade nacional harmonica com os principios da historia. A poderosa republica do Adriatico, romanizando os costumes da peninsula, pôz em um cahos completo a distincção das raças já confusa pelas evoluções passadas.

No principio do seculo V, a invasão dos barbaros deu a ultima estocada nos restos da unidade de raças que ainda havia na peninsula. Effectivamente, numerosas tribus teutonicas, que se avizinham das fronteiras do dominio romano, invadiram as Gallias, atravessaram os Pyreneus e penetraram na Luzitania. Geroncio ensinara o caminho aos alanos, vandalos e suevos, barbaros a quem a orgia de Roma accendera a mais inaudita ferocidade.

Pouco depois, romperam-se as hostilidades e cada povo arrancou para si um pedaço da carta geographica. O fumo da pelega levantou-se, dando principio a uma anarchia espantosa.

Ataces, rei dos alanos, venceu Hermenerico, rei dos suevos. Estabelecida a paz, depressa ella terminou, dando azo á extincção dos alanos ou á sua fusão com os suevos, conseguindo este povo expulsar ainda os vandalos que alguns historiadores asseveram terem ido para a Africa chamados pelo conde de Bonifacio, o que não parece verdade.

Pouco depois, os godos dividiram-se em duas tribus: — ostrogodos ou godos orientaes e wigodos ou godos occidentaes. A grandeza dos

suevos obumbrava horriavelmente a ambição dos visigodos. Os minaretes que se erguiam na península ao sol rubro e triste da Idade-Media, como varas mágicas nos sonhos do romanticismo medieval, tinham em cada pedra um cântico de inveja que ia recordar o *dies irae* de Ataulpho, o herdeiro da espada com que Alarico aterrara os christãos até ás portas do Capitolio.

Os visigodos, surgindo da Italia, atravessaram as Gallias, subiram ás escarpas dos Pyreneus e lançaram a confusão e o terror entre os suevos que assistiram ao desabar da sua grandeza com a morte de Andeca. Com este cataclismo, o sangue dos suevos injectou-se no sangue dos visigodos.

Porém, mais tarde, depois das dissensões entre os hunos e os visigodos, a avalanche dos arabes resvalara sobre a monarchia visigothica, galgando todos os obstaculos. Na batalha de Guadalete, Rodrigo gravára com as lagrimas do seu desespero o epitaphio da sua autonomia.

Emquanto os arabes lançavam á borda do sepulchro os godos decadentes, Pelayo refugiava-se nos escavados das Asturias á volta de um punhado de companheiros em cujas veias cor-

ria sangue genuinamente wisigothico. Era de alli que os christãos haviam de soltar o grito da liberdade abafado na arca dos mahometanos. A phenix de uma tribu opprimida, á luz esplendida do christianismo, renasceu perante a voz austera de Pelaió que depois da victoria juncto á decantada caverna de Cavadonga, foi chamado rei de Oviedo.

As frequentes ameaças dos almoravidas e o esphacelamento da Hespanha mussulmana no termino do califado do occidente, facilitaram o surgir da aurora da emancipação christã. Na derrocada funebre das forças de Al-Kamak campeava a cruz como um symbolo de humildade jámais esquecido.

A dissolução do imperio arabe trouxe como consequencia a formação de muitos estados. Cangas d'Oniz fôra a trombeta de Jericó retumbada sobre os arraiaes mussulmanos. Essa batalha lançou a cruz e a civilização no meio da impiedade mourisca.

A historia antiga da Luzitania mostra bem que os precedentes da emancipação em Portugal não são uma cousa vã para a sua independencia. A peninsula era uma carta geographica

disputada pelos apóstolos de Christo e pelos devotos do Islam. Portugal consolidou-se e firmou-se porque tinha elementos de vida propria. A rhizoma não forma uma arvore completa e robusta senão separada da arvore-mãe.

Com razão diz o brilhante publicista Teixeira de Vasconcellos :

«A independencia de Portugal dura ha sete seculos. O braço leonez não pôde suffocal-a ao nascer e os arabes tiveram que ceder os territorios do sul e á energia dos cavalleiros e peões do conde D. Henrique e ao esforço dos primeiros reis da dynastia affonsina.»¹

Se a Hespanha do seculo XII teve de quebrar a sua espada perante a vontade tenacissima de um povo que aspirava á independencia, não é, nem pode ser justo, que rompamos a tradiçãõ do passado, quebrando a homenagem do nosso coração nos recifes negros e vetustos da mais dolorosa indignidade.

A peninsula iberica, nos primitivos tempos, era um cahos em que a barbaria, com os seus

¹—«A fundação da monarchia portugueza.» Obra citada, pag. 91.

tentáculos grandiosos, disputava, á força do sangue, o objecto das suas ambições. Então, o direito das gentes estava no vigor do braço e no manejo da espada.

Duas ou mais nacionalidades perfeitamente annexas, com a mesma organização politica, formam uma nação em que a força da mais forte supera o direito da mais fraca.

Portugal, sendo estado, fez-se nacionalidade fortemente consolidada. A outra parte da península só poderia ter de commum com esta facha de terreno beijada por castellos de espuma que o Atlantico arremeça, com a sua furia interminavel, de encontro ás areas da praia, as tradições e a religião,—essas tradições de uma epoca que durou quasi um seculo em correrias desenfreadas, em assedios de praças, em batalhas campaes, em conquistas de povos, e essa religião que abriu caminho por entre as hostes infieis, como um relampago de fogo na escuridão da noite, levando a espada para cortar a corda da escravidão e o Evangelho para illuminar os espiritos propensos á fé e a civilisação.

Encerrado nas suas fronteiras, como os trôia-nos nas suas muralhas, e insolado do convívio

intimo da Hespanha, como um asceta perante a nuvem da descrença, Portugal, fitando o sol brilhante, que refletia na sua heroicidade, tirou da lama alguns pedaços da carta geographica da peninsula e tornou-se independente, não obstante a opposição tenaz do imperio almohade.

A união iberica não podendo, pois, ser hoje uma idea plausivel, não passa de uma expressão theorica ou problematica. A differença que vae dos sonhos, simples loucura da phantasia, ao objeto do nosso ideal, privilegio salutar da realidade, é enorme, enormissima. A pratica é que deve ser o fito de todas as imaginações. Viver de esperanças não é viver, é agonisar,

A Hespanha moderna prescinde bem de nós para se tornar independente e una. O sangue do nosso organismo nacional, sangue de Camões e de Albuquerque, não iria fortalecer a musculatura de Hespanha, essa musculatura que mostrou ao mundo forte Rodrigo de Bivar, o heroe de To.edo e de Valença.

Os descendentes do Cid Campeador são nobres, são altivos, são bons companheiros nos afans do progresso e da civilisação, mas essa grandeza eclipsar-se-hia com os primeiros pas-

sos de uma vida annexa. Acabava a autonomia dos povos, surgindo, talvez, uma aurora de sangue, Palladio triste e luctuos da nossa decadencia, tendo por occaso o horisonte rubro da nossa morte. Um tal facto seria o escarneio mais aviltante da nossa historia, seria o aniquilamento completo do nosso pundonor, seria a inoculação de sangue bastardo na honradez da nossa vida.

Os argumentos geographicos apresentados pelos apologistas da união iberica, as condicções de raças e principalmente os vinculos da tradição em nada poderão abalar este paiz que pode viver sem tutella de qualquer outra nacionalidade solidamente estabelecida.

O nosso sangue é puro e aspira á liberdade. Apresentar os pulsos ás algemas de uma nação estrangeira é renegar da nossa propria vitalidade.

III

A federação é hoje o objectivo dos ibericos. Esses renegados da patria recorrem a esse sys-

thema de annexões como se a organização federativa da península podesse deixar intacta a independencia dos dois povos.

Um tal passo, faria da península um anel de Saturno desigualmente denso, senão a soberania de um só chicoteando implacavelmente a ingenuidade dos povos inherentes. Se o latego do escravista não podesse levantar-se para cahir com todo o peso da sua vergonha no meio de um povo vitalisado, o anel quebrar-se-hia formando novos planetas sociaes, planetas que poriam a península em uma conflagração violenta, talvez em um ciclo de sangue.

O iberismo é hoje, para os visionarios de ideas já velhas e caducas, o ovo brilhante de Brahama, principio de felicidade peninsular. A união iberica é a *alma-mater* do progresso material e politico de todos nós, mas todo aquelle que ainda se não deixou aniquilar pelo *virus* personhento das ideas bastardas saberá manter-se firme, com a hombridade de um Catão, repellindo tudo que possa estorvar o andamento da sua gloria.

Com a federação dividir-se-hia a península, rasgando-se em pedaços a folha aurea da nos-

sa historia. A Hespan.a, que é muito maior do que Portugal, territorialmente fallando, teria a força superior dos seus cantões para superar toda e qualquer pretensão de Portugal. E' este o mal inevitavel e mais proximo do iberismo.

Fallando de politica diz bem o erudicto pensador Manuel da Maia Alcoforado, bella alma de artista e de trabalhador incançavel:

«Philosophia, historia e costumes; futuro, passado e presense: eis os trez tempos, de cujo estudo ella deve partir para poder determinar com justeza a *verdade relativa* — o *quantum* da perfeição absoluta.»¹

O verdadeiro titulo de uma nacionalidade é o sentimento da independencia. Essa aspiração unanime e expansiva do povo nasce com as tradicções do passado, com a dignidade do presente e com as esperanças do futuro. A historia, receptaculo dos feitos sociaes que prende as gerações ao pantheon da immortalidade é o padrão inextinguivel que abraça os costumes, como circulo de fogo orientando a marcha das

¹—«Dissertação inaugural para o acto de conclusões magnas». Introdução, pag. X.

organizações politicas. A philosophia da historia considera o sentimento jámais esmorecido da independencia dos portuguezes o principio irrefragavel e puro do direito politico.

Costumes, philosophia e historia são o codigo da nossa existencia moral, são a norma da nossa estabilidade politica. O contrario não pode ter lugar, a não ser que a força do despotismo se opponha ao espirito da lei.

A federação peninsular é uma utopia, é o palliativo tristissimo da união iberica. Dizer que a autonomia de Hespanha e Portugal não soffre com a federação é um erro enormissimo, é uma mentira indignamente monstruosa. A politica federativa na península, quebrando os laços autonomos dos dois paizes originarios de um patriotismo natural e sem preconceitos, iria dividir em pedaços um patrimonio de heroes, sujeitando-os a uma direcção especial.

Essa direcção estaria confiada a um individuo eleito pela vontade dos estados divididos, o que se não faria sem desvantagem grave para Portugal. Sendo o territorio hespanhol muitissimo mais vasto que o territorio portuguez, é claro que as partes mais componentes de Hes-

panha, perante as tradições, costumes, lingua, temperamento e dignidade, que eram o característico do seu sentimentalismo politico e social, haviam de mover uma guerra violenta, embora tacitamente, para que os direitos de Portugal fossem abafados e vencidos.

Talvez que a principio o elemento hespanhol usasse de todas as gentilezas para conosco. Acreditemos mesmo que a Hespanha de hoje, que é grande e nobre, que será incapaz de uma infidelidade, não enlamearia o estandarte da sua altivez, lançando-nos a corda com o fim de nos arroxear os pulsos. Presentemente, a epocha não é de sonhos'; nasceu da realidade e é para a realidade. A Hespanha de hoje pode estar impregnada dos melhores sentimentos, póde ter por nós a sympathia de um irmão dedicadissimo, mas a união iberica não é sómente um facto politico na historia da estabilidade social de hoje. E' uma affronta ao passado, é um devaneio de hoje e é um perigo para o futuro.

De maneira alguma queremos guerrear a Hespanha moderna, pois que temos por essa nação uma sympathia ardente. O que queremos frisar bem é a estulticia de alguns visionarios

que desejam ver a península afundada em um mar de lagrimas, lagrimas de sangue que viriam tingir a *gloria in excelsis* da sua phantasia enganadora.

Não é bastarda a nossa raça e Portugal, embora soterrado nos escombros da anarchia dos espiritos, tem elementos para viver independente e livre. As crises poderão adormecer os progressos nacionaes em um periodo mais ou menos longo, mas não conseguem aniquilal-os porque, não obstante os continuos embates sejam inclementes nos seus effeitos demolidores, lá fica o germen da independencia, que é o sangue latentissimo dos povos e a aspiração vehemente das gerações modernas. E' esta a synthese dos principios de ordem moral, é a valvula de segurança d'essa colligação humana e fraternal, sujeita á mesma lei, a que chamamos sociedade.

«A lei, diz o distincto jornalista Manuel da Maia Alcoforado, qualquer que seja a resolução que tome a força, sempre lhe fica superior, sempre a mesma, sempre immutavel.»¹

1—«Dissertação inaugural para o acto de conclusões magnas.» Obra citada, pag. 25.

A força poderá abroquelar uma nacionalidade mas, inegavelmente, ha de arrastar-se para a deshonra, deixando atraz de si um rastro sangrento que ficará sendo o eterno escarneo do seu triumpho. A lei, sem ser o aço de uma espada ou o calibre de um canhão, é o fogo intenso e electrico da historia, é a *alma-mater* que illumina e que deslumbra o mundo inteiro com as scintellas magneticas dos grandes astros.

Antonio de Serpa Pimentel, esse pensador austero que synthetisa hoje a epocha litteraria de Herculano e Garrett, disse bem quando escreveu :

«O iberismo tomou ha tempos uma nova forma. Já não é a fusão completa e a monarchia una, sonhada pelo excellente D. Sinibaldo Más. Já não é a republica unitaria, como intendem alguns antigos republicanos de Madrid. Já não é o dualismo, ou a união pessoal de Filippe II, que ainda hoje conta exemplos na Europa. E' a federação. A Hespanha divide-se em retalhos, cada um dos quaes será um estado, e todos junctos com Portugal formarão uma federação prompta e acabada, tal e qual como os Estados Unidos da America ou os cantões da Suissa.

Transcrita por...

«A união pessoal das corôas ou a federação sob a forma monarchica ou republicana de nações proximamente iguaes em territorio e populações, ás vezes aconselhada por um grande interesse de defesa e salvação commum, comprehende-se. N'este caso estão a Hungria e a Austria, a Suecia e a Noruega. Mas a federação de uma nação pequena com uma nação grande, ainda dividida esta em estados distinctos, é a sujeição da pequena á grande nação, porque a nação grande póde dividir-se artificialmente em diversos estados, mas elles não deixarão de constituir uma só nacionalidade. Essa nacionalidade ficará sempre preponderante, e a outra será absorvida e sacrificada. Uni federativamente a Belgica á França, dividida esta em pequenos estados, que não sejam maiores do que a Belgica actual, e a nacionalidade belga ficará na essencia tão radicalmente supprimida como pela simpeles annexação ou pela conquista. Fazei entrar a Hollanda ou a Dinamarca na confederação da Allemanha, e a nacionalidade neerlandeza ou a dinamarqueza eclipsar-se-hão perante a nacionalidade allemã quasi tão completamente como pela conquista ou pela annexa-

ção. Dizemos eclipsar-se-ha, e não desaparecerá, porque as nacionalidades, enquanto lhes resta um sopro vital, não morrem, embora por algum tempo, e até durante seculos, permaneçam subjugadas e pareçam mortas.

«Objectarão talvez os ibericos que a Hespanha não está no caso da França, nem mesmo da Allemanha, e que as provincias hespanholas, algumas das quaes já foram durante a idade media reinos distinctos, diversos em costumes e alguns em dialectos, não constituem uma unidade nacional tão compacta como a d'aquellas grandes nações.

«Admittimos a distincção, quando muito, para a Catalunha mas não para o resto da Hespanha. As provincias vascongadas contam apenas os restos de uma raça ou nacionalidade primitiva, de que só resta a lingua, e cuja origem, mais do que a de nenhum outro povo, se perde na noite dos seculos, raça diversa de todas as da Europa, e nacionalidade muito anterior ás invasões phenicias, cartaginezas, romanas, gothicas e arabes, de cujas alluviões nasceu e depois se individualisou e robusteceu a moderna nacionalidade hespanhola. O reino de Granada con-

servou-se arabe até quasi ao fim do necimo quinto seculo, mas com a conquista pelos reis catholicos a raça vencida foi exterminada ou expulsa e hoje os habitantes d'aquella provincia são tão hespanhoes como os dos outros. Os reinos ephemeros de Murcia, Valencia, Toledo, Cordova, Sevilha e Badajoz havia muito que tinham tido a mesma sorte.

«As monarchias christãs, que depois da conquista se foram formando ao norte e no centro da península á medida que os povos iam sacudindo o jugo serraceno, as Asturias, Leão, Castella, Navarra e o Aragão, eram divisões artificiaes, que nem a lingua, nem a raça, nem as tradições distinguiam completamente, e que successivamente se foram aggregando e afinal se fundiram, antes que o correr dos seculos e dos acontecimentos, os interessses, a legislação, ou antes as tendencia e a indole local tivessem dado a cada uma facção, character, historia, lingua, litteratura, individualidade, n'uma palavra, nacionalidade separada e distincta.

«O Aragão com as snas dependencias, entre as quaes se contava nos ultimos tempos a Navarra, foi a parte da Hespanha, que em mais

dilatado periodo teve vida separada do resto, já anteriormente reunido na monarchia de Castella. Mas nem por isso chegara a haver duas nacionalidades onde havia dous estados diversos, além de que já em tempos anteriores á reunião sob Fernando e Isabel, o Aragão e Castella, que a principio eram simplesmente dois condados, tinham estado reunidos com a Navarra até que Sancho o grande os separou para os repartir entré os seus filhos. Maiores eram as variedades, até de dialecto e de organisação politica, que existiam na Borgonha, no Anjou, na Provença, que pouco antes do fim do decimo quinto seculo Luiz XI tinha reduzido a provincias do reinado de França. A Bretanha, annexada pelo casamento da princeza Anna com Carlos VIII, conservou de direito os seus estados geraes e uma sombra da sua autonomia até á revolução franceza ; e ainda em 1789 os representantes bretões quizeram fazer valer o seu direito historico, combatido com mais eloquencia do que com razão pela voz omnipotente de Mirabeau.

«Hoje a Galliza, apesar da differença do dialecto, as Asturias, Leão, as duas Castellas, a

Estremadura, a Andaluzia, Granada, Murcia, Valencia, a maior parte da Navarra¹, e o Aragão formam uma nacionalidade completa e distincta, não obstante certas variedades de indole ou de costumes de uma para outra provincia, variedades que dependem do clima e de outros factos accidentaes, e que se dão em todas as nações, até as mais uniformes e completas em quanto aos traços geraes do character e da nacionalidade. Se pois a Hespanha se dividisse em diversos estados, e estes, juntos com Portugal, formassem uma federação, a reparação d'estas diversas nacionalidades federaes seria só apparente, e é escusado dizer qual seria a preponderante, e qual a sacrificada, absorvida e subjugada.»²

Antonio de Serpa Pimentel, o eminente estadista e venerando pensador, combateu admiravelmente a federação iberica. E' que n'esse ex-

1 — «Com quanto a Navarra pertença ás provincias vascongadas, a maior parte dos seus habitantes não pertencem á raça vasconsa e falam a lingua castelhana.»

2 — «Questões de politica positiva. Da nacionalidade e do governo representativo». Obra citada, pag. 85, 86, 87, 88, 89 e 90.

cerpto arrancado a um artigo notavel da *Correspondencia de Portugal*, de 14 de dezembro de 1869, fallava a alma de um homem que, atravessando os grandes cataclismos que teem servido de forcas caudinas a nossa patria, pôde soerguer-se hoje, como sempre, sem uma mancha que desdoure a sua vida gloriosa. Em Antonio de Serpa Pimentel está um homem superior, cujas palavras pesam bem na balança das idéas para que as tenhamos como propheticas e, por isso mesmo, de uma enorme importancia politica e social. O brilhante publicista não faz uma epocha acirrada pelas paixões. A sua gloria está na epopeia da verdade, á luz serena dos factos e ao fogo intenso da propria consciencia. Antonio de Serpa fica para a nossa litteratura e as suas palavras, solemnes como veios de bronze e implacaveis como estiletos de aço, ficam para nosso ensinamento e para nossa gloria,— para ensinamento de doutrinas nobres e para gloria da nossa litteratura fluente e imperecivel.

Perdõe-se-nos a digressão. Deixemos as qualidades superiores de quem concretisa hoje a vernaculidade de Alexandre Herculano, para

momento mais opportuno, e entremos na materia precisa do assumpto.

A federação iberica, tentativa anachronica dos espiritos, é uma aberração completa das consciencias. Caminhar n'esse ideal é avançar para a nossa oppressão e retroceder perante a luz da nossa liberdade. A logica da historia é bastante austera e inflexivel para podermos cobrir a nossa independencia com o labeu infamante da federação iberica.

Assim como a natureza é o subpedaneo magnifico da vida do homem, assim tambem a libertação da patria é a alma do mesmo homem. Póde ser sublime o quadro em que as arvores soluçam perolas de orvalho, em que o vento geme murmurios de poesia, em que os rios serpenteiam cornucopias de prata, em que a luz sorri christalisações de vida; mas os idyllios da natureza não são mais do que uma psychologia incompleta, quasi diriamos uma psychologia sem alma se não estivéssemos em um tempo de critica quasi sempre accintosa e pedante. A independencia e a liberdade são o sonho do homem. Sem organização politica, que seja a subsistencia moral e social do homem, permanece o ani-

quilamento e surge o espectro sombrio da escravidão. E' innato o sentimento da independencia. Em todos os tempos e em todos os povos, ainda mesmo os mais barbaros, o homem jámais esqueceu a idéa da liberdade. Essa aspiração salutar não foi legada á posteridade pela pythonissa de Cumas ou pelo oraculo de Delphos. Esse sentimento é sobrehumano. A independencia é tão antiga como a humanidade. Prende-se nos arcanos quasi mysteriosos do passado e prolonga-se indefinidamente pelo vasto labyrintho do futuro. A politica e a obediencia são o phenomeno inevitavel na vida humana. A lei, que abraça tudo, é a alma das sociedades, é a raiz das nações, é a philosophia natural dos povos.

A federação peninsular seria para nós a maior e mais tremenda calamidade. A utopia não é realidade, é o desengano da phantasia, é o cosmos sem essa belleza infinita que lhe dá o titulo.

Os progressos internacionaes seriam uma mentira já porque a Hespanha e Portugal não seriam compatíveis na marcha da civilisação una, já porque os dois paizes acabariam for-

mando uma unica nacionalidade em completa conflagração. Com o aniquitamento dos senhores feudaes das epochas medievas acabaram as escravidões. Hoje tudo aspira á liberdade e á independencia.

O grande orador José da Silva Mendes Leal teve razão quando disse:

«Na historia aprende-se; a historia não se resuscita». ¹

A nossa união á Hespanha, ainda mesmo por meio de uma federação, seria um vilipendio cruel lançado sobre a historia da peninsula. Dizer que a nossa independencia permaneceria de pé, é ignorar as proprias leis da sociedade e os ensinamentos mais treviaes da historia.

Fallando de federações, disse brillantemente o erudicto tribuno Casal Ribeiro:

«Como se transformou a Allemanha depois de Sodowa?... Robusteceu o principio federal historico que existia alli?... Ao contrario; foi denominada, absorvida na egemonia prussiana. Formara-se a chamada confederação do

1—«Discurso ácerca da actual situação economica e financeira» proferido no Parlamento na sessão de 14 de março de 1867, pag. 44.

norte em condições taes, que os Estados Confederados ficaram sendo pouco mais que prefeituras da Prussia; e pouco depois firmava-se com os estados do sul um tratado de alliança offensiva e defensiva, pelo qual o soberano da Prussia, em caso de guerra, era chefe de todo o exercito. E como se realisou essa transformação? Foi por ventura pela vontade espontanea dos povos?

«Não nos pertence a nós, de certo, contrariar os factos consumados, mas pertence-nos não cerrar os olhos á historia contemporanea. Que o digam Francfort e o Hanover! Eis aqui como se operam as fusões! Operam-se no seculo XIX, como se operavam na edade-media, com a differença de se effeitarem ás vezes com os falsos europeis do suffragio universal.

«Não foi só na Allemanha, na Italia tambem.

«Quem ignora que o programma de Villa Franca se cifrava em constituir os estados italianos em federação? E ninguém ignora tambem as razões que obstavam á realisacão d'esse intuito, ninguém ignora que a revolução passou por cima do programma da França e produziu a unidade. Os esforços de Buon Compa-

gni em Florença, as tentativas de Garibaldi em Napoles, trouxeram a forma unitaria e fizeram que a federação annunciada nem ao menos chegasse a ser ensaiada.

«Se as federações não ganham hoje terreno na Europa, como se vê pelo que tem acontecido e pelo que temos presenciado, não admira que no reino visinho vejamos levar de vencida o brilhante talento de Castellar, pelo bom senso do republicano unitario Garcia Rodrigues, e pelos oradores monarchicos.»¹

Os apologistas da federação iberica teem exemplos de anexações. Avancemos o passo e vejamos.

Desde 1815, a Belgica formava com a Hollanda o reino dos Paizes-Baixos. Ambos os dois estados tinham elementos de vida. A principio predominava a harmonia. A Hollanda quiz preponderar como mais forte e a Belgica quebrou as amarras de um principio de escravidão. A tomada de Anvers pelos francezes foi a alvorada da redempção belga.

Em 1820 a Grecia, algemada pelos vinculos

¹—«Discurso proferido no Parlamento» em 1869.

ferreos da Turquia, solta o grito da independencia. A França, a Inglaterra e a Russia patrocinam a insurreição hellenica e as forças otomanas soffreram a primeira derrota em Navarino. Porém, as renitencias do sultão Mahimoud em não fazer concessões de liberdade e independencia aos gregos, levaram os governos colligados de França, Inglaterra e Russia a mover-lhe a maior das perseguições. As forças hellenicis, esmorecidas já pela tyrannia de Byzancio e depois pelo despotismo da Turquia, recobram uma coragem de heroes e lançam-se no trabalho da independencia. As investidas da França fazem a evacuação da Morea e as forças da Russia atravessaram os Balkans e chegam triumphantes até Andrinopla, onde é reconhecida a independencia hellenica. Em 1832 a conferencia de Londres estabeleceu as fronteiras da Grecia que comprehende a antiga Hellade, a Morea e as ilhas Jonicas. Apesar do enfraquecimento da Grecia, porque as nações occidentaes desejavam que a Turquia tivesse ainda forças para se oppôr á ambição moscovita, a bella nação do oriente conseguiu sahir do ergastulo com vida propria. E' que a sua annexação ao poderio oto-

mano era incompativel com a sua liberdade.

Mas deixemos para novo capitulo outros exemplos que a historia nos aponta como ensinamento imperecivel.

Em uma nação, a autonomia é o elemento da vitalidade. A historia peninsular, heroica por tantos titulos, não pode ter como patrimonio a federação iberica.

A politica federativa na peninsula seria o cadinho de uma escravidão vergonhosa. Ainda se não apagaram da historia as affroctas lançadas á nossa face pelo colosso do Escorial que é conhecido por *Demonio do meio-dia*.

Os heroes de 1640 deixaram á posteridade o echo do seu patriotismo. O estandarte das quinas é o sacrario da nossa consciencia.

Os turcos, obumbrados pela valentia de Marcos Botzaris, o eminente caudilho da libertação hellenica, foram desenterrar do sepulchro o craneo do grande heroe para fazer d'elle nma dadiva ao sultão. O presente era precioso! Estava alli o Athlante solemne reduzido a triste expressão de uma caveira!

Os hespanhoes não farão a mesma coisa aos bravos 1640 porque nós, os portuguezes, sa

1. Junho 1821

beremo-nos manter firmes guardando com a força do nosso organismo as cinzas de nossos maiores. Os craneos d'essa familia gloriosa que dera a independencia a Portugal não serão profanados pelos abutres da nossa liberdade. Alquebrados pela inelencia das crizes, os portuguezes, perante um tal attentado, levantar-se-hiam com a valentia dos thracios e com a coragem dos carthaginezes, para salvar o seu idolo — as cinzas venerandas dos heroes de 1640.

IV

E' tão grande o erro dos federalistas como é grande o erro dos unionistas. A frase da federação, em theoria, occulta mais os perigos da independencia do que a frase da união iberica. No fundo, é tudo uma e a mesma coisa.

Federação una, monarchia una ou republica una não é outra coisa senão uma annexação manifesta. Dizer que o salvamento da peninsu-

la está na junção de Portugal com a Hespanha, é mentir estultamente á face da propria razão.

D. Fernando, o malogrado soberano que mereceu o titulo de *rei Artista* e que é uma das aureolas mais viridentes que teem enramado os thronos portuguezes, disse muito bem em uma carta que dirigiu ao sr. Fernandez de los Rios: ¹

«E' preciso, para que eu possa ser rei de Hspanha, que immediatamente se combine a successão, ou que, pelo menos, se estipule bem claramente que as duas corôas de Hespanha e Portugal jámais possam cair na mesma cabeça». ²

N'estas palavras do excelso monarcha traduz-se fielmente o mais intenso amor da patria e a mais cinsa dignidade pela independencia nacional. D. Fernando soube cortar com a sua espada damocleana as pretensões hespanholas. Não importa que tenhamos sobre nós, arremegado como offensa, o titulo de *ganços do Capitolio*. Antes queremos ser ganços d'este Capitolio a que chamamos patria do que tigres fa-

1—Veja-se a nota C

2—«A união iberica e a candidatura de El-Rei D. Fernando.» Obra citada, pag. 140.

mintos e traidores da nossa soberania nacional.

Apesar das ondas que o envolvem, das espumas que o torturam, dos concavos que o cegam, D. Fernando zomba de tudo isso, zomba d'essas lavas em que o collocam, zomba d'essa cadeia em que o querem encerrar e surge magnanimo e esplendido á luz de um novo Indra, proclamando a independencia do povo, a tranquillidade da familia e a vitalisação da patria.

D. Fernando mostrou bem a limpidez da sua alma e o cumprimento do seu dever quando escreveu :

«Pae estremoso como sempre fui, sou tambem principe portuguez e conheço perfeitamente os deveres que estas duas qualidades me impõem. Tenho mais de um filho e tenho netos, e por isso a condição que estabeleço nem é inexequível nem prejudicial a meus descendentes.

«O que no futuro viesse a ser rei de Hespanha não o seria de Portugal e vice-versa. Recusar esta garantia póde ser preparar a união dos dois povos da peninsula formando uma só nação, e eu não posso nem quero ser o instrumento d'esta politica.

«Não ignoro que a união iberica se fará no

futuro, se os dois povos se empenharem mutuamente n'isso; porém, ahí cessa a minha responsabilidade.

«Por acto meu nunca se ha de realizar essa idéa; n'esse ponto hei de até final cumprir o meu dever.»¹

A D. Fernando devemos esse rasgo austero de patriotismo. A attitude do sympathico monarcha é uma das paginas mais luminosas da nossa historia diplomatica nos tempos modernos.

Passos Manuel, fallando de D. Fernando, disse com o alto criterio do seu grande espirito:

«Junto o meu voto ao da camara, considerando como benemerito da nação o principe que ensinou aos reis do mundo a governar constitucionalmente e que desempenhou as funcções do poder moderador reinando e não governando.»²

José Estevam, o tribuno eloquente que teve por scetro a *flecha dos mortos* e por corôa a

1—«A união iberica e a candidatura d'El-Rei D. Fernando». Obra citada, pag. 184 e 185.

2—«Discurso proferido no Parlamento» em 1866.

Charles et Georges, tambem teve palavras de sympathia para D. Fernando, como estas:

«O regente sabe melhor do que ninguem o que nos falta. Julga-nos merecedores e capazes de tudo. Não tem medo do seculo em que vive nem do povo que é chamado a reger. Tem andado entre nós. Tem participado das nossas misérias. Sabe que a realeza é uma função publica e comprehende os deveres d'ella. E' bondoso e leal. Possui as qualidades caracteristicas do povo portuguez. Não tem vaidades nem ambição: mas as coisas pelo que ellas valem e os homens pelo que elles prestam.»¹

Nada mais é preciso accrescentar para elogio do homem superior que fôra rei exemplar e que fôra sustentaculo granitico da nossa independencia querida.

É que a revolução de 1640 tem o encanto de uma epopeia, o magnetismo de uma gloria, a magia de uma resurreição.

O ferro tinge de sangue a purpura de uma nacionalidade e rasga o palladio de um povo. O talento e a idéa, o altar e o sacrario, fulgem

1—«Campeão do Vouga» de 17 de dezembro de 1853.

relampagos de luz e faiscas de pundonor. O triumpho da paz é o triumpho da civilisação.

Mas paremos na digressão.

A monarchia peninsular não é, nem pôde ser conveniente ás prosperidades de Hespanha e de Portugal. A annexação dos dois reinos seria o eclipse affrontoso da sua soberania. Os dois paizes da peninsula teem vivido bem sem a união iberica. A Hespanha pode ser grande e florescente sem os recursos politicos de Portugal, e Portugal pode ser grande e florescente sem o auxilio do governo da Hespanha.

Está decadente a Hespanha? está decadente o reino de Portugal? A Hespanha ha-de levantar-se do seu abatimento sem o auxilio politico do nosso braço e Portugal ha-de ressurgir, como o Lazaro da tradicção biblica, sem as influencias legaes da Hespanha. Tanto a patria do Cid como a patria de Camões teem elementos de vitalidade estavel. Por isso, uma nação vive perfeitamente sem outra.

As crises nacionaes são provenientes de fenomenos que se passam entre as sociedades. Não é sómente o desequilibrio do direito politico que dá origem ás crises. Sempre e em toda a parte

ellas se teem levantado mais ou menos violentamente segundo as condicções financeiras e até segundo o temperamento dos costumes. Não é só nas monarchias que se manifestam as crises. Se Portugal, Hespanha, Italia, Grecia e outras nações, governadas pelo *systema monarchico* estão em lucta com uma grise gravissima, não é menos certo que as republicas da França, dos Estados Unidos, da Argentina, do Brazil, do Mexico, etc., teem sobre si, como uma avalanche enorme, crises dolorosas que fazem tremer os seus mais notaveis estadistas.

O saudoso escriptor João de Andrade Corvo que Portugal inteiro conhece pelos seus titulos de gloria, dizia em 5 de agosto de 1872 ao sr. Fernandez de los Rios:

«Nos trez annos que aqui tem passado como representante de Hespanha, terá v. ex.^a adquirido a convicção de que é universal na nação portugueza o verdadeiro patriotismo, um nobre orgulho pelas tradições gloriosas da historia nacional, um inquebrantavel amor á independencia, um entranhavel respeito, uma completa adhesão ás instituições liberaes, são provas evidentes de quanto está enraizado no povo por-

tuguez o amor da patria. Este sentimento tem os verdadeiros caracteres da força e confiança em si proprio e a tranquillidade nas suas manifestações.»¹

A resposta é energica e digna. E' assim que se entende o patriotismo. O illustre ministro dos estrangeiros respondeu capazmente ao reino visinho, representado em Portugal pelo sr. Fernandez de los Rios, como já lhe tinha respondido, como presidente do conselho de ministros, o notavel estadista Fontes Pereira de Mello.

A forma dynastica, como querem ainda uns mediocres visionarios, não é mais que a velha união iberica. Está ahí a preponderar o mais forte sobre o mais fraco. A monarchia iberica comporia-se naturalmente de instituições municipaes cujas liberdades e independencia seriam uma mentira.

O soberano da peninsula, ainda mesmo que fosse portuguez, teria de retroceder perante a pressão que lhe fizessem os municipios. Alem d'isto, as dynastias não são eternas e, acabada

1—A união iberica e a candidatura d'El Rei D. Fernando. » Obra citada, pag. 186 e 187.

uma, necessariamente a eleição cahiria sobre a cabeça de uma entidade *hespanhola*; e dizemos hespanhola porque o povo jámais renegaria o sentimento da patria porque elle é innato no homem. Os proprios barbaros abandonaram a sua terra na lucta pela vida. Se lá tivessem meios de subsistencia, por certo que não atravessariam o mundo em correrias desenfreadas e quasi sempre sanguinolentas.

Portugal e Hespanha jámais esqueceriam as suas tradições. A recordação das duas nacionalidades peninsulares havia de brotar expontanea, fazendo da paz o receptaculo de uma idéa de guerra. E' que a questão de nacionalidades é mais do que uma questão ethnographica. O direito politico e sociologico supera os preconceitos das facções partidarias.

A monarchia iberica é um perigo de maxima importancia, é a doença contagiosa do espirito humano. Uma tal politica não é outra cousa senão uma tutella, publica, inicio irrefragavel da escravidão peninsular. Felizmente, a monarchia iberica, ou tudo o que seja a annexação de Portugal com a Hespanha, não é uma metaphysica abstruzza do direito politico e sociologico. Não ha nin-

guem que, á luz serena da rasão, por debaixo da ingenuidade ou das especulações dos apologistas do iberismo, não veja o perigo manifesto da nossa autonomia e independencia. Exceptuam-se, é claro, esses apologistas inoculados pelo *virus* da paixão ou das especulações theoreticas que fazem dos espiritos um craneo de lama.

Antonio de Serpa Pimentel diz com a alta competencia do seu talento superior :

«Tão grande é o erro dos hespanhoes que julgam que a felicidade da Hespanha consiste na reunião de Portugal, como dos portuguezes que attribuem a continuação da nossa decadencia depois da restauração de 1640 á indole pouco feliz dos primeiros reis da casa de Bragança. Ambos mostram desconhecer as leis naturaes e positivas que se deduzem da observação dos factos e da historia. A decadencia de Portugal havia de ser a que foi desde o meiado do seculo XVI, unido á Hespanha ou separado d'ella, com esta ou outra dynastia. A Europa dividiu-se no seculo da renascença em duas partes distinctas. Ao Norte, onde prevaleceu o espirito de reforma, de livre exame, e a moral christã, apurada

nas controversias religiosas, na Inglaterra, na Hollanda, na Suissa, na Allemanha do Norte e ainda em França, graças á tolerancia religiosa de Henrique IV, continuada pelo cardeal de Richelieu, e á persistencia do gallicanismo, floresce a philosophia, a litteratura, florescem as artes e a industria, e eleva-se o nivel de moralidade publica. Ao meio-dia, onde o catholicismo romano abandonou as maximas da igreja primitiva, onde os jesuitas e a inquisição ficaram dirigindo a politica e a moral dos povos, onde o monachismo, já sem razão de ser como tinha sido na idade media, corrompeu a seiva de toda a civilisação pelo alimento da superstição e pelos exemplos da mais revoltante immoralidade,¹ na Italia, na Austria, na Hespanha e Portugal, seguiu-se a decadencia moral e politica, de philosophia, da industria, das artes e da litteratu-

1—O eminente estadista que estamos citando, em uma nota, põe em evidencia a perseguição movida contra os partidarios das idéas liberaes, em toda a Europa na primeira metade do seculo actual, sómente comparavel ao martyriologio dos christãos no alvorocer dos seculos. O sr. Antonio de Serpa Pimentel, frisando bem a tyrannia que assombrava a Europa, diz com o seu alto criterio historico :— «O sangue correu effectivamente, mas, em vez de afogar as novas idéas, só serviu para cimentar e radicar a liberdade moderna.»

ra. ¹ Portugal teve o seu Pombal como a Hespanha o seu Carlos III, como a Austria o seu imp rador José II, como a Toscana o seu gran duque Leopoldo. Estes notaveis estadistas não poderam lutar efficaçmente contra a corrente que trazia o impulso de dous seculos. Mortos elles, as cousas continuaram a tomar o antigo caminho, até que o vento das idéas modernas, originado nas tempestades da revolução franceza, e meio seculo de luctas transformaram a Europa.» ²

Em Halalat, os judeus entoam a famosa lamentação *Super flumina Babylonis*; em Portugal, o povo que vê nas suas tradições o baluarte

I — O distincto economista e publicista, em uma nota, transcreve o seguinte da «Evolution des peuples» de Alphonse d'Assier: «Le Saint Barthelemy et plus tard d'émigration emenée par la révocation de l'édit de Nantes, furent des selections (anti-intellectuelles) appliquées sur une plus grande échelle. En Espagne, l'oeuvre d'épuration fut encore plus complete. Après avoir expulsé les Juifs et les Maures, l'inquisition mura sibienn les partes de la peninsule, que la réforme ne put y penetrer le «quemadero» arretant court l'héresie avant qu'elle eut le temps de se produire. Ainsi s'explique la progression décroissant qu'on observe dans la marche de l'esprit scientifique des bordes du Rhin aux de l'Ebre.»

2....Questões de politica positiva. Da nacionalidade e do governo representativo. Obra citada, pag. 92, 93 e 94.

do seu viver e que vê na historia a estrella polar da sua liberdade entoa vibrante e entusiastico os *Lusíadas* de Camões e a *Harpa do crente* de Herculano.

Emquanto palpitar no nosso coração o amor da lingua, da litteratura e da patria ha de permanecer immutavel no pantheon austero da nossa dignidade o espirito luminoso, electrico e expansivo da independencia.

A monarchia é a soberania de uma entidade estricta sajeita mais ou menos directamente aos eleitos do povo. Se da annexação de Portugal com a Hespanha resultasse uma nacionalidade monarchica representativa, as maiorias parlamentares, que seriam inevitavelmente hespanholas, haviam de supplantar os direitos portuguezes. embora sustentados vehementemente por uma minoria solemne e patriotica. Ninguem ha que ignore a incongruencia das leis. Passam a fazer parte do codigo politico das nações, não pela vontade da consciencia, mas só e unicamente pela vontade do numero. Não se imagine, porém, que as nossas palavras significam uma hostile manifestação ao parlamentarismo. Estamos firmemente convencidos de que a so-

berania de um só homem, sem a responsabilidade parlamentar que é a responsabilidade mais ou menos legitima do povo, não é nem pode ser conveniente ás regalias nacionaes. A historia, com os seus ensinamentos inflexiveis, mostra-nos o desengano do governo de um só sem responsabilidade popular. A epoca do absolutismo desapareceu com o aniquillamento do despotismo feudal.

A monarchia representativa é uma garantia das liberdades publicas quando não abrange a politica ethnographica de paizes distinctos e com recursos para viverem. Foram precisos 400 annos para que a civilisação se restabelecesse dos cataclismos da renascença. Fazer da historia politica actual um farrapo da idade media, oblitando a consciencia do nosso viver, é renegar o que temos de mais nobre e de mais solemne: — a liberdade pessoal.

Não ignoramos que Portugal, se D. Affonso Henriques e outros fundadores da nossa nacionalidade não tivessem dado incremento á sua independencia e estabilidade politica, poderia ser hoje um pedaço da monarchia hespanhola como a Cataluzha, Aragão e Galliza. Todavia, as

circumstancias historicas e ethnographicas impelliram, por certo, na corrente impetuosa das idéas modernas, o povo portuguez a aspirar sempre á sua independencia. Os exemplos da historia são frisantissimos e terminantes. As absorpções são a elegia das nacionalidades. Guilherme Tell, O'Connel, Parnell, Carlos Martel, Botzaris, Mahomet-Ali, Maria Stuart, Nun'Alvares e muitos outros genios libertadores são a prova evidentissima de que jámais se apagará nos povos o sentimento da independencia.

Nós não acreditamos que, se nos unissemos á Hespanha e ella nos tratasse como um feudo de escravos, todas essas nações, que manifestam uma ardente sympathia por Portugal, viriam com a força dos seus canhões e com o impeto dos seus navios arrancar-nos as algemas aos pulsos arroxeados. O ultimo conflicto de Portugal com a Inglaterra mostra claramente o alcance das nossas affirmativas. Batia-nos á porta a deshonra vinda de uma nação forte e traiçoeira. Lá fóra, na imprensa, nos clubs, nos comícios, nos parlamentos, fallava-se com enthusiasmo das nossas glorias e dos nossos direitos. A propria Hespanha, pela bocca dos seus mais il-

lustres pensadores, vociferava cóleras contra a nação oppressora. Não nos esquecerá, jámais, a attitude fraternal de D. Raphael de Labra e de outros vultos eminentes que synthetisa bem os sentimentos nobres do seu coração. Não obstante tudo isto, nenhuma nação se offereceu para fazer valer os nossos direitos, mandando forças militares, com o auxilio das quaes nós poderemos fazer frente a esse paiz que já teve a audacia de rasgar a nossa bandeira gloriosissima e de a envolver em garrafas. Ah! o titulo de *pirata dos mares* fôra bem applicado á Grã-Bretanha que deu nome ao canal da *Mancha* talvez por uma coincidencia perfeitamente explicavel!...

A conferencia de Berlim, onde dizem estabelecer-se o direito internacional, dêra resultados inuteis. Dizer que as suas decisões firmaram a segurança politica dos povos, é mentir estultamente, é ignorar por completo a historia sociologica de toda a Europa.

Não podemos, pois, acreditar que, se cahissemos entre as garras do leão de Hespanha, as outras nações avançariam com a sua artilheria para nos darem liberdade e independencia. Fe-

lizmente, a historia mostra-nos o desengano de essas loucas phantasias. Nos tempos modernos, seria difficil que a voz eloquente de um novo Chateaubriand conseguisse arrastar alguns povos para o sacrificio como o notavel escriptor francez depois de ter visitado os marmores de Athenas e as ruinas de Sparta.

A monarchia portugueza consolidou-se com o progresso social, não precisando, nem devendo, unir-se com a Hespanha. As transformações, porque tambem as houve em Portugal, como em tôdas as nacionalidades, jámais enfraquecerão o character nacional, esse character tenacissimo que foi a tendencia de hontem e ha de ser a tendencia de amanhã.

As tradições do passado não servem sómente para a sua estabilidade no pantheon da nossa historia; servem tambem para a organização do futuro que é a esperanza dos nossos sonhos e a alma da nossa gloria. Tudo caminha para um mesmo fim harmonico e simultaneo.

Juies Sonry, o notavel pensador francez, diz bem quando assevera:

«Avant que d'etudier la litterature d'un peuple, il convient de rechercher avec soin ses ori-

gines ethniques, de grouper et de classer le petit nombre d'éléments irréductibles qui constituent sa nature propre, et dont les combinaisons, en proportions définies, forment le fond et la substance même des oeuvres de son génie, dans les arts comme dans la politique. Un peuple n'est pas, il devient. L'étudier à un moment de sa durée, sans tenir compte de ce qui précède et de ce qui suit, c'est vouloir le mal connaître.»¹

Sim, Portugal deve estudar-se pelo que foi. A luz do futuro deve illuminar as tradições do passado porque uma é a consequencia inevitavel da outra. Nós não podemos acreditar que a annexação dos dois paizes peninsulares fosse um novo Fison que cingisse o Evilath iberico no meio dos nascimentos de ouro. A espada de fogo não impedirá que entremos no paraíso da nossa vida nacional porque temos direito a elle, não obstante os nossos desvarios politicos e a nossa decadencia moral.

O patriotismo não morre, embora ás vezes

1—E'tudes historiques sur les religions, les arts. La civilisation de l'Asie antérieure et de la Grece, pag. 459 o 460.

permaneça abatido no coração das gentes. Esse enfraquecimento fortalece-se no momento mais opportuno, á medida que as ideas intrinsecas dos povos vão sabindo da penumbra dos cataclismos. O sentimento é susceptivel de somnambulismo, mas não é nem pode ser susceptivel de morte.

Por isso, jámais admittiremos uma monarchia composta dos territorios de Hespanha e Portugal. Uma semelhante politica seria o progresso do mal, seria a hecatombe da nossa autonomia. A irrisão sociologica já se não adquadá ás escolas dos tempos modernos. Entre o clarão dos incendios que o seculo actual excita não se pode admittir a escravidão só digna d'esses tempos obscuros em que se pagava tributo ao monstro de Creta. Passou esse tempo e surgiu a alvorada nunca esquecida da nossa liberdade.

O glorioso rei D. Luiz I interpretou bem os sentimentos do paiz quando disse em uma carta dirigida ao sr. duque de Loulé:

«Nasci portuguez e portuguez quero morrer». ¹

¹—«A união iberica e a candidatura d'El Rei D. Fernando.» Obra citada, pag. 132.

A frase do illustre monarcha, cuja morte ainda hoje é pranteada por todos aquelles que se interessam verdadeiramente pelas coizas do paiz, ficou sendo o padrão da sua gloria, a gloria da sua divisa e a divisa do seu patriotismo. E' que o malogrado soberano sabia bem que os antigos lusitanos não podiam ser dignos do estigma infamante de escravos.

Com razão diz o eminente archeologo Francisco Martins Sarmiento:

«Na Lusitania, cujas populações pre-celtitas teem uma individualidade muito caracteristica, usos, costumes, religião propria, que merecem uma pagina á parte na obra de Strabão: que ainda no tempo da conquista romana dão mostras d'uma vitalidade poderosa, como se vê na sua lucta da independencia, a extranheza do facto toca as raias do impossivel.

«Um povo n'estas condições não abandona a sua lingua, nem os nomes, a que o habituou uma longa tradição.»¹

Portugal não pode esquecer o seu passado

1—«Os Lusitanos», pag. 43.

porque é grande e nobre. A nossa patria pode dormir em um periodo de tempo mais ou menos longo, mas nunca, absolutamente nunca, deixará riscar do mappa da Europa os seus titulos gloriosos. Ella, que desde os tempos mais remotos da Lusitania foi um receptaculo de heroicidades; ella, que viu desabar o poderio dos sarracenos nos plainos de Ourique; ella, que presidiu á sanguinolenta batalha de Aljubarrota; ella, que viu a sublevação patriótica de 1640; ella, que voara vertiginosamente até ás mais remotas regiões do globo; ella, que tambem tem os seus canticos de granito e os seus canticos de marmore; ella, que se baptisou em sangue e se naturalisou na emancipação; ella, que ainda ha pouco sorriu com os triumphos da liberdade no alvorocer das luctas entre D. Pedro e D. Miguel; ella, que fôra uma epopeia gloriosissima enaltecida pelo estro de Camões, pela ousadia de Vasco da Gama e pela austeridade de Herculano; ella, finalmente, que deu lições ao mundo com a sua valentia, que se engrandeceu no pantheon das suas façanhas, que se levantou nas azas brilhantes dos seus sonhos entre poeira de ouro,—ella, esta patria gloriosa e de-

cantada, cuja independencia não é uma pura esterilidade, ha de viver sempre porque a sua tradição não se poderá aluir jámais e porque a sua essencia não pode ser susceptivel de aniquilamento.

A nossa independencia nacional não é uma expressão theorica; é um facto indestructivel na nossa historia social e politica. Os monumentos da Batalha e de Belem, canticos de pedra da nossa nacionalidade, despertam a Odysseia da nossa gloria como a estatua de Niobe perante a antiguidade grega ou como a mesquita de Kordowa perante o dominio dos Kalifas.

A monarchia iberica é um perigo, senão um impossivel. E', pois, uma necessidade estarmos precavidos contra as investidas do inimigo commum.

Hoje, como sempre, poderíamos dizer como o eminente orador Jose da Silva Mendes Leal:

«O resumo de todos os meus desejos é finalmente—que não recuemos diante de um sacrificio para nos affundarmos n'um abysmo!—que não queiramos vestir á civilisação uma tunica ensanguentada.»¹

1—«Discurso ácerca da actual situação economica e financeira» pro-

Custa a acreditar que alguns espiritos meticolosos duvidem da existencia da nossa monarchia que dura ha sete seculos. Só com o sentimento apagado da nacionalidade é que poderiamos esquecer este pedaço de terra que é a synthese dos heroismos de Carthago, da valentia das Thermopylas, da austeridade de Salamina, da força de Austerlitz, da coragem de Sagunto.

O brilhantissimo orador Luiz Augusto Rebelo da Silva, uma das glorias mais justamente notaveis da nossa litteratura, interpretou bem os sentimentos de todos nós quando disse:

«Este berço é pequeno nas proporções, porém muito grande pelas suas tradições gloriosas. Não precisamos das glorias ou das grandezas de outra nação. Bastam-nos as memoreas da historia e a benção de Deus com que abrimos as portas da aurora á Europa inteira. Bem sei. Não temos que receiar emquanto nos conservarmos firmes, emquanto, como o centurião romano, dissermos—*hic manebimus optime*.

«A nossa bandeira tremula immaculada sobre os tumulos dos nossos reis, de nossos avós e de nossos paes, e nem uns nem os outros tornariam tão gloriosa a nossa bandeira se não tivessem invocado sempre o santo nome de Deus nas suas empresas. Mas o silencio não significa sempre força e a apathia é a negação d'ella. Não cruzemos os braços diante das tentativas contra a independencia e brademos bem alto que não queremos nada de Castella.

«Não é só com espingardas, com lanças e canhões que se defende a autonomia das nações. Defende-se perante os conselhos da Europa pelo grau adeantado da civilisação, pela apathia practica e pela dedicação dos povos. Assim é que um pequeno reino, a Belgica, cujos exemplos são invejaveis, viu passar o furacão de 1848 que fez tremer todo o solo da Europa, desabando o throno constitucional de um rei illustre e prudente, sem que nem as convulsões tão proximas, nem as chammas de tantos incendios na França, na Italia e na Allemanha abalasses ou ameaçassem a paz e a profunda tranquillidade da sua existencia. Leopoldo I ficou firme no solio popular, porque a republica não pôde rea-

lisar na Belgica mais do que a soberania do seu rei lhe afiançava. A republica passou diante da Belgica e inclinou-se sem a transpôr. Quando a monarchia é grande, nobre e elevada, muitas vezes alcança suspender a hora assignada á formula do futuro.»¹

Uma patria distincta, cheia de tradicções gloriosas, berço sacratissimo de uma raça de valentes como os que Homero canta na sua epopeia divinal, não pôde ter jus ao seu aniquilamento porque o seu passado é um facto indestructivel que attesta frisantemente a injustiça da servidão. O que é necessario agora é que conglebemos em um só o sentimento patriotico de todos, que nos não deixamos envergar na tunica de prisioneiros e que tenhamos na memoria aquella frase solemne de Colbert: — *Pro rege saepe, pro patria semper.*

1—«Discurso proferido no Parlamento em 1869.

V

Uma outra formula do iberismo é a republica peninsular, politica talvez muito peor que a monarchia constitucional ou representativa. A historia, na sua apreciação solemne dos factos, mostra-nos clara e concludentemente o alcance das nossas affirmativas.

Na organização politica das nações, ou prevalece a vontade latente de um só e, n'esse caso, ha o absolutismo condemnado pela realidade dos factos, ou prevalece o governo de um, sujeito ás resoluções parlamentares, e, n'esse caso, ha as monarchias e as republicas, federativas ou unitarias, mais adequadas ao espirito da epoca.

O sr. Emile Cossé, entre muitas paginas dictadas mais pelo calor partidario do que pela imparcialidade politica, escreve o seguinte :

«Dans la monarchie constitutionnelle ou tempérée le Roi renonce à son droit exclusif de faire la loi et à côté de sa responsabilité, apparaissent les responsabilités de ses coopérateurs, les ministres et les membres du Parlement. La Constitution, qui précise le limite de pouvoir du Souverain, des délégués de son autorité et du Parlement, est surtout la Charte des garanties et des droits de la nation.»¹

Emile Cossé pertence ao partido politico que quasi sempre lança sobre a pessoa do rei toda e qualquer responsabilidade que de direito deve pesar sobre os membros das camaras. O rei legisla segundo a vontade manifesta da nação, representada no voto livre dos deputados. E' verdade que nos podem retorquir com as violações eleitoraes, mas tambem sabemos que todo o governo, monarchico ou republicano, tem direito a mandar sobre os seus empregados. Além d'isso, o homem que tem convicções politicas, se se move ás influencias estranhas, é porque o seu sentimento não passa de uma expressão mesquinha e banal.

1— «Theorie de la responsabilité politique», pag. 40 e 41.

As camaras é que imperem na Servia e na Grecia, na Italia e na Suecia, na França e na Inglaterra, na Belgica e na Suissa, em Portugal e na Hespanha, em quasi todos os paizes do mundo. A responsabilidade do rei é tão grande como a responsabilidade do presidente da republica. As camaras, quer sejam oligarchicas ou democraticas, quer sejam federativas ou aristocraticas, excluem, em grande parte, a responsabilidade do chefe supremo da nacionalidade a que pertencem. Não se julgue que consideremos inutil a superioridade d'esse chefe. A ordem é a formula primeira do direito politico, e sem chefe só pôde haver o cahos social.

A differença, entre monarchia e republica, é pequenissima, quando não predomina o absolutismo de um só. A monarchia tem as mesmas camaras que tem a republica e o soberano de uma tem a mesma responsabilidade que o presidente da outra.

Leopoldo Breeson, pensando do mesmo modo, escreve:

«La forme républicaine de gouvernement ne diffère essentiellement de la forme monarchique que par l'élection substituée complètement à l'hé-

rédité dans la constitution du pouvoir central.»¹

Portanto, os perigos da sonhada monarchia iberica são tão grandes como os da republica peninsular. Atrevemo-nos a avançar que a republica é mais prejudicial á nossa independencia do que a monarchia. O systema monarchico não tem a eleição presidencial que quasi sempre dá resultados contraproducentes. A historia dá-nos ensinamentos terriveis.

A França é a centralisação da immoralidade social. A attitude que ella tomou contra Boulanger foi um verdadeiro escandalo. Calcaram-se as liberdades publicas para aniquilar um valente general e ainda ha pouco os escandalos do Panamá, que fizeram cabir o ministerio Loubet, mostraram claramente quanto foi injusta a campanha da republica contra um servidor que fôra uma das mais ridentes glorias. Vemos tambem que as greves continuadas de Paris são uma prova de descontentamento popular. A republica franceza dá cargas de cavallarias ao povo que grita um pouco mais alto pelos seus direitos. A

1—«Idées modernes » Opra citada, pag. 332.

França não é um centro de moralidade apesar de ser governado com *systema republicano*.

Vejam os Estados-Unidos, a confederação que tantas vezes tem sido proclamada como modelo de administração política. Ahi, onde sorriram os triumphos admiraveis de Washington, de Lincoln, de Baltimore, de Penn, de Johnson de muitos outros, impera a maior pobreza, ao lado de uma plutocracia odiosa e infamante. Bennett, Gouldt, Vanderbilt e um sem numero de millionarios fazem uma antithese perfeita com essa immensidade de pobres que morrem de fome nos bairros populosos de Washington, de New-York, de Baltimore, da Philadelphia, de Brookling, de Richmond...

O Chili tambem nos está dando bem tristes provas da sua administração interna. As revoluções continuadas de Valparaiso e de Santiago são a prova evidentissima de que os povos do Chili não tem tido alegres dias de governo republicano. A realidade dos factos falla mais alto que as nossas palavras.

O Brazil quebrou a corò de um imperador austero e levantou-se como um aereostato que vae subindo placidamente atravez do horisonte,

Em breve se desencadeou a tempestade e o ba-lão corre á mercê do vento e vae-se rasgando nos cerros escavados. A situação do Brazil é tristissima e os factos são demasiado recentes para que os descrevamos aqui.

A republica Argentina é uma confederação onde predomina a febre do jogo, no meio de companhias de especulação financeira. Por varias vezes a bancarrota tem batido ás portas da republica Argentina. Tem-a salvado os millionarios no momento em que os pobres morrem de fome em Buenos-Ayres, em Cordova, em Tucuman, em muitas outras cidades, villas e aldeias ! Os grandes argentarios que estadeiam as suas riquezas nos centros de jogatina de Paris e de Nice, manifestam claramente na Europa a indole escandalosa da confederação Argentina.

Paremos na especificação detalhada das republicas que teem dado exemplos frisantes de decadencia material ou moral. Impossivel seria enumeral-as todas, como impossivel seria mencionar os effeitos pelas causas em tão diminuto espaço.

A grande questão que tem agitado os povos desde os fins do seculo passado tem sido a

questão politica — a questão de monarchia e republica. Teem-se degladiado os pensadores na guerra accêsa que tem havido entre os systemas sociologicos de formas de governo.

O eminente tribuno Casal Ribeiro disse sensatamente :

«Republicas permanentes, republicas com character de estabilidade, republicas n'esta velha Europa não se podem conservar.

«Ha pouco mais de dois seculos caiu em Inglaterra a cabeça de Carlos I, e sobre o cadafalso do infeliz monarcha ergueu-se a republica. Pouco depois já o protector Cromwel sonhava ornar com o diadema real a propria cabeça, e pouco depois Monk, general republicano, restaurava o throno para Carlos II. Voltou a velha dynastia, e não sabendo garantir o facto com as idéas novas, continuou a lucta.

«Seguiu-se outra revolução. Qual foi o resultado d'ella ? Foi a abolição da monarchia ? Não ; foi uma mudança dynastica.

«Foram expulsos os Stuarts, mas vieram occupar o throno Guilherme e Maria e formaram o pacto de conciliação entre a corôa e o povo,

consolidando o regimen constitucional e parlamentar.

«Nos fins do seculo passado, na França, tambem sobre o patibulo de um rei martyr, e sobre milhares de outros patibulos, se elevou a republica. Mas dois annos depois o que succedeu? Tallien succedia a Robespierre, a corrupção succedia ao terror e sobre as ruinas do directorio levantou-se um grande conquistador, um novo Cesar, o mais admiravel de todos, porque foi Cesar na epoca em que eram mais iguaes as condições da civilisação, e levou victoriosas as aguias francezas desde Lisboa até Moscow, e por fim, mal ferido na Hespanha, foi cahir em Waterloo, diante da indignação da Europa, justamente irritada. Quasi sempre os Cesares acabam assim.

«E se d'estes tempos passamos a outros mais modernos, quando cahiu a monarchia de Luiz Philippe e se proclamava a republica, que vimos nós dez-mezes depois? O suffragio universal, elegendo um nome glorificado pelo fundador da dynastia napoleonica; o suffragio universal restaurando a tradição imperial. Porque isto era sem duvida o que n'aquelle momento

significava a candidatura á presidencia do principe Luiz Bonaparte. As qualidades pessoases do futuro imperador mostraram-se de superior valia. Mas n'aquelle momento a sua recommendação era o nome de Napoleão, e o aferro do sobrinho do primeiro imperador á tradição da sua familia. Votar para a presidencia o principe Luiz Bonaparte era pois, e os factos vieram confirmar, era votar a restauração do imperio.

«Que tem succedido na propria America, povo novo, para onde a fórma republicana parece ter-se melhor acclimado? Apezar dos costumes que lhe são proprios e muito particulares, apezar do culto a ideas muito diversas das que entre nós dominam, que se tem visto depois da guerra? O principio federal cedendo passo a passo diante do principio unitario. E triumphando o principio unitario, que será feito da republica n'aquella immensa nação!

«Ha uma rasão philosophica que explica estas verdades historicas. A meu vêr é o velho principio do velho Montesquieu.

«E' que a alma das republicas democraticas é a virtude. Ora a virtude civica, a abnegação, a dedicação ao bem da patria não predomina

n'estes nossos tempos, fundamente eivados de individualismo e de materialismo.

«Quando Sylla, diz Montesquieu, queria restituir a liberdade aos romanos, elles não a sabiam aceitar. Cahia Cesar, cahia Claudio, Nero e Domiciano; os tyrannos cahem uns depois dos outros, porém ficava de pé a tyrannia. Era republicana Athenas quando disputava gloriosamente o famoso passo das Thermopylas; porém quando Filippe lhe batia ás portas já receiava mais; no dizer de Demosthenes, perder os prazeres que perder a liberdade.

«Acontece agora o mesmo na nossa velha Europa; acha-se em estado parecido. Pretendem alguns que seja na nossa epoca objecção á republica a falta de illustração geral. A falta de illustração dá-se na infancia dos povos, mas a falta de virtude civica é symptoma da idade senil.»¹

A questão da monarchia e republica não é uma questão de moralidades e de progressos nacionaes. Desvaneceu-se a impressão ingenua dos credulos e surgiu a realidade dos factos em

1—«Discurso proferido no Parlamento» em 1869.

completa nudez. A sympathia politica supera o andamento material e moral das nações. Se a nossa sympathia se inclina para o systema republicano, somos republicanos de alma, sem querermos saber se o alvo dos nossos sonhos é o alvo da civilisação.

D. Emilio Castelar, que é um dos mais brilhantes ornamentos politicos e litterarios de Hespanha, estadista que já foi presidente da ephemera republica hespanhola, respondendo ás arguições de Salmerón, Pi y Margall, e outros personagens celebres do partido republicano de Hespanha, a proposito de um artigo que escrevera no *Globo*, disse muito sensatamente no *Liberal*, de Madrid:

«La base de cualquier reforma economica pide grandissima estabilidad en las leys y orden perfecto en las calles. Si intentamos cazar los liebres, no mataremos ninguna. Todo cambio violento resulta costoso. Cuesta oro, lágrimas, sangre. Y sentiremos que nos excomulgue de su Republica filosôfa el sr. Salmeron, por lo que vamos a decirle, pero se lo diremos á riesgo de una excomunion mayor. Mientras los republicanos coalicionistas unicamente convengan

on lo negativo, !a Republica unicamente puede producir en lo afirmativo una guerra civil. Y los pueblos, que calculan á una com maravillosa intuicion y exactitud, exclaman : *Más cara que una lista civil, és una guerra civil.*»¹

O eminente auctor dos *Recuerdos de Italia* responde cábalmente aos apologistas da revolução, que é o mesmo que dizer aos apologistas da republica. A guerra civil é o minotauro das finanças e das civilisações. É a guerra violenta do filho contra o pae, da familia contra a familia. No meio dos cataclismos da guerra civil, partem-se as fibras do coração, e quebram-se as lyras do sentimento. A calamidade é enorme, é ingentissima.

O marquez de Sá da Bandeira, um dos mais bellos espiritos da nossa historia politica, teve razão quando disse :

«Agora, em relação tambem á phantasiada união dos dois paizes por meio da republica federativa, isso seria igualmente uma grande desgraça para a península inteira. Havia de succeder o que tem succedido com as republicas his-

1—Madrid, 26 de noviembre de 1892.

pano-americanas, onde quizeram seguir o systema governativo dos Estados Unidos, não se achando preparados para isso, do que resultou ter havido durante cinquenta annos, revoluções sobre revoluções e as continuadas guerras civis que teem destruido os recursos das republicas do Mexico, Bolivia, Venezuela e de outras.

«Não é portanto a forma republicana ou monarchica que exclusivamente assegura a Liberdade de uma nação, porque além da republica dos Estados Unidos vemos na Europa que a Belgica é um dos paizes que tem mais liberdade apesar do seu governo não ser republicano, e nós mesmos ha muitos annos que gozamos de uma liberdade que não tem outros paizes que dizem que são mais civilizados do que o nosso.»¹

E' evidentissimo, portanto, que a republica não é mais que nma transformação empirica sujeita ás evoluções economicas e financeiras por onde passam todas as nacionalidades. Se a monarchia iberica é prejudicial aos interesses de

1 — «Discurso proferido no Parlamento» em 1869.

Portugal e á honra de Hespanha, como nos parece ter provado atraz, sem tergiversações philosophicas, a republica federativa ou unitaria da peninsula tambem não pode ser uma garantia para as duas nações.

O christianismo, essa alavanca poderosa de todas as sociedades, ensinou ao povo que a escravidão é o escarneo mais affrontoso lançado ás leis de Deus e aos direitos da humanidade. Desde o sacrificio cruento do Calvario sorriu para a vida do homem este novo sangue a que chamamos liberdade.

A Suecia e Noruega formam uma só monarchia constitucional porque a Noruega, sem principios estabelecidos, não conseguiu adquirir elementos de vitalidade nacional. A independencia da Noruega foi ephemera e não pôde enraizar-se bem no principio das nacionalidades que é o principio inabalavel da historia e o principio da vitalidade nacional. Não obstante isto, a Suecia e a Noruega, embora debaixo do mesmo sceptro, teem leis especiaes e assembleias independentes. Talvez um dia, embora em embrião, a Noruega arremece ao largo a coróa da Sue-

cia, legada por Gustavo Wasa em 1523, e se torne independente.

A sonhada união da Dinamarca com a Suecia e Noruega, em nome da fraternidade escandinava, não passa de uma utopia tão insensata como a união de Portugal com a Hespanha. A liga de Kalmar, no reinado de Eric, em 1337, é a licção solemne que sangra hoje e sangrará amanhã. O sentimento scandinavo não é um sentimento pre-historico, um sentimento de barbaros, um sentimento de feras. Está lá a alma da liberdade e a expansão da independencia. A Dinamarca saberá viver só como só saberá viver a Suecia e mais tarde tambem só saberá viver a Noruega.

A união da Austria com a Hungria não é mais do que um grupo de raças sujeito ao mesmo scetro, formando um dualismo claro e positivo. Tanto a Austria como a Hungria teem as suas leis e os seus legisladores especiaes. A Hungria, annexada á Austria desde o seculo XVII, abriu uma brecha profunda em 1848 e conseguiu desligar-se quasi completamente. As ultimas evoluções nas raças slavas, as desventuras da Austria na guerra com o Piemonte e

na guerra com a Italia, a perda da Lombardia em 1859 e a perda do Veneto em 1866, facilitaram á Hungria a faculdade de dar um passo largo no caminho da independencia e da liberdade. Não é necessario ser propheta para se dizer que, com a successão das dynastias do imperio Austro-hungaro, os dois estados hão de formar duas entidades distinctas e autonomas.

Fallando em annexões, diz erudictamente o notavel pensador Antonio de Serpa Pimentel:

«Em 1858 o gran-ducado da Toscana e os ducados de Parma e de Modena e em 1860 o reino das Duas Sicilias deixaram de ser estados independentes e formaram com o Piemonte, com as Romanias e com a Lombardia um novo estado. A Italia deixou de ser uma expressão geographica, como dizia o principe de Metternich, para constituir uma nação independente. Foi o primeiro exemplo das annexões. Mas aquelle exemplo nada colhe na questão iberica. Nenhum dos estados annexados constituia uma nacionalidade distincta pela lingua, pela historia, pela indole, pelos costumes e pela tradicção secular dos estados circumvisinhos. Quem ouviu fallar

nunca na moderna nacionalidade toscana, modenese ou parmesã? Dada a mesma lingua, a mesma a historia, a mesma gloria litteraria e artistica, os mesmos costumes e tradições, a assimilação ou fusão completa havia de fazer-se cedo ou tarde sobre a forma unitaria ou federativa. A idéa da união, da unidade mesmo, havia sido iniciada pelos grandes escriptores, inoculada no sangue da nova geração, e ha longo tempo agitava as massas, antes que a guerra da Lombardia dêsse azo á sua realisação.

«As segundas annexações de facto, e essas por meio das armas, foram as dos ducados do Elba, o Holstein e o Sckleswig. Aqui é ainda maior a disparidade para a questão iberica. Os ducados não constituiram nunca um estado perfeitamente independente, nem constituiam ou pediam constituir uma nacionalidade, paiz de pequena extensão, e de menos de um milhão de habitantes, uns allemães, outros dinamarquezes, e em maior numero os primeiros do que os segundos n'uma situação intermediaria entre a Dinamarca e a Allemanha, estes ducados estavam condemnados a servir de pomo de discordia entre as duas nacionalidades visinhas. C

Holstein até fazia parte da confederação germanica, posto que tivesse por soberano o rei da Dinamarca. Os dinamarquezes do Schleswig queixam-se agora de estarem annexados á Prussia. Antes da annexação e da guerra queixavam-se os allemães do Holstein e do Schleswig de estarem separados da grande patria allemã.

«Ainda aqui a espada, desembainhada iniquamente, foi procedida pela idea, sem a qual não teria havido ensejo para o que se praticou. A idea da grande patria allemã era, havia muito tempo, propagada nos ducados. Os poetas e litteratos allemães, perseguidos pelos tyrannetes germanicos, tinham sido acolhidos pelo rei da Dinamarca na universidade de Kiel, e pagaram-lhe a hospitalidade, fazendo a propaganda allemã, que foi afinal quem tirou os ducados á Dinamarca.

«Esta annexação prende com as outras, operadas na Allemanha depois da batalha de Sadowa em nome do direito da conquista. Mas aqui, como na Italia, ou mais ainda do que n'aquelle paiz, a Prussia executou ou começou a executar pela força das armas uma revolução, que estava feita nas ideas, professada nas ca-

deiras universitarias, propagada nos jornaes e nos livros, inoculada no espirito das populações germanicas, as mais instruidas da Europa, o principio da grande patria allemã. A organisação militar prussiana, as espingardas de agulha, os planos estrategicos do general Moltke, podiam por si sós ganhar a batalha de Sadowa; mas conservar as conquistas, conservar annexados á Prussia, ou reunidos em confederação, reinos e ducados só o faz a vontade firme e o consentimento dos proprios paizes annexados e confederados.

«O antigo reino de Hanover, o eleitorado de Hesse, os ducados de Nassau e de Brunswik, a cidade livre de Francfort deixaram de ser estados independentes para serem provincias prussianas. Os estados para alem do Meno, incluindo o reino da Saxonia, ficaram fazendo parte de uma confederação allemã, e sujeitas á supremacia ou, digamos como o pedantismo germanico, a hegemonia da Prussia.

«Mas por ventura os estados annexados constituíam nacionalidades distinctas pela lingua, pela raça, pela religião, pelos costumes, pelas tradições gloriosas, diversas das nações visinhas?

Havia por ventura uma nacionalidade hanoveriana, hessesa ou francfortiana? As annexações da Allemanha nasceram da paixão espontanea da unidade. Os allemães sentiam-se irmãos pela lingua, pela raça, pela litteratura, pelos costumes, pelas recordações do antigo imperio germanico, por tudo emfim, o que pode constituir uma nacionalidade distincta e compacta, e viam-se divididos em trinta e trez estados diversos, fracos e ás vezes hostis, sem força para defender eventualmente a patria commum contra duas potencias poderosas e vigorosamente centralizadas, com quem confiavam, a Russia e a França. Eis a causa das annexações.

«Em nenhum dos exemplos citados ha sombra de paridade com a situação de Portugal, que tem a sua nacionalidade tão distincta da Hespanha, como esta ou a Italia da França, com o pertencerem todas estas nações ao ramo latino.

«São as leis naturaes e os principios da ordem moral que governam as sociedades. A força material crê muitas vezes que é ella quem dá a lei, e não faz senão obedecer, inconscientemente, ás regras moraes que ignora ou des-

conhece. Outras vezes, quando se insurge contra ellas, as suas obras, que julga solidas e consistentes como a força que as creou, desabam em ruinas ao primeiro sopro. Phillippe II, o *Demonio do Meio-dia*, julgou fundar pela força uma obra secular, e antes da sua morte começou ella a desmoronar-se.»¹

Nós poderíamos apresentar muitissimos argumentos historicos comprovativos da pouca plausibilidade na annexação de paizes. Todavia, a exposição clara e completa d'esses factos, que são um ensinamento terrivel, seria tão longa que, por certo, cansaria demasiadamente a benevolencia dos leitores.

Não faremos, portanto, aquillo que desejavamos. Contentemo-nos em mostrar pouco mais do que dizem eminentes pensadores como Antonio de Serpa Pimentel. As palavras do brilhante publicista são sufficientemente auctorisadas para que as apresentemos aqui. Por isso mesmo alenta-nos a esperança de que os leitores saberão perdoar as nossas longas citações.

1—«Questões de politica positiva. Da nacionalidade e do governo representativo.» Obra citada, pag. 78, 79, 80, 81 e 82.

A sciencia politica é susceptivel de erros profundos. A annexação de nacionalidades é um d'elles. Uma nação suicida-se annexando-se a outras, embora da mesma raça, dos mesmos costumes, da mesma indole ethnographica.

Um escriptor hespanhol, que nem sequer teve a coragem de se assignar em um livro prefaciado por um *jornalista portuguez*, igualmente anonymo, diz o seguinte :

«Otro hermoso trozo de Europa, aun mas indicado que la Italia para formar una sola nacion, es la peninsula ibérica. En efecto, qué rios ó montañas separan al Portugal de España? Hay alguna diferencia en las lenguas, religiones ó razas de ambos paizes? Que pierden en no constituirse en un solo pueblo?»¹

No decorrer do nosso trabalho respondemos a essas perguntas inocentissimas do escriptor hespanhol publicadas em 1853. Diz em seguida que examina as questões e, afinal, só apresenta argumentos de facil resposta. Uma coisa nos impressionou na leitura de esse livro,

1—«La Iberia. Memoria sobre las ventajas de la união de Portugal y España, pag. 33.

aliaz bem escripto. A affronta lançada sobre a memorea do conde de Thomar e do marechal Saldanha honra pouco o character do publicista hespanhol. A idea de patria não era um sentimento vão na alma do conde de Thomar e do marechal Saldanha. O escriptor hespanhol escreveu:

«No seria más glorioso y agradable, por exemplo, para el conde de Tomar ô el mariscal Saldanha el ser ministros de la nacion ibera que del actual Portugal.»¹

Os dois gloriosos vultos da nacionalidade portugueza não eram dignos do estygma infamante de usurarios. Jámais ambicionariam uma tal gloria, gloria tristissima de traição. Affrontas d'estas não se dizem e muito menos se escrevem. O escriptor hespanhol pôz em duvida a honra e o patriotismo dos dois illustres militares sem se lembrar que alguém poderia sahir-lhe ao caminho e dizer: — *mentiste*.

Para provar a conveniencia da união iberica, por meio da monarchia ou da republica, federativa ou unitaria, dizem alguns que á nossa

¹—«La Iberia. Memorea sobre las ventajas de la union de Portugal Hespanha.» Obra citada, pag. 44.

nacionalidade faltam elementos indispensaveis para constituir um todo harmonico e vital. Sobre esta affirmativa tão infeliz como mentirosa, poderiamos dizer que, se há falta de homogeneidade na península iberica, dá-se principalmente, senão unicamente, na moderna Hespanha. Só desde o seculo XV é que a Hespanha se consolidou com a reunião das corôas de Castella e de Aragão. Foram os portuguezes que ensinaram o caminho das conquistas e dos descobrimentos á nossa vizinha Hespanha que antes do seculo XV não era mais que uma concentração de varias familias sem elementos bastante fortes com que se podesse formar nacionalidades distinctas.

Alguns hespanhoes, mesmo sabios pensadores, como D. Raphael de Labra e D. Emilio Castelar, acreditam convictamente na marcha progressiva da união iberica. Salvo o devido respeito que nos merecem esses vultos grandiosos da litteratura hespanhola, não podemos acreditar que as idéas da união, quer sejam em forma de republica, quer sejam em fórma monarchica, possam realizar-se nos horisontes da civilisação e da liberdade.

O juramento das côrtes de Thomar foi um amplexo de fraternidade verdadeiramente momentaneo. A epocha que se seguiu foi de funestissimas consequencias e deve servir de lição ás gerações de hoje como o servirá ás gerações de amanhã.

O sr. Visconde de Santarem, um dos ornamentos mais brilhantes da nossa litteratura contemporanea, escreveu com o alto criterio de que sempre fôra dotado :

«Sobre esta vergonhosa e triste scena melhor será correr-lhe o veu, do que represental-a com as verdadeiras feições e a verdadeira côr. No momento em que a heroica nação que vencera Castella em Aljubarrota e devassara o segredo dos mares até á Asia, ajoelhava em Thomar, entregando os seus fôros nas mãos do herdeiro de Carlos V, o priôr do Crato e os que o seguiram, choravam no desterro as illusões, que os empenharam como derradeiros defensores da liberdade natal n'uma lucta desigual em que se viram desamparados de quasi todos.

«A pobreza e as amarguras do exilio puniram sobre elles, como a derrota de Alcacer sobre D. Sebastião, o fatal erro de não conhece-

rem a epoca, nem os homens. Aos cavalleiros de Africa tinham succedido os mercadores da India, e esses nem souberam pelejar como soldados, nem souberam morrer como portuguezes.

«Felizes os que dormiram ao lado do rei em Alcacer, porque não viram a affronta sobre o infortunio. Ao menos fecharam os olhos para sempre com a imagem da patria pura, e não trahida, no coração.»¹

A epoca que se estende desde 1580, epitaphio de Camões e sarcophago da independencia, até 1640, aurora viridente da nossa liberdade e alvorada esplendida da nossa redempção, é sufficientemente ensinativa para que não nos deixemos cahir no abysmo d'onde nos arranca-ram ha dois seculos e meio. A lição de sessenta annos de captiveiro falla mais alto que os rendilhados de estylo com que os utopistas nos pregam iberismos.

Luiz Augusto Rebello da Silva, o brilhante

1 — Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo desde os principios da monarchia até nossos dias, continuada por L. A. Rebello da Silva, como XVII, pag. CCIV e CCV.

orador e eminente publicista, continuando a obra immorttal do Visconde de Santarem, escreve com razão, referindo-se á epocha dos Filippes :

«Portugal cedera á força, mas o seu coração mesmo no meio das pompas e festejos que ordenaram a entrada triumphal do vencedor, fugia d'elle para os proscriptos, que a essas horas buscavam na terra estrangeira um asylo, aonde os não alcançassem os impetus da sua vingança.

«As saudades da independencia e do rei natural, que o ruido dos passos dos terços do duque de Alva tinha comprimido, e que os votos e adhesões venaes de homens degenerados procuravam encubrir, ou atenuar, reverdeciam mais vivas de dia para dia. De parte a parte faltavam a confiança e o amôr, laço indissolvel, sem o qual o principe e os vassallos nunca se podem abraçar com sinceridade.»¹

O eminente publicista hespanhol e propagador das glorias portuguezas, D. Raphael de La-bra, enganou-se quando escreveu :

¹—«Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo», etc. Obra citada, tomo XXIII, pag. XXV.

«Sólo que para la realizacion plena de sus destinos, para el goce perfecto de ese mundo de tentaciones, para el disfrute positivo de esa hermosa vida, Portugal necesita renunciar á una de sus preocupaciones mas arraigadas ; necesita marchar resueltamente á la unidad ibérica.

«Verdad que la reconstruction de la gran familia hispano-portuguesa no pende sólo del esfuerzo luzitano, por más que haya existido en el mundo un Piamonte. A esa gran obra tenemos que cooperar los españoles, sin prisas, ni violencias, ni torpezas. Es necesario que la obra sea el empeño de la razon y de la prudencia ; el resultado de la propaganda, el fruto del convencimiento.

«Mas no nos hagamos ilusiones, bastante han de hacer nuestros vecinos, nuestros ermanos del Tajo. Pero ellos tienen la libertad, el derecho.

«Nosotros tenemos que reformar seriamente nuestra vida ; no retroceder el camión de la civilisacion, no renunciar á las conquistas de estos ultimos tiempos que nos habiam levantado á los ojos del mundo del progreso. Por eso, nuestro empeño és mucho mayor que el de los portugueses. Seamos francos, seamos sinceros.

Que vale prodigar el diccionario de las palabras pomposas y perder el tiempo relatando la historia de nuestras grandezas pasadas ! La realidad, la realidad presente es la que nos importa y en ella se ha de fijar el mundo (independientemente de todo lo que nosotros pretendamos y proclamemos com el soberbio aire de um arruinado hidalgo) para darnos nombre y concedernos titulo.»¹

Sentimos muito discordar das opiniões do brilhante publicista, por isso mesino que D. Raphael de Labra é um dos admiradores mais estrenuos e mais entusiasticos que Portugal tem para lá das fronteiras. Nós conhecemos as qualidades brilhantes do notavel orador e isso nos basta para que acreditemos piamente na sinceridade das suas palavras. A sympathia ardente, que D. Rafael de Labra nutre pela nação portugueza, leva-o a embrenhar-se entre as luzes da theoria sem se lembrar que a pratica é o privilegio da nossa lucta pela vida e pela independencia. Por mais que admiremos os doctes intellectuaes do austero pensador hespa-

1— «Portugal y sus Códigos», pag. 290 e 291.

nhol, não nos podemos convencer das suas palavras que estão em perfeita e manifesta contradicção com os nossos ensinamentos históricos. Portugal, por causa das suas utopias, sendo uma nacionalidade marítima, não tem navios; sendo descobridora, não tem sabido conservar a autonomia das suas colonias; sendo commerciante, tem deixado enfraquecer as suas indústrias; sendo povoadora, não tem posto um dique á corrente de emigração que se dirige para a America; sendo terror do Oriente e do Occidente, tem-se deixado vencer pelas diplomacias estrangeiras. E' o resultado dos nossos sonhos e da nossa indolencia.

Nós bem poderíamos dizer aqui, a D. Rafael de Labra, o que o illustre parlamentar portuguez, conde de Casal Ribeiro, disse em 1869 a outro tribuno eloquente, a D. Emilio Castelar. ¹ Nós não devemos attender á honradez dos homens de hoje para annexar nacionalidades. A arvore que se planta não é só para fructificação de uma vida. Legarmos aos vindouros cadeias com que possam ser escravizados, é uma acção inhumana e indigna do nosso nome.

¹—Veja-se a nota D.

O originalissimo estylista José Maria Latino Coelho, sendo ministro da marinha no gabinete bispo de Vizeu, repelliu as accusações que lhe fizeram e, defendendo-se, por haver escripto o prologo de um livro iberista de D. Sinibaldo Más, disse com o applauso de toda a camara :

«Não ha ainda muitas semanas, escrevendo eu a um cavalheiro hespanhol, eminente por talentos e collocado n'uma elevada posição politica, e respondendo-lhe francamente ácerca das ligações politicas entre os dois povos peninsulares, eu aproveitei a occasião para firmar de uma maneira clara e inconcussa a minha opinião inabalavel ácerca das iigações politicas entre os dois povos peninsulares. Dizia-lhe eu que os dois povos irmãos se haviam de acatar e favorecer ; irmãos pela sua nobilissima ascendencia, irmãos pelas empresas cavalheirosas em que lidaram, iniciando os descobrimentos da idade moderna, irmãos pelo generoso afan com que n'este seculo se tem empenhado por conquistar e reivindicar as suas liberdades contra todas as oppresões e tyrannias. Que nos cumpria viver em paz sincera e fraternal, conservando, todavia, perfeitamente definidos os nossos limites e fronteiras imme-

morias. Assim nos ajudaremos na actualidade com mais fructo, e contribuiremos para a commun prosperidade e grandeza da peninsula do que por uma união apparente e ficticia que, qualquer que seja a sua força, nas presentes condições da peninsula e nas actuaes relações com o systema europeu, trará sempre nas apparencias de um enthusiasmo ephemero e de uma irreflectida opinião, a semente funesta dos odios civis, e das guerras diuturnas e cruelissimas, que até hoje tem seguida de perto todas as tentativas feitas pela diplomacia ou pela espada para effectuar a união entre os dois povos peninsulares.»¹

Abundando nas mesmas idéas, escreve o sr. Teixeira de Vasconcellos:

«A idéa da união de Portugal com a Hespanha é antiga, mas sempre nasceu de despeito ou de ambição, quer dos homens de lá quer dos de cá. Ora vão fundar o futuro dos povos sobre duas más paixões e verão que resultados alcançam.»¹

1 — «Discurso proferido no Parlamento» em 1869.

2 — «A fundação da monarchia portugueza.» Obra citada, pag. 19.

O resultado seria a derrocada completa e inevitavel dos dois paizes. Não é sómente um mal a monarchia iberica. A supressão de uma presidencia republicana é tão perigosa como a supressão de um sceptro nas duas nações peninsulares. Dizer que uma republica iberica não tem os perigos que pode offerecer uma nacionalidade com systema monarchico, é mentir á face da propria razão, é desconhecer completamente a nossa historia politica.

Aos ibericos, nós poderíamos dizer affoutamente como o eloquente tribuno D. Emilio Castelar aos socialistas :

«Esculpis al cielo, y os manchais la cara. Negáis el arte, negáis la sciencia, negáis la religion y la patria; pero en seguida, tras estas negaciones, el corazón traiciona la inteligencia, desmiente vuestra teoria la vida toda, y conclus por cumplir con vuestros actos, demostrando su poder asi, aquello mismo que negáis con vuestras teorías. No, como ningun francez cosmopolita puede asistir, apesar de su cosmopolitismo, á Waterloo en son de rogocijo por la victoria de los ingleses, ninguno puede renunciar

à Metz y Estrasburgo por complacencias con sus correligionarios alemanes.»¹

O iberismo está em contradição manifesta com a vida pratica dos portuguezes. Esse ideal não significa outra cousa senão divagações hypotheticas perante uma utopia enganadora como a miragem dos desertos.

A razão do presente existe nos arcanos da historia. Nem as batalhas poderão demolir o que nos legou o passado, nem as evoluções politicas poderão apagar com uma esponja o que a historia nos deixou archivado. Virtudes ou benemerencias, crimes ou infamias, glorias ou heroismos, maldades ou tyrannias... tudo nos mostra o passado para licção do presente e para ensinamento do futuro.

O grande pensamento que fez da antiguidade uma luz, da edade-media um baluarte e do nosso tempo uma tribuna é o mesmo pensamento que levanta ou abaixa uma nação, que consolida ou enfraquece uma idéa, que vitalisa ou aniquila a soberania de um povo.

O iberismo não é uma idéa advogada perante

1 — «Illustracion Artística». Barcelona, 44 de septiembre de 1891.

a luz serena dos factos: é o surgir de uma traição infamante ou o despontar de uma utopia desorganizadora.

Estas palavras não significam, nem podem significar, uma hostil manifestação á Hespanha moderna. Os dois povos peninsulares, não obstante a degeneração successiva das raças, teem tradições enlaçadas, patrimonio esplenduroso da antiguidade. Sabemos que Portugal e Hespanha se devem amar reciprocamente no caminho da liberdade e da civilisação, mas tambem sabemos que devem conservar a sua independencia e autonomia. Não é uma questão do direito politico, sómente; é uma questão de honra e de liberdade.

Não queremos, pois, a união iberica, monarchica ou republicana. A patria purifica o sangue do homem e por isso o homem tem direito ao sangue da patria. Nós temos patria e temos sangue. A patria é a purificação do sangue e o sangue é a vitalidade da patria. Nós não queremos vender a nossa patria, porque vender ou alienar a patria é vender o sangue, é vender a vida humana.

Se um dia a Hespanha nos quizesse violen-

tar, Portugal teria a coragem da famosa Timoclea da Grecia que lançou a um poço o soldado da Thracia que quiz abusar da sua honra.

VI

Luciano Cordeiro, o benemerito secretario da sociedade de geographia de Lisboa, disse algures :

«Só ha uma coisa eterna e incorruptivel nas nações : a *nacionalidade*, como só ha uma coisa indestructivel nos povos, a familia, como só ha um facto supremo na historia : a sociedade.»¹

A nacionalidade portugueza consolidou-se, emancipou-se. Agora só ha dois caminhos a seguir : — avançar e viver, ou recuar ou morrer.

Morrer !? mas que é feito de essa raça de heroes que sellaram com o seu sangue o triumpho da sua emancipação e cuja memoria nos

1—«Segundo livro de critica». Obra citada, pag. 325.

alenta nos momentos calamitosos da nossa existencia?!...

Morrer!? mas é licito que profanemos as cinzas venerandas dos nossos proto-parentes, caminhando para a morte da autonomia portu-gueza?!...

Morrer!? mas havemos de sacrificar a nossa integridade nacional, resignados e contentes, como o biblico Abrahão no sacrificio de Isac?!...

Morrer!? mas havemos de olvidar as phos-phorecencias expansivas do nesso nome tra-dicional, da nossa honra ilibada, da nossa his-toria brilhantissima?!...

Morrer!? mas o principio das nacionalidades não é uma expressão solemne e inextinguivel, Phenix immortal dos direitos politicas e socio-logicos?!...

Ah! a patria não morre enquanto pulsar em nós o sentimento da propria honra e a alma da propria vida! As vozes da nossa honra e os alentos da nossa vida não são como as harpas penduradas nos salgueiros de Babylonia, pe-rante as recordações de Sião.

Antonio de Serpa Pimentel, o Niebuhr ou o Waschmuth nacional, o sabio publicista que é

uma das glórias mais justamente consideradas de Portugal, diz com o alto criterio que é peculiar ao seu talento :

«Por em quanto, o principio das nacionalidades, que só no seculo actual começou a ser observado e avaliado, e que aos espiritos retardatarios ainda custa a admittir, continuará a ser o elemento mais importante da politica internacional. As guerras de conquista hão de acabar em virtude do nivelamento da civilisação. As guerras de ambição dynastica acabam em virtude do estabelecimento dos governos livres. Só as guerras de nacionalidade não acabarão em quanto a divisão politica dos povos não corresponder ao agrupamento natural dos elementos nacionaes distinctos. E' a vontade dos povos, diz-se, que constitue as individualidades nacionaes. Mas essa vontade não é filha de um capricho, é o resultado de leis naturaes, positivas e indeclinaveis, que a sciencia dos factos sociaes e historicos explica, e que a politica tem de acatar.

«Agora mesmo, quando se organisam sociedades de paz, e quando o desarmamento geral parece ser um desideratum de incalculaveis van-

tagens economicas, ha conflictos na Europa, que difficilmente poderão resolver-se sem a triste necessidade do recurso á guerra. E' sobretudo a questão do Oriente, problema que não será talvez totalmente resolvido antes de passarem muitas gerações, e que é mais que tudo uma questão de nacionalidades. O actual conflicto na Irlanda é no fundo uma questão de nacionalidade. E esse outro conflicto latente, cuja explosão será proxima ou remota, mas que será inevitavel, que pesa na Europa como uma ameaça permanente, se uma circumstancia eventual o não resolver amigavelmente, o ajuste de contas entre a França e o imperio allemão, é grave porque é a questão da nacionalidade da Alsacia e da Lorena.

Almanac
1914

«A Austria perdeu a Lombardia e o Veneto que são italianos, e não pensa em os reconquistar. Não pensa a Turquia em subjugar de novo a Grecia, que é toda grega. Mas a França pensa e pensará eternamente na Alsacia e na Lorena, como a Polonia pensará eternamente na sua independencia e autonomia. *Inelutabile fatum.*»¹

1—«Questões de politica positiva. Da nacionalidade e do governo representativo» Obra citada, pag. 98 e 99.

A musculatura da gentilissima nacionalidade portugueza jámais poderá ser domada pela aguiá de Hespanha. N'este veterano de famosos combates predomina exuberantemente um patriotismo de aço que se não deixa contaminar pelo veneno desconjuntador e lethifero, porque o tristissimo capitulo de sessenta annos que nos envergonhou e tyrannisou, foi licção bastante para encadeamento dos seculos e para moralidade dos povos. A independencia é para as nações o que a honra é para o homem.

D. Rafael de Labra enganou-s: quando escreveu :

«Todo el peijo y la preocupacion toda del vecino reino consisten en vivir por si, y rechazar toda influencia estraña, y demostrar que *es*, y que *representa* y que *vale*; y sin embargo, esa maravillosa historia se reduce á un homérico esfuerzo, que sólo momentaneamente y á intervalos parece obtener exito contra la accion, casi siempre triunfadora, del extrangero sobre aquella noble tierra, que por ley de lo naturaleza, cuando no por exigencia del desenvolvimiento histórico de la humanidad, está llamada á unir-se, á identificarse con el resto de la Pe-

ninsula ibérica, para afirmar verdadeiramente la independencia de su familia y el carácter de sua raza.»¹

Parece-nos que estes desastres da nossa patria não podem servir de argumento a favor da união ibérica. Todas as nações, ainda mesmo as mais fortes, teem soffrido desastres dolorosissimos. A Hespanha perdeu em 1704 a bella fortaleza de Gibraltar e desde 1804 até 1824 viu sumir-se o seu poderio colonial na America; a Grã-Bretanha, que é uma nação forte, perdeu em 1783 os Estados Unidos e ha de perder a Irlanda, que pensa e pensará na sua independencia; a Suecia decahiu bastante depois que Carlos XII ficon derrotado em 1708 na memoravel peleja de Pultawa, a Dinamarca soffreu o bombardeamento de Copenhague em 1807 e perdeu o Scheleswig, o Holstein e o Lauemburgo em 1864; a Bussia perdeu em 1856 uma parte da Bassarabia que se estende á beira do Danubio e assiste ao seu desmembramento pelas sublevações dos nielistas; a França viu cahir sob as garras da Allemenha, em 1871, as

1- «Portugal y sus Códigos.» Obra citada, pag. 38.

bellas provincias da Alsacia e da Lorena ; a Torquia viu aniquilado o seu poderio na Europa depois que foi derrotada pela Russia em 1877. Enumerar todas as infelicidades de todos os paizes, seria uma tentativa de eruditos, seria escrever a historia de toda a humanidade. Todas as nações do mundo são outros tantos prophetas de Anathoth que lamentam a falta da resina de Galaad com a dôr sobre toda a dôr e com o coração melancholisado dentro da propria alma.

D. Juan Valera, litterato distinctissimo do reino visinho, respondendo aos estudantes portuguezes que faziam uma manifestação de sympathia em homenagem a Calderon de la Barca, por occasião do centenario da morte d'esse eminente homem de lettras do seculo XVII, disse o seguinte, segundo uma citação de Antonio de Serpa Pimentel:

«Temos duas linguas litterarias perfectas e diversas e duas grandes e diversas litteraturas. A Allemanha pode sonhar com a sua unidade, porque só tem uma lingua e uma litteratura, a Italia pode realisar a sua porque tem tambem uma lingua e uma litteratura unicas ; porem Por-

lugar e Hespanha tem duas linguas e duas literaturas distinctas e riquissimas, e não pode haver o menor receio de que as suas nacionalidades se confundam jamais n'uma só, ainda que ambos os povos estreitem cada vez mais os laços de fraternidade em que devem viver sempre unidos.»¹

A resposta do antigo ministro de Hespanha em Lisboa foi digna e sensata. Os dois povos peninsulares tem psychologias diversas e por isso mesmo não podem caber dentro da mesma alma.

Alem de tudo, nem a unidade das raças, nem a afinidade das linguas podem ser invocados como argumento culminante das annexações. Portugal, Hespanha, França, Italia, Grecia e outras nacionalidades distinctas pertencem á raça helleno-latina e nem por isso essa dependencia pode estorvar a autonomia de essas nações. Uma grande parte da Russia, a Servia, a maior parte da Turquia, o principado de Montenegro, quasi todas as nacionalidades do norte pertencem

1—«Questões de politica positiva. Da nacionalidade e do governo representativo.» Obra citada, pag. 90 e 91

cem á raça slava e não se conclue, por isso, que devem formar uma nação distincta e unica. O mesmo se poderá dizer das raças semiticas, tartara-mongolicas, bohemias, celticas, etc. que se vão degenerando com os cruzamentos. A raça pode ser invocada como uma gloria tradicional, mas não pode nem deve ser invocada como argumento de união dos povos. As linguas tambem podem ser affins e, contudo, essa affinidade não forma independencias. No Brazil falla-se o portuguez e, não obstante esse facto, a joven republica tem elementos de vida sem a intervenção de Portugal. A lingua franceza falla-se na Belgica, no Canadá e em outras nações que teem independencia propria. O allemão falla-se na Suissa e na Austria e nem por isso essas nacionalidades pensam em annexações. A mesma lingua que se falla em Inglaterra, falla-se tambem nos Estados Unidos e, não obstante essa unidade de linguas, tanto o antigo protectorado de Cromwel como a republica de Lincoln, formam entidades distinctas, independentes. As linguas, quando são completadas por litteraturas diversas e distinctas, é que são um elemento de vitalidade e de independencia pa-

ra as nações. Duas nações differentes no idioma, differentes na litteratura, differentes na indole ethnographica, differentes em tradições historicas, jámais se poderão unir, porque essa união se oppõe ao principio das nacionalidades.

O sr. Antonio de Serpa Pimentel foi justo quando escreveu:

«A creação do reino da Grecia, a fundação da Belgica, a cessão das ilhas Jonias, a independencia da Molúo-Valaquia e da Servia, a resurreição da Hungria, o accordo ha pouco tempo estabelecido entre o povo hungaro e a Croacia, o que são senão resultado inevitavel do principio das nacionalidades?

«Mas as annexões? Mas Napoles e a Lombardia, a Toscana e os Estados Romanos, o Hannover, o Hesse, Francfort e os ducados do Elba? A differença é profunda. O caso em que se encontra o nosso paiz em relação á Hespanha não é igual nem semelhante ao em que se encontravam aquelles paizes em relação aos estados a que foram annexados.

«Com os hespanhoes só temos de commum a raça e grande affinidade na lingua. Mas a affinidade, a semelhança mesma das linguas,

quando não é identidade completa, quando não forma uma só litteratura, é de ordinario tão grande incompatibilidade moral como se as linguas fossem diversissimas. Affins e semelhantes são todas as linguas neo-latinas. Não é a facilidade ou difficuldade de entenderem mutuamente as suas linguas e dialectos que aproxima ou afasta os povos. Mas é quasi sempre a litteratura, de preferencia a qualquer outro caracteristico, salvo um interesse politico vital e de primeira ordem, que dá physionomia a um povo e individualisa a sua nacionalidade. A historia d'este seculo mostra-nos a cultura litteraria, como a primeira causa ou o primeiro symptoma da resurreição de quasi todas as nacionalidades, que jaziam subjugadas. Os poetas e os escriptores tem sido os precursores que formulam, propagam e divulgam a idea que cala no espirito e accende pouco a pouco as paixões patrioticas. A idea vae adeante da espada que faz as revoluções e altera as fronteiras dos estados. Por isso a Russia, tendo esgotado de balde todas as oppressões para comprimir a nacionalidade polaca, lançou agora mão, como meio efficaz, de impôr aos vencidos a lingua

russa. A Hungria começou a sua emancipação com a pleiade de escriptores e poetas do fim do seculo passado. O motivo principal da desavença dos Croatas com os Hungaros em 1848 foi uma questão de lingua. Alfieri e outros poetas e escriptores italianos no principio d'este seculo fizeram mais pela unidade italiana do que a politica de Cavour, os voluntarios de Garibaldi e a espada de Victor Manuel.»¹

Não obstante tudo isso, a diversidade que ha, embora pequena, entre a lingua portugueza e a lingua hespanhola, não pede diversidade de relações internacionaes, mas por isso mesmo não se pode sustentar plausivelmente a união dos dois systemas politicos. A litteratura portugueza é completa e radicalmente distincta da litteratura hespanhola. Ambas as litteraturas teem canticos como ambos os povos teem noites mysteriosas de luar; mas os canticos de uma teem a frescura das harpas que echoavam nas plagas do Asphaltite e os canticos da outra são severos e melancholicos como as vibra-

1—«Questões de politica positiva. Da nacionalidade e do governo representativo.» Obra citada, pag. 73 e 76.

ções lyricas entoadas á sombra dos salgueirae do Euphrates.

D. Rafael de Labra, aliás um escriptor erudicto e um dos mais solemnes ornamentos da Hespanha moderna, não foi verdadeiro, nem sensato, quando escreveu :

«De iberistas están tachados los hombres más caracterizados de los partidos radicales; y el nuevo partido democrático, que tan imponente manifestacion ha hecho pocos meses atras en prol de la reforma de la Carta, y en cuyo seno tantas ilustraciones y respetabilidades portuguesas se cuentan, es acusado energicamente de iberista. La cosa esta en la atmósfera; se ve en todas partes; d'onde quiera se agita. Es una idea del tiempo; una idea que subsistirá mientras subsistan la *unidad alemana* y la *Italia una*, cuya presencia en la historia, cuyos progresos y cuyos esplendores hacen la mas tremenda y resonante propaganda en favor de aquel fecundo pensamiento.»¹

É verdade, infelizmente, que ha em Portugal quem, pertencendo ao partido republicano, as-

¹—«Portugal y sus Códigos.» Obra citada, pag. 142 e 143.

pira á união iberica, porque só assim é que mais facilmente lograria vér em realidade o que por emquanto não passa de uma divagação hypothetica. Só nma paixão criminosa e intensissima é que pode levar o homem a sacrificar a independencia da sua patria ás aspirações dolorosas do seu partido. Todavia, a opinião de alguns retrogados não pode pesar na balança do direito politico e da vontade nacional. A união iberica seria o Minotauro da nossa honra e das tradições augustas que viridentizam a terra do Cid e a terra do Gama. Sobre as cinzas que os barbaros arremçaram sobre a civilisação infantil, levantou-se austero e solemne o reino independente de Portugal. Querer renegar a patria é cavar a propria ruina nas fibras do nosso coração.

Nós poderemos dizer bem ao eminente pensador D. Rafael de Labra o que escreveu o Visconde de Santarem, Manuel de Macedo Leitão e Carvalhosa:

«Conheci que penetrar nas trevas dos seis primeiros periodos que precederam a fundação da monarchia era trabalho, em que só interessaria a erudição, mas não o nosso Direito Pu-

blico externo. As contendas politicas eram n'estas epochas decididas mais pela espada do que pelas estipulações diplomaticas; por este motivo apenas devemos saber em uma obra d'esta natureza que a sua Divisão Systematica se compõe:

«1.º Da epocha, em que este paiz, conhecido pelo nome de Lusitania, era habitado por diversos Povos, que tinham todas as suas Leis e seus costumes.

«2.º Quando o mesmo Paiz foi conquistado pelos Carthaginezes.

«3.º Quando passou ao dominio dos Romanos.

«4.º Quando os alanos, os Suevos e os Visigodos d'elle se apoderaram.

«5.º Quando cahiu em poder dos Serracenos.

«6.º Desde que o Conde D. Henrique entrou em Portugal até ás côrtes de Lamego.

«Devemos finalmente gloriar-nos de saber d'estas epochas as virtudes heroicas Militares de nossos Maiores que brilhão atravez da rudeza d'aquelles tempos; que nossos antepassados nunca soffreram impunemente o captiveiro d'um chefe, que não fosse seu; que prestaram solememente contra a violencia dos Tyrios, dos Cel-

Historia da Independencia

tas, dos Carthaginezes; que quando estas nações atacavam a independencia de outros Povos, mais numerosos que os da Luzitania, temiam atacar os d'esta parte da Europa pelo seu valor; que elles se defenderam por mais de seculo e meio das tremendas Legiões Romanas; que reinou a maior harmonia e liberdade nas Eleições dos Apimanos, dos Viriatos, dos Sertorios e dos Tantamos. Devemos saber as maldades, e perfidia d'um Sulpicio Galba, o susto do Senado Romano do valôr, e vingança dos Luzitanos, a habilidade d'um Marco Vitelio, a sua derrota total por Viriato, as batalhas das margens do-Tejo, e junto ao Mouto e Venus onde Paulicio tremendo cedeo á invencibilidade Lusitana, que o Campo d'Ourique, depois tão famoso, foi antes tinto com o sangue Romano, e alastrado de cadaveres d'esta soberba nação, e lá perdeu a vida Claudio Unimano; que os Lusitanos arrebataram estandartes, aguias e insignias marciaes das Legiões Romanas espavoridas; que á vista dos nossos esquadrões fugio o consul Caio Nigidio, e foi humilhado o orgulho de Q. F. Maximo Emiliano vendo tomar de assalto duas fortes praças diante de seus olhos;

devemos saber que os intrepididos Povos do Norte, que se estabeleceram sobre as ruinas do Imperio Romano, só por meios brandos conseguiram o dominio da Lusitania; que nossos antepassados ajudaram com seu valor os Reis de Leão a sacudir o jugo dos Mahometanos, e que depois guiados pela politica foram plantar as Quinas Portuguezas no patrimonio de Sesostris, e dos Ptolomeas.»¹

Nós jamais poderemos esquecer os feitos monumentaes da nossa gloria tão perfulgentemente gravados nos olhos da tradicção e nas paginas esplendurosas da historia nacional. Os nossos feitos da India, encadeados na heroicidade da Ethiopia, gravaram bem fundo na memorea a aspiração constante da nossa vitalidade e independencia. A austeridade de character que synthetisa a raça valente e audaciosa dos portuguezes, que fizeram o theatro da sua grandeza na Persia, na Arabia, em todo o Oriente, prova bem quanto estava firmada na conscien-

1—«Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo, etc. Obra citada, tomo I pag. VII e VIII.

cia publica a idea latentissima e frisantissima da liberdade e da independencia. Ormuz, Goa, Malaca, Sião, Molucas, Maldivas, Macau, Diu, Ceylão, Timor, uma infinidade de colonias que se estendem desde os confins do Oriente até á ultima pedra do Occidente, são outros tantos brilhantes engastados na corôa dos nossos reis. Ahi, não ha sómente lagrimas derramadas; ha o sangue dos portuguezes sacrificado no altar da patria. O sacrificio de nossos antepassados, por entre um cataclismo assombroso de sangue e um orvalho doloroso de lagrimas, deixou á posteridade a palma do triumpho onde outr'ora, em tempos pertencentes aos dominios geologicos, permanecia o tristissimo martyrio da civilisação.

Fallando sobre o principio das nacionalidades, diz sensatamente o sr. Antonio de Serpa Pimentel:

«Esta palavra *nacionalidade* é moderna como a idéa que representa.

«Ha quem negue o principio das nacionalidades, ou antes o direito de nacionalidade. Outros tem abusado do principio para os calculos da sua ambição. Não faltam visionarios que, in-

terpretando-o a seu modo remodelam a seu bel-prazer no remanso do seu gabinete a carta da Europa. Napoleão III, combinando este verdadeiro principio com o outro arbitrario e falso das grandes agglomerações, inaugurou uma politica de phantasia, que trouxe o abatimento da França. Mas que o principio das nacionalidades, se não é um direito, é uma força, e talvez a maior do nosso seculo, dil-o a historia contemporanea com a eloquencia incontrastavel dos factos.

«Ainda não houve uma guerra na Europa, um grande conflito internacional, uma reunião ou separação de estados, uma remodelação ou desmembramento depois das guerras de Napoleão I, que não tivesse por origem a questão das nacionalidades.

«As insurreições da Servia e da Moldo-Valachia, a autonomia e quasi independencia d'estes principados foram questões de nacionalidade.

«A independencia da Grecia: questões de nacionalidade.

«A erecção do reino da Belgica: questão de nacionalidade.

«As insurreições politicas de 1848 transformam-se em guerras na Italia e Hungria por questões de nacionalidade.

«A guerra de Italia em 1859 e a formação da monarchia italiana: questão de nacionalidade.

«A guerra com a Dinamarca, por causa do Schleswig Holstein allemão, d'onde se originou a guerra austro-prussa: questão de nacionalidade.

«O dualismo constitucional no imperio austro-hungaro: questão de nacionalidade.

«A propria guerra franco-prussiana não teve outra origem e outro fim senão o robustecimento da nacionalidade allemã, que Napoleão III tinha ajudado a constituir, e de que começava a ter receio. Até a mutilação da França pelo desmembramento da Alsacia e da Lorena teve por pretexto, embora menos plausivel a nacionalidade dos habitantes d'aquellas duas provincias, que os conquistadores querem chamar allemã, pela communidade de raça e de lingua.

«Só a guerra da Crimeia não foi uma guerra de nacionalidade; mas não foi elle senão um

episodio d'esta mesma questão do Oriente, que não existiria do modo como hoje existe sem a questão de nacionalidades.

«Todas as grandes batalhas dadas na Europa depois de 1815, no mar ou na terra, Navarino, Navara, Magenta, Sadowa, Costosa, Lissa e Sedan, tiveram por origem questões de nacionalidade.

«Para avaliar a importancia das questões de nacionalidade que se ligam á questão do Oriente, é necessario examinar o modo como se formou e como é ainda formado actualmente o imperio musulmano que tem a sua séde em Constantinopla.»¹

A constituição dos povos falla eloquentemente, como eloquentemente fallam as ondas do Oceano, onde surgiu a gloria immarcessivel do nosso poderio colonial. A estrella de Sagres, vara vigilante de Jeremias, guiára os nossos descobridores que na divisa *talent de bien faire* descortinavam a grandeza e a vitalidade da sua patria. Não era o amôr de gloria que vencia o animo dos arrojados argonautas nem mesmo o

¹—«A questão do Oriente», pag. 10 e 11.

interesse das riquezas dos lendarios expedicionarios da Colchida. Erostrato que, para se tornar celebre, incendiou o templo de Diana, em Epheso, ficou sendo conhecido como um idiota da antiguidade. Os nossos maiores não ambicionaram a gloria de si mesmo com os seus sacrificios, como os antigos christãos que entregavam o pulso á crueldade dos algozes; elles ambicionaram só e simplesmente a grandeza e a gloria *in ævum* de este torrão natal que foi o theatro dos seus sacrificios. Quebraram a espada que nos ferira a alma por entre um veu de ignominia, legando-nos um coração lavado de todas as impurezas e a gloria esplendorosa da nossa independencia.

Lancemos uma visia retrospectiva para alguns povos que soltam o grito da liberdade com a alvorada nunca esquecida da sua redempção.

Comecemos pela Servia, por esse belle paiz beijado pela corrente do Danubio, embalado pelo oxigenio das florestas que o limitam da Hungria e realçado pelo sol brilhante dos seus horisontes de annil. Desde o seculo VII até ao seculo XI a Servia esteve sujeita ao imperio grego de Constantinopla. Esse povo vigoroso, de

raça slava, julgára na independencia o apanagio da sua vida e Belgrado quebrou as cadeias e sahiu do carcere. Impellida pelas bayonetas da influencia grega para dentro do carcere, de onde tinha sahido, a Servia torna-se independente no seculo XII no meio das suas strophes sentidas que são um monumento litterario e patriotico das raças slavas, No seculo XV, depois da sangrenta batalha de Kassofo, os turcos sujeitam a Servia ao seu cadeado de ferro, como já tinham feito á Syria, á Persia, á Asia-Menor, á Nicomedia, á Nicéa, á Andrinopla, a muitas outras nações, povoações e reinos, não esquecendo mesmo a famosa Constantinopla, cuja queda limitou o periodo historico da Edade-Media. Era enorme o peso da tyrannia que os ottomanos lançaram sobre a Servia. Kara-George solta o grito da liberdade no momento em que a Russia andava em guerra com a Turquia e o antigo pastor das montanhas da Servia é principe em 1814. As evoluções do Occidente eram violentas e o tratado de Bucharest em 1812 não estabeleceu senão platicamente os direitos de Belgrado. Milosch Obrenovitch não renega o seu sentimento, bebido como o de

Kara-George, nas canções populares entoadas com a melancholia oriental nas margens do Danubio ou entre os serros alcantilados da Servia, e em 1830, depois de muitas peripecias historicas que são uma verdadeira epopeia, consegue dar vida propria e independencia ao aeino famoso da Servia.

Ao pé da Servia, alcança a independencia um outro paiz igualmente glorioso. A Moldo-Valachia, que fazia parte da antiga Dacia, foi pelo tratado de Andrinopla, em 1829, collocada sob o protectorado da Russia. Em 1856 avançaram um passo na sua autonomia os principados da Moldavia, embora sujeitas á suzerania da Turquia. Em 1861, já depois de ficarem sem effeito as usurpações de Ibrail, de Ghiorghiora, de Coulé, etc., a Moldavia e a Valachia reuniram-se com o nome de Roumania, sob o governo de um mesmo principe ou *Hospodar*. Realizada essa união em 1866, a antiga Moldo-Valachia alliou-se em 1877 com a Russia na guerra que esta potencia trazia com a Turquia e, depois do desmembramento ottomano no Danubio e nos Dardanellos, consegue, pelo tratado de Berlim, a sua independencia. Finalmente, em

1882, a Roumania foi elevada á cathegoria de reino. Sob o ceu brilhante da Moldo-Valachia, em que o sol brinca, desenhando na verdura dos seus arvoredos bellas saphyras de ouro, aquelles homens ainda feridos pelas ballas dos turcos, pensaram que a liberdade era vida e soltaram o grito unisono da independencia.

Vejamos o Egypto, essa caveira da antiguidade oriental, cujas pyramides ficaram symbolizando a luz intensa de um passado que se não apaga. Desde o tempo dos Pharaós em que foi uma monarchia florescente até á dynastia dos Ptolomeus que fez da Alexandria um centro admiravel de litteratura e sciencia, o Egypto, com as suas columnas e com os seus hierogloficos, com as suas estatuas e com os seus templos, com os seus papyros e com as suas esphinges, com as suas mumias e com os seus obeliscos, com as suas assombrosas aptidões hydraulicas e astronomica, e com a sabedoria das suas leis que o proprio Solon invejou, soffreu o dominio dos persas, da Macedonia, dos romanos, dos arabes, dos kalifas de Bagdad, dos Fatimitas, dos Ayubitas, dos Mamelucos e em 1801 foi subjugado por Napoleão Bonaparte depois da

celebrada batalha das pyramides. Pouco depois, os turcos e os inglezes rehouveram o Egypto, tendo primeiramente desbaratado, á frente de Nelson, a esquadra franceza na bahia de Aboukir. A França tentou reagir e, mandando tropas para a Syria, tomou Gaza e Jaffa e derrotou os turcos no Thabor, mas, afinal, foi vencido o exercito de Napoleão em S. João d'Acre, na Palestina, pelo almirante inglez Sidnei Smith. Mahomet-Ali, um dos vultos mais sympathicos da Roumelia e soldado heroico posto ao serviço da Turquia em 1790, conseguindo ser nomeado pachá do Egypto em 1806, exterminou os mamelucos, cuja fidelidade lhe era duvidosa. Estendendo o seu dominio pela Nubia, por grande parte da Arabia e por uma parte da Syria, Mahomet-Ali teria saqueado a propria Constantinopla se as nações europeias não intervissem, principalmente a Russia que correu a occupar o Bosphoro. Mahomet-Ali, obrigado a ceder á Sublime Porta a ilha de Candia, as suas conquistas da Asia e a esquadra dos turcos que se lhe rendera, obteve em 1841 o governo hereditario do Egypto. Separado da Turquia, graças aos esforços de Mahomet-Ali e de seu fi-

lho Ibrahim-Pachá, o Egypto avançou um largo passo para a sua independencia. Em 1882, o Egypto baqueou mais uma vez com a victoria dos inglezes em Tell-el-Kébir. Os egypcios tentaram ainda sacudir o jugo da Grã-Bretanha, mas vendo-se fracos perante os seus usurpadores, abafaram em si o grito da independencia e esperam o dia, o grande dia da liberdade. A emancipação é o sonho do Egypto e o que é hoje uma aspiração ha de ser amanhã uma realidade util e benefica. Toda a antiguidade e todas as evoluções sociaes não teem podido apagar no Egypto o pensamento altivo e sublimissimo da independencia.

Vejamos o Brazil, essa esplendida região de Pedro Alvares Cabral, cujas riquezas Portugal perdeu em 1822. No seculo XVII, o Brazil começou a ser a aspiração constante da cubiça dos estranhos. A descoberta das minas de ouro e de diamantes augmentou consideravelmente a exportação de essas riquezas. O Brazil tinha elementos de vida. Em 1817, D. João VI, triste nota discordante na coragem e no brio dos nossos reis, perante a invasão franceza que foi o Minotauro dos nossos esplendores artisticos,

foge para o Brazil espavorido pela algazarra dos bandidos. N'esse mesmo anno, Portugal assistira ao supplicio de um grande heroe, do general Gomes Freire de Andrade, que fôra accusado de conspiração contra a regencia dominada por Beresford. Em 1815 já o Brazil se tinha constituido em reino alliado de Portugal. A idéa da independencia não esmorecia na indole dos nossos irmãos da America. Em 1820, depois de suffocado o movimento republicano de Pernambuco, as tropas do Rio de Janeiro sublevaram-se e exigiram para o Brazil a constituição proclamada em Lisboa em 1820. Em 1821, D. João VI, apenas soube dos resultados da revolução 1820 no Porto, que fez baquear a regencia anglo-luza, graças ao patriotismo de Manuel Fernandez Thomaz, deixou seu filho D. Pedro como regente do Brazil e embarcou para a Europa. No dia 14 de agosto de 1822, D. Pedro entregou a regencia a sua esposa e fez a proclamação da independencia nas margens alegres do Iparanga, em S. Paulo. Depois de cataclismos varios, o Brazil firmou em alicerces inexpugnaveis a sua independencia e autonomia, sem pensar jámais na sujeição ao governo de

Portugal. Nós não podemos deixar de sentir profundamente a perda do Brazil, mas também não podemos deixar de confessar que tendo o grande emporio brasileiro todas as condições de vitalidade, mais cedo ou mais tarde havia de proclamar a sua independencia. O sonho da sua liberdade era intenso e inappagavel. A sua autonomia era uma questão de tempo e esse tempo chegou.

Vejamos agora a independencia das colonias americanas. Em 1810, o Mexico, aproveitando-se habilmente dos sobresaltos da Hespanha perante a invasão franceza, solta o grito da liberdade e estabelece a sua independencia sob o sceptro do imperador Eturbide, sceptro que é quebrado pouco depois, em 1867, pelas tropas republicanas de Juarez. Deixando as varias e dolorosas peripecias que se deram com a politica do Mexico, nós vemos que se tornou independente. Ao mesmo tempo que o Mexico se desprendia da politica hespanhola, a republica Argentina, o Paraguay e o Uruguay, em confederação intima, tornavam-se independentes e formavam os Estados Unidos da Prata. O Chili, vencedor na batalha de Maypu em 1818 alcança

a independencia, graças ás forças auxiliares dos Estados da Prata que transpuzeram a cordilheira dos Andes e se foram reunir aos chilenos. A Bolivia, depois do celebre encontro em Guyaquil, foi declarada independente sob a presidencia do general Sucre. O congresso de Chaquisaca em 1825 foi a alvorada esplendida da liberdade do Alto Perù que tomou o nome do eminente general Bolivar. Todas essas colonias americanas sabiam perfeitamente que o reino politico é como o reino vegetal. As arvores, quando teem elementos de vida, atrophiam-se com a sua permanencia nos viveiros porque as raizes e as folhas querem terra digna para alimentação das radículas e ar mais impregnado de oxigenio e anhidrido carbonio para as funcões dos stomates. As nacionalidades tambem assim são. Quando podem viver separadas, desmembram-se para adquirirem forças especiaes.

Os apologistas da união iberica apresentam frequentes vezes o exemplo da unificação da Italia, mas não se lembram que esse facto em nada contradiz o principio de nacionalidade. Historiemos muito resumidamente os ultimos movimentos politicos da Italia. O imperio ro-

mano, depois de chegar ao apogeu da sua grandeza começa a decahir e a deixar a Italia sujeita á onda invasora dos ostrogodos, dos gregos, dos lombardos, dos francos, dos normandos, dos sarracenos e de muitos outros povos que eram fascinados pelas espumas de prata que o Adriatico, á luz d'um sol brilhante e purissimo, arrojava sobre as praias arenosas da Italia. As nações da Europa, que disputavam a preponderancia n'essa esplendida península beijada pelas florestas da Suissa e embalada pelo bramir constante do Mediterraneo, dividiram esse solo onde se representou a scena mais estu-penda de toda a antiguidade e fundaram diversos estados independentes que não passavam de ephmeros patrimonios. Foi assim que depois da terrivel matança das *vesperas sicilianas*, que fazem lembrar a tragedia de Saint Barthelemy, a Sicilia e Napoles subiram á cathegoria de reinos; foi assim que Veneza e Genova, perolas do bello ceu da Italia, guerreando no mar Negro no seculo XIV, eram independentes quando disputavam a gloria da primazia nos combates de Caffa, de Chiozza, de Cremona, de Ravena, dos mares do Archipelago e do Adriatico:

foi assim que Milão, a bella cidade assentada nas margens do Olona fora um principado florescente no seculo XV; foi assim que Florença, a cidade das artes e das sciencias que fez da Renascença um ensinamento eloquente, se erguen acima das luctas que dilaceravam a Italia entre os guelphos e os gibelinos e alcança a sua independencia. Todavia, as tradições da Italia desmantelavam-se com a independencia d'esses e d'outros reinos. A unificação era nma questão de tempo. Já em 1859 o Piemonte repellira os votos de annexação da Italia central e em 1860 o rei da Sardenha annexara-lhe Modena, Parma, Romanha e o grão-ducado da Toscana. Não estava ainda concluida a unificação e o conde de Cavour ambicionava mais. Garibaldi, aproveitando-se do estado revolucionario da Sicilia, desembarca em Marsala e avançou até Palermo que se rendera depois de uma defesa vigorosa. Senhor de toda a Sicilia, Garibaldi marchou sobre Gaeta e submetteu Napoles. Com a tomada de Roma, do Veneto, de Mantua, de Veneza, de muitas outras cidades e provincias, a Italia unifica-se e forma uma nacionalidade unica. Porém, esses estados que se annexaram

não tinham as verdadeiras e indispensaveis condições de vida. O florescimento que alcançaram era ephemero. Os seus louros poderiam ser viridentes como aquellas arvores que crescem collossalmente por entre as escarpas do Libanio, se tivessem raizes a alimentar nas tradições do passado entre todas as condições vi-taes. As nacionalidades assim organizadas são como aquelles enxertos que se conservam na seiva por algum tempo e acabam por estiolar-se com a propria flôr. Os diversos estados da Italia não podiam viver separados e por isso se reuniram. Até o patrimonio de S. Pedro foi arrancado á supremacia do Papa, embora este facto fosse menos justo, porque a centralisação da Egreja, estabelecida ha longo tempo, jámais deveria sujeitar-se ás evoluções politicas da Italia. Os Estados do Papa estão escravizados e mais cedo ou mais tarde, ha de surgir a aurora da liberdade e da emancipação. Esse facto que foi a unica discordancia da unificação italiana, não é sómente uma politica desorientada, é uma politica de perigos porque se debate uma questão de honra e de autonomia religiosa. Senão, o tempo o dirá.

Nós poderíamos apresentar exemplos históricos, em grande numero, que bem podem servir de ensinamento ás gerações vindouras. Os apologistas da união iberica, na febre violenta das suas idéas apaixonadas, galgam os cataclisismos da historia sómente flos no objecto enganador da sua phantasia.

O sr. Antonio de Serpa Pimentel diz com a competencia de um espirito superior:

«A mania iberica dos Hespanhoes é a mania de todos os doentes, que, tendo esgotado sem grande proveito todos os remedios da medicina, acabam por só ter fé nos elixires dos curandeiros. A união iberica é o elixir, com que uma parte dos Hespanhoes julga poder curar os seus achaques. Estão radicalmente enganados. O mal aggravar-se hia. O mal, na parte propriamente politica, é a diversidade de crenças, de opiniões, de interesses, de partidos. A estas divisões iriamos junctar mais as nossas. N'um ponto só é grande a simillhança entre as duas nações, em terem ambas o thesouro publico pouco recheado. Não nos parece que esta identidade houvesse de concorrer para a felicidade dos dous povos. A's questões e complicações

que têm tornado quasi impossivel um governo estavel em Hespanha iriamos juntar, qualquer que fosse a fôrma do governo, a questão e a complicação portugueza, porque, ainda admit-tindo por mera hypothese que a união se faça por acto espontaneo da nossa parte, haveria sempre uma minoria descontente, adversa, pro- testante, irreconciliavel, e tanto mais incommo- da, quanto mais disporia, para agitar perpetua- mente as massas, da tradição popular, e d'es- tas palavras, patriotismo e independencia, fer- mente eterno e inextinguivel dê revolta para to- das as nacionalidades que se julgam opprimidas.

«O iberismo é uma idéa gasta, empirica e ca- duca. O alvitre da federação não a rejuvenesce, nem consêgue tornal-a aceitivel a coraçõs portuguezes, nem ao povo que sente, nem aos homens illustrados que pensam. A união só po- deria realizar-se pela força: espontaneamente, nunca; durar e consolidar-se, impossivel.»¹

As palavras do notavel estadista, vindas á luz pela primeira vez, na *Correspondencia de*

1—Questões de politica positiva. Da nacionalidade e do governo re- presentativo. Obra citada, pag. 90, 91 e 92.

Portugal, de 14 de dezembro de 1869, são perfeita e verdadeiramente sensatas.

O iberismo é um attentado á patria, é uma paixão violenta que faz da alma uma rocha viva que bem pôde servir ás evoluções da phantasia, mas que jámais poderá servir aos anhelos formosissimos de um coração bem formado. O fundamento ineluctavel do direito politico é o patriotismo, não esse patriotismo cosmopoliticamente especulador, mas a synthese purissima da nossa alma, d'esta alma que é o lyrio estremecido do nosso nome, que é o sol dourado da nossa vida, que é o chronometro inflexivel da nossa honra, que é a divindade esplen-durosa da nossa gloria.

José Estevam, essa pyramide excelsa que concretisa a grandeza collossal da nossa historia parlamentar, em um d'esses discursos arrojados que só por si traçam uma immortalidade não trocou o seu coração por um calhau quando disse :

«O genio de Portugal, injustamente abatido e humilhado d'estas duvidas que fazem o atrazo, querendo demonstrar que elle tem em si quantos elementos são precisos para a sua maior

civilisação, enfadado de ouvir tantos alvitres impertinentes, tantas promessas vans, tantas theorias absurdas, esse genio disse, e disse bem, ao seu paiz: «Nós somos mais antigos do que a sciencia, nós somos mais antigos do que a historia, nós bastamos para nós mesmos, nós podemos desafiar as invenções e a experiencia de todos os seculos.» Este genio disse, e disse bem, ao seu paiz: «Eu vou deixar essas provincias ás experiencias e ás theorias modernas; deixo essas provincias á controversia politica, a todos esses arbitristas de communicações de caminhos de ferro e de estradas, e recolho-me a Lisboa encoberto no manto, envolto na toga da minha magestade: Eu digo á sciencia e á historia do progresso, que tenho em mim quanto basta, tenho uma historia brilhante, resplandecente, e a civilisação ha de vir a meus pés, porque me pertence, e se não vier não preciso de ella, porque eu domino os mares, sou senhor do Oceano. Se até aqui cuidaveis que era uma nação humilhada e abatida, ficae sabendo que sou rica e poderosa; se ainda não reconhecieis a minha soberania, a minha riquiza, a minha plena independencia, ficae certos que onde eu

estiver está Portugal, e onde estiver Portugal
há de estar tudo o de que elle precisar.»¹

Nós jámais poderemos esquecer as batalhas
do Campo de Ourique, onde se firmou o prin-
cipio da nossa nacionalidade, de Tarifa onde os
mourous foram totalmente expulsos da peninsu-
la, e de Aljubarrota, onde se levantou a dy-
nastia de Aviz nas ruinas das pretensões de
Castella. A patria é o sacramento da nossa al-
ma, e Portugal é a nossa patria. As dôres po-
dem encadear-se entre os sentimentos do cora-
ção e os desejos do corpo, mas essas dôres não
dilaceram a alma, porque são dôres que con-
solam.

O Japão com as suas pratas e a China com
as suas sêdas, Sunda com os seus fructos e Po-
tosi com as suas pratas, Pegu com os seus ru-
bis e Manar com os seus aljofares, Achem com
o seu bejoin e Malabar com as suas pimentas,
Arabia com os seus cavallos e Maldivas com o
seu ambar, Veneza com os seus espelhos e Gal-
conda com os seus diamantes, Coxim com as
suas couramas e Scythia com as suas esmeral-

1—Discurso proferido no Parlamento em 1856.

das, Borneu com a sua camphora e Ceylão com as suas saphiras, Cambaya com o seu anil e Chaul com as suas beatilhas, Sumatra com as suas perolas e Tyro com as suas purpuras, Persia com as suas alcatifas e Cachim com o seu incenso, Sofala com os seus ouros e Moçambique com os seus marfins, o Oriente com as suas riquezas e o Occidente com as suas iniciativas, — todos esses povos e todas as gerações da antiguidade fallam bem alto da nossa coragem, da nossa fama e da nossa gloria. O passado, sendo a argamassa do nosso sangue e das nossas glorias, é o Jupiter de cujo cerebro irrompe a Pallas magestosa da nossa epopeia nacional. Os trabalhos de nossos antepassados nos sertões inhospitos da Africa e da America, em procura do Ophir de Salomão, depois dos triumphos da Taprobana quando procuravam as terras da lendaria rainha de Sabá, jámais poderão ser esquecidos e renegados porque desprezar e renegar o esplendor do passado é introduzir um rochedo onde todos devem ter esse orgão pequenissimo, que tem effeitos maravilhosos a que chamamos coração.

E' possivel agora que nos fallem de Tyro,

d'esse Typhœu blindado de aço que fôra uma constellação brilhantissima de toda a antiguidade oriental. Tyro era grande e poderosa quando se defendeu heroicamente das investidas dos povos que habitavam as margens do Tibre e do Eufrates, quando Hirão mandou construir esplendidas obras de arte como o templo de Melkart, quando maravilhou o mundo com os seus commettimentos nauticos á luz scintilante dos grandes ideaes. Tudo isso nós é attestado pela historia, mas essa historia tambem nos attesta exhuberantemente a guerra entre os assyrios e os babilonios que levou a decadencia ao coração de Tyro, tambem nos attesta que o poderoso territorio do Libanno e do Mediterraneo nunca conseguiu formar uma litteratura e que, se alguma cousa se sabe da Phenicia, devemos isso á sagacidade de Herodoto e de Homero. A grandeza e esplendor de um povo n'estas condições não podem perdurar; são cataclismos ephemeros. Foi por isso que Tyro desabou do seu Hymalaia esplenduroso, como desabaram imperios e republicas que floresceram em toda a antiguidade.

Na organisação dos estados, como elemento

indispensavel para viver, deve preponderar, além d'uma litteratura especial e distincta, uma legislação que seja como aquelle personagem mythico a quem Saturno deu a particularidade de vêr o passado e o futuro ao mesmo tempo.

O notavel estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães, atacando fundamente o iberismo, diz com a auctoridade do seu nobre espirito :

«E' justo, é de immensa utilidade, que a melhor intelligencia reine entre as duas nações : sejam intensas as suas relações commerciaes ; sejam como entre provincias vizinhas ; demulham-se as alfandegas das fronteiras ; levem ambos os povos um ao outro os seus productos com os menores tropeços que possivel seja ; mas não entrevenham os nossos vizinhos nas nossas cousas politicas.

«Estou certo que taes são os sentimentos de todos os portuguezes zelosos de sua independencia e que considerem que, se alguem tem que temer por ella, é, pe'a situação geographica, somente do reino vizinho, mais forte do que nós, e que já nos teve sessenta annos que não foram para nós de felicidade.

«Nós amamos a nossa patria, a nossa dynas-

tia; a nossa historia, que é das mais brillhantes dos tempos modernos; a nossa lingua — a lingua de Camões — os nossos monumentos, emfim tudo quanto constitue uma nação, um povo distincto, cuja bandeira nos faz conhecer em todas as plagas do universo — essa bandeira que, por um decreto de Philippe II, tinha de ceder ao pavilhão de Castella; — o que nossos paes tiveram como o maior opprobio.

«E, repito, nada d'isto significa aversão a nossos nobres e heroicos vizinhos, com os quaes desejo que tratemos como irmãos. Não venham as suas bayonetas intervir em nossas questões, salvo se a dynastia fosse atacada por um poder estranho e nós façamos o mesmo. Estes são os meus sentimentos, embora venham a ser sinistramente interpretados. Não attribui ao governo vizinho ruins intenções na sua intervenção; mas entendi que a não deviam solicitar; e ainda assim o entendo, posto que é para desejar que cada vez mais se estreite a união e boa intelligencia entre as duas nações, que a Providencia destinou para serem amigas.

«Não nos acostumamos a ver no nosso territorio essas intervenções armadas em questões

propriamente domesticas ; esse espectaculo abate e deprime o espirito de independencia que nos deve alentar. Em logar de exercitos venham os seus mercadores, os seus viajantes ; muito desejarei que tiremos mutuo proveito de nosso trato e relações, e, que, como disse, commercemos como povos de provincias limitrophes, como irmãos que somos. Oxalá que da parte dos nossos visinhos haja o mesmo pensamento a respeito d'este commercio e d'estas estreitas relações de amizade !»¹

A revolução de 1640 é a prova severa e eloquente de que a união de Portugal com a Hespanha é uma doença anachronica de certos espiritos desequilibrados. Se o optimismo social desaba da sua grandeza como o colosso de Rhodes perante a austeridade do cyclonê, o pessimismo de Straus ou de Schopenhauer desaparece tambem perante o mar das idéas, indo cahir desfeito como os imperios de Ninivi e da Babylon'a na legislação desorganisadora da antiguidade.

Os dois irmãos Francisco e Hermenegildo

1— Discurso proferido no Parlamento em 1848.

Giner de los Rios escreveram judiciosamente :

«El problema del *iberismo*, ideal de los antiguos progresistas, se halla latente *velis nolis* á cada paso y con todo motivo. Entendido como absorción, claro está que nadie puede soñar con semejante absurdo ; pero por desgracia, la gente inculta en España, mirando al mapa de la Peninsula iberica, lo creen factible, y el vulgo ignorante del pais lusitano lo teme de veras. Como si no hablase elocuentemente el hecho de que no se constituye en el mundo una nacionalidad sin el influjo más ó menos directo y favorable ó contrario del resto de las potencias ! Pero es el caso que tamaños dislates se piensan y se temen, repito.

«La justa susceptibilidad de los portugueses se irrita ante la idea de una fusion, y razón zobrada les asiste ; pero de alguns años á esta parte se viene notando que, seguros de lo que ellos valen por si solos, un tanto emancipados (á lo menos en el deseo) de la influencia inglesa, ya se permiten discurrir ácerca de las fases del problema para un porvenir muy legano, cierto, más futuro posible.»¹

¹—«Portugal», pag. 232 e 233.

Nos somos um pouco mais pessimistas do que os dois escriptores irmãos porque sessenta annos de escravidão chegaram bem para cuidarmos diligentemente do nosso futuro social e nacional. A Hespanha, no dia memoravel de 1 de dezembro de 1640, recebeu a ferida que pouco depois a fez succumbir e dizer, á semelhança de Juliano perante a superioridade do Nazareno: — *venceste Portugal*. As pretensões que a Hespanha arremeçou para o palladio das suas lagrimas e dos seus desastres eram como aquelle sangue que o guerreiro do Tarso aparou nas proprias mãos e o lançou aos ares, como se quizesse manchar a purpura divina do vencedor.

A valentia dos nossos antepassados não é uma expressão morta ou banal. Prendendo a historia á sua grandeza, como Franklin prendeu o raio á sua capacidade intellectual, os heroes de 1640 legaram-nos uma pagina esplendida que nós não podemos nem devemos rasgar sem rasgarmos a nossa honra, synthese inevitavel da nossa vida moral,

O sentimento da patria vibra, palpita e estremece na alma dos povos: é como que o fremito

nervoso e heroico que faisca relampagos de entusiasmo. O homem sem patria era um microcosmo incompleto, um irracional intelligente.

Se tivéssemos sobre nós uma tal infelicidade, bem se poderia dizer como o notavel orador parlamentar João Arroyo da escassez da impressionabilidade artistica no intellecto humano :

«A luz do sol illuminar-nos-hia, mas não nos alegraria. A sombra, quando no crepusculo vespertino desce pouco a pouco sobre os prados e sobre as encostas dos montes, como para cobrir a planta adormecida e liberta-a dos raios da luz lunar, a sombra não despertaria em nossa mente a nota da tristeza, a nota da elegia, convidando-a a pintar as negruras da vida sob esse criterio de placida saudade, que o cahir da noite tantas vezes insuffla em nossa alma. O clarim da guerra uniria as fileiras militares, mas não communicaria ao soldado a ebriedade dos sentidos, a loucura do sacrificio. A vida das aldeias feriria a attenção dos sabios, seria analysada pelo sociologista, mas os organismos decadentes da cidade não iriam lá sa-

ciar-se d'essa boa alegria campestre, que fortalece o animo e injecta no coração uma corrente de sentimentos, puros como a nascente d'agua e perfumados como a verbena. O amor materno causaria o espanto do observador, mas não nos sensibilisaria como hoje que a mãe occupa na consciencia do filho o cimo d'uma montanha d'affectos, em que o rochedo é feito de veneração, a terra da idolatria e a arvore de bençãos. O theatro, o museu e a litteratura não floresceriam para educação do genero humano. A desgraça e o ridiculo não haveriam sido esculpidos em periodos flammejantes de elevação e de critica. O labutar das cidades não nos daria a impressão d'uma forja desmesurada, em que o ciclope trabalho bate ininterrompidamente n'esse ferro — a intelligencia, impressão vivissima que explica as contradicções extremas dos temperamentos, que racionalisa ao mesmo tempo o apice de ventura e um abysmo de infelicidade. O homem deixaria de sentir o mundo, para exclusivamente o conhecer; deixaria de se corresponder com a natureza, de pulsar como ella pulsa, de sorrir como ella sorri na

primavera, de se lamentar como ella se lamenta no vendaval.»¹

Todos os seculos tem tido a sua especialidade assim como todos os seculos tem tido a sua generalidade. A especialidade é a inclinação artistica ou intellectual, a generalidade é o sentimento esthetico da patria. O seculo XV iniciou a Renascença e a Reforma com os ultimos paradoxismos: — a Renascença que immortalizou Francisco I, o celebre antagonista de Carlos V, e a Reforma que Lutero quiz introduzir na religião com a anciedade das suas ambições visionarias. O seculo XVI foi a *alma parens* dos pintores, foi o Pantheon grandioso das glorias da paleta. O seculo XVII deu immortalidade aos escriptores, a essas valvulas da vida humana que synthetizam a luz da ideia. O seculo XVIII foi o receptaculo de Voltaire, o genio selvagem, e de Massilon, o orador entusiasta, foi o incendio ateado por Alfieri e Maffei, por Eduardo Yung e Pope, por Kant e Mul-

1 - «Drama humano». Discurso-conferencia proferido em sessão do Athenaeu Commercial do Porto na noite do dia 12 de dezembro de 1886 ag. 35 e 36.

ler, por Niebuhr e Hegel, por Schelling e Schopenhauer, por Grimm e Gessner, por Fichte e Christiano Volf. O seculo XIX, finalmente, é o progresso com todas as suas manifestações de intellectualidade humana, é o velario azul atravez do qual antevemos as corôas do triumpho e as glorias do trabalho, é a terra pedregosa perante a charrua do lavrador e os filões subterraneos perante a picareta do mineiro, é o sacrificio dos exploradores debaixo do sol tropical da Africa e a coragem dos missionarios christãos entre os costumes bestiaes dos sertões, é a questão do Oriente a mostrar o caminho da liberdade e a luz do Occidente illuminando as artes, a sciencia, a litteratura, todos os ramos de conhecimentos humanos. Todos os seculos e todos os povos tem caracteristicos especiaes, assim como todos tem uma idea certa e inevitavel: — a idea de patria. E' verdade que nos poderão dizer que o sentimento da patria tem feito derramar muito sangue e retalhar muitos corações, mas tambem podemos dizer que essa idéa grandiosa é como a lança de Achilles que curava as feridas que abria.

Portugal, como a Phenix da fabula que, quei-

mada, renascia das suas cinzãs, levantou-se do lethargo em que o tinha deixado o longo periodo de sessenta annos de presidio, como já se tinha levantado com as alvoradas do seculo XII, repellindo energicamente essas phalanges barbaras onde predominaram os iberos, os celtas, os phenicios, os carthaginezes, os romanos, os arabes e os germanos. Quando sôa a hora da emancipação desatam-se os liames que nos enxovalham, quebram-se os ferros que nos algemam, abatem-se as tyrannias que nos horrorisam. A ascensão do direito e da liberdade é o fio de Ariane que arranca um povo da mais terrivel das fatalidades: — a escravidão da patria vinculada á escravidão do povo.

A emancipação nacional é o clarim do sentimento no concurso épico da historia, é a lanterna do mineiro nas cavernas negras da terra, é a bussola do navegante na immensidão revolta dos mares, é a luz brilhante do progresso reflectida nos espelhos do futuro, é uma honra e um dever inherentes ao direito do homem. O surgir da emancipação é o surgir d'uma vida, é o surgir da estrella redemptora d'um povo que vê e d'um povo que sente. A emancipação

é para o povo o que foi para os israelitas a famosa columna de fogo que os guiara atravez do deserto na direcção do mar Vermelho. Um povo emancipado é um povo com patria e com vida moral.

O espirito da independencia surge do seu ninho, estende as azas brancas e deslisa pelo espaço com a carreira vertiginosa da aguia ao desprender-se dos cerros escarpados. E' que a independencia não é outra coisa senão o sacrario rutilante da patria, senão o balsamo do coração ou as lagrimas da consciencia:

Apollo ergue-se extasiante com a sua cythara de ouro e Philemon synthetisa com Baucis o amôr conjugal; Beethoven dedilha magistralmente a sua lyra e Rafael esbate na tela a fina côr da sua paleta; Volta descobre a famosa pilla electrica e João Porta abre caminho ás maravilhas da photographia; Bartholomeu de Gusmão descobre os aereostatos e Buonaroti lavra na pedra as filigranas do seu talento; Pindaro exalça-se com as suas odes e Camões agiganteira-se com a sua epopeia; Lamartini exalça a litteratura franceza e Alexandre Herculano chrystalisa a grandeza do povo portuguez. Todavia,

ha uma coisa que supplanta tudo isso porque é superiormente magestosa e incomparavelmente maior : — a independencia d'um povo e a liberdade d'uma patria. A independencia d'um povo e a liberdade d'uma patria significam o amal-gama deslumbrante da sciencia e da arte, da honra e do talento, da generosidade e do progresso. Essa agulha magnetica das nações não é um optimismo que alguem divisa em uma utopia ; é a realidade do pensamento, é a consciencia dos homens, é a vida da propria realidade.

O coração humano é o receptaculo da independencia e da liberdade. Com este amôr e com este enthusiasmo nós poderemos dizer como Cynogiro, esse valente soldado de Athenas, ao voltar coberto de louros dos plainos de Marathona : — *Vencemos!* Essa palavra derradeira que fôra o epitaphio esplendido do famoso combatente deve tambem ser a aspiração constante inabalavel, da nossa fé e da nossa liberdade.

Como que arrebatadas por uma corrente electrica, as gerações enlaçaram-se atravez dos se-culos com a independencia e com a emancipação. Fallar-lhe em algemas é fallar-lhe no es-

carneo mais infamante, mais vil e mais fatal. Para essas gerações a estrada do progresso é a escada de Jacob que tem por base este subpeda-neo enorme a que chamamos mundo. E' que a liberdade não é somente o apanagio de vida de uma raça ou d'um povo; é o patrimonio sacra-tissimo da humanidade inteira. Em toda a parte e em todos os tempos as tradições do espirito humano mostram claramente que a liberdade e a independencia são o prisma que mostra as côres vivas de varios feixes luminosos d'esse grande alento a que chamamos civilisação uni-versal.

Entre o morrer e o viver ha uma barreira de martyrios d'onde devemos fugir para os hori-sontes do bello, onde fulge da aurora da vida, a aurora dos grandes empreendimentos. O fu-uro é o mais sagrado e transcendente proble-ma das gerações actuaes. Por isso, a voz aus-tera do progresso sôa vibrante e eloquente co-mo o Evangelho d'um povo livre: — *subir! su-bir!*

Assim como os echos melancholicos das pla-nicies do Gethsemani e dos escavados do Gol-gotha acordaram as estyrpes do passado com

a tragedia funebre de Christo, assim tambem os echos da civilisação acordaram a humanidade com a sua intensa e deslumbrante luz, quebrando os ferros que agrilhoaram o povo e inoculando no coração das gentes o espirito da patria e da independencia.

No dia em que Portugal se apeasse do seu corcel de liberdade, rasgando a armadura de bom soldado e despedaçando a espada 'esse famoso heroe, para se lançar nos braços da nossa vizinha Hespanha, = n'esse dia o sceptro da nossa honra quebrar-se-hia nos syrtes de uma demoralisação immensa.

Portugal, cuja historia é um espiraculo de glorias, jámais poderá consentir no desmembramento da autonomia, porque os seus heroismos em terra e mar, voando por cima dos montes e por cima das aguas, arvoraram o estandarte da sua luz em todos os reconditos do globo, desde a India á Cafraria, das Antilhas ao Brazil, da Australia ao Oceano mais tenebroso. A idea sublimissima de patria é para nós o que o ar é para os salgueiros do Tibre e para os cedros do Libano, para as rosas de Jerichó e para as magnolias de Susquinhama, para as palmei-

ras do Orenoco e para os rhododendros do Hymalaia. A idéa de patria é uma idea alevantada porque é uma idéa de vida. Por isso, Portugal não esquecerá o seu passado nem rênegará a sua tradição esplendida. Quer autonomia porque quer viver, porque na aspiração do seu pensar quer ver a realidade das suas esperanças inabalaveis.

Os heroismos do seu ideal e as scintillações da sua virtude são o lucilamento da sua victoria e querer vencer é querer viver porque a vida autonoma dos povos faz parte da psychologia dos mesmos povos. E' a alma das nações que exalça o coração dos povos.

Na Edade-Media, as cruzadas, lançando-se no caminho do martyrio, amassaram em sangue as areias da Palestina até que viram desabar o edificio do regimen feudal, engrandecer-se o commercio, desmoronar-se a plutocracia, cahir o abutre da civilisação, desapparecer o despotismo e surgir a luz onde antes preponderava o mat das sombras. A confusão dos combates foi como que uma estrella que rasgou o espaço deixando atraz de si um sulco luminoso que fez florir uma aurora de venturas. Essa liberdade

e essa civilização foi o premio legado pelos nossos antepassados que, fitos no sol da cruz, primitivamente desespero dos condemnados e depois symbolo sagrado dos christãos, ruiram a montanha bruta de granito que se levantava grosseira e despolida esmagando a humanidade, qual sphinge funebre e problematica da mythologia thebana. *Audaces fortuna juvat.*

Não esqueceremos, pois, esse sacrificio que foi o metheóro redemptor da nossa existencia moral, porque elle synthetisa o calorico do nosso sangue e a luz da nossa honra. A escravidão acabou e a liberdade surgiu. As guerras da Edade-Media, cataclismos de luz irruptos do Evangelho prégado pelos soldados de Jerusalem, foram o plenitunio da civilização e da liberdade. Houve desastres, mas, como na expedição dos Argonautas á Colchida, houve tambem victorias esplendentes. As trevas foram vencidas pela luz.

A liberdade e a civilização caminham sempre no mesmo berço de luz e não são simplesmente o canto de um poeta que evoluciona uma epoca litteraria como o de Lamartini e de Walter Scott, de Byron e de Schiller, de Dante e de Camões; são tambem o escopro do estatuario

que mostra ás gerações os sustentáculos da independencia, o cinzel do architecto que mostra na pedra os arrebatamentos do seu genio, o clarão luzente da arvorada esplendida e immorre-doira da redempção d'um povo. Fallae, estatuas de Apollo, de Venus e de Lacoonte, falae, zimbórios de Roma, rendilhados de Braga, claustros de Belem, assombros da Batalha; falae, soldados de Sagunto, valentes de Carthago, heroes de Aljubarrota, guerreiros do Mindello; falae, emfim, balisas do passado, grandezas do presente, reliquias do futuro, estrellas da liberdade, planetas da civilisação, auroras do progresso!

E' tempo de terminar. O iberismo é um obstaculo terrivel, perfido e vergonhoso que se oppõe aos mais sagrados direitos da natureza. Para sermos ibericos seria necessario que a raça portugueza, dolorosamente enferma nos nossos dias, esquecesse a sua virilidade antiga e se transformasse em uma raça vilipendiosa de Orontes.

Tenhamos, pois, um culto — a Patria; um altar — a Emancipação; uma consciencia — a Liberdáde.

Essa trindade sublime que archidoira a sentimentalidade d'um povo é a *alma-mater* das nações, é a engrenagem de bronze do nosso pensar e do nosso viver.

Deixemos, pois, esse *virus* destruidor e corrupto que se apresenta com as côres de uma utopia perfidamente enganadora. O iberismo seria a nossa desmoralisação e a nossa decadência.

Se um dia a Hespanha tentar empolgar-nos, tenhamos coragem para lhe oppôr a força das nossas bayonetas, dizendo-lhe como Diogenes, em Corintho, perante um offerecimento do famoso Alexandre da Macedonia :

«Affasta-te do meu sol!»

Fim da segunda e ultima parte

... the ... of the ...

... the ... of the ...

... the ... of the ...

... the ... of the ...

... the ... of the ...

... the ... of the ...

... the ... of the ...

NOTAS

Nota A

A carta que o illustre bispo de Silves, D. Jeronymo Osorio, enviou ao temerario monarcha D. Sebastião, sobre a tristissima jornada d'Africa, é a seguinte :

«Sr. — Se eu fôsse procurador da corôa, e tivesse na mão algum feito em que, V. Alieza sendo réo, fôra necessario dar-lhe d'elle relação ; forçado seria lèr-lhe primeiro o libello que a contrariedade : o que n'esta carta farei com a verdade e lealdade que devo. Confio no ingenho e no real espirito de V. Alteza, que terá este por um dos maiores serviços que lhe posso fazer.

«Os reis da Persia tinham muitas ordens de servidores, sem os quaes intendiam que era impossivel o governar bem sua monarchia. Entre elles havia uns a que chamavam seus olhos, outros suas orelhas, a outros seus amigos. Os muitos olhos serviam de ver muitas eousas, que dous sómente não podem ver ; as muitas orelhas, de ouvir muitas querelas, que, com duas

carta importante

só, se não podiam ouvir; os muitos amigos, de falar a verdade, que os falsos amigos encobrem.

«Seguindo eu este estylo de bom e leal servidor, quanto minhas forças alcançam, direi o que vejo e o que ouço, com amor tam verdadeiro, como sabe aquelle Senhor a quem são manifestos os segredos do coração. Elle nos ensina no Evangelho o que todos havemos de fazer, com esta pergunta: *Quem dicunt homines esse filium hominis?* Bem sabia elle o que d'elle se diria; comtudo, por esta pergunta, nos ensina a sermos curiosos em inquirir a fama de de nossas obras e vida; e, ainda que a doutrina seja universal, aos príncipes convem principalmente folgar de saber o que se commumente d'elles diz; porque, á volta de muitos desatinos populares, ouvirão muitas cousas que, por ventura nos conselhos, ou por mal sabidas se não dizem, ou por interesses particulares se não descobrem.

«Não sei porque não folgará um príncipe da terra (pois d'isso tem tanta necessidade) de fazer o que o Príncipe dos céos, sem necessidade e sómente para nossa doutrina, quiz fazer; e porque não dirá, quando fallar com homens amigos da verdade: *Que dizem lá de mim?* Se isto fizesse, quantas verdades saberia!

«Em Athenas havia pragas solemnes, instituidas com públicas cerimoniaes, e com palavras de grande terror, contra quem, por seu parti-

cular intento, aconselhasse sua républica contra o bem commum. 'Nellas se pedia a justiça divina, para que os taes fôsem destruidos, e toda a sua geração confundida. Se isto se fazia em uma républica, onde havia muitos principes que podiam ser por qualquer outro cidadão desenganados : que se deve fazer em estado soberano de um principe, o qual se for enganado, não ha mais em que pôr os olhos ?

« Graves maleficios commette quem engana, ou não desengana, o seu príncipe : um d'elles é traição ; o outro, injúria atroz, porque, se é traição não quererem os atalaias avisar a seu capitão, dos mouros que correm ; como não será maior traição encobrir a V. Alteza os perigos, que estão armados para ruina de toda a républica, se não for soccorrida com tempo ? Pois que diremos da injúria ? Póde ella ser maior, que cuidar alguém que estima V. Alteza mais o gôsto presente das orelhas, que tanto mal faz, que o perpetuo remedio de seus vassallos ?

« Não terá V. Alteza em seu conselho quem tracte de o enganar ; mas, se por nossos peccados houvesse quem tammanha traição, com tammanha injuria de V. Alteza Real, commettesse, muito maiores pragas, que as de Athenas, mereceria.

« Eu já, sr., em quanto podér, fugirei d'ellas, com dizer o que sinto ; que terei assim de Deus

o galardão primeiramente, e depois o de V. Alteza: ainda que, como no principio disse, não direi agora tanto o que intendo, como o que ouço; e, como procurador, darei conta do libello, para logo vir com a defesa.

«Dizem, primeiramente, que não será bom christão nem bom portuguez, quem não der muitas graças a Deus, por nos dar um rei tam virtuoso e de tam altos espiritos, que foge de mimos, busca trabalhos, e que se põi em todo o risco pelo accrescentamento da sancta fé catholica, e para destruição da infernal seita de Mafamede. Mas dizem que, como as virtudes andam sempre junctas, não se pôde chamar fortaleza a que não for acompanhada de bom conselho, e que o conselho que V. Alteza tomou não se pode chamar bom, por ser fora do tempo. O ser fora de tempo provam p la falta que ha de dinheiro, de munições, de mantimentos, e pela grande fome que ao presente a maior parte do reino padece.

«Dizem, mais, que este tempo é conveniente para defensão de seu reino, a qual é muito maior obrigação, que a conquista incerta de outro. Ha muita gente perdida em França, Flandres e Inglaterra, da qual podem as terras maritimas de Portugal e de Algarve receber mui grandes damnos; e, segundo fama, todos estão contentes com esta mudança de V. Alteza, por lhe parecer que muito mais a seu salvo usarão

de seu officio. Não podemos deixar de nos temer d'estes homens pelo numero ser grande e governado pelo espirito de *Satanás*; porque não ha cousa que não commetta gente sem fé, se tem algumas fôrças, quando chega ao estado de desesperação. A isto se ajuncta que o gran-Turco não dorme; pelo que todo o príncipe christão é obrigado a estar aparelhado para defensão da christandade; pois o perigo é commum.

«Dizem, tambem, que grandes feitos se não podem commetter sem grandes apercebimentos, os quaes se não podem fazer em pouco tempo: e que, além d'isto, é necessario esperar uma conjucção de discordia (que não pode muito tardar entre Mouros) e não de qualquer discordia, mas de discordia muito ensanguentada; porque a leve com o medo commum se tira, e os inimigos, em perigos que a todos tocam, facilmente se concertam. Mas, quando a rotura d'elles chegar a tanto que se não possam accordar, de tal maneira pode V. Alteza succorrer os vencidos, que fique senhor dos vencidos e dos vencedores. Esta é uma sorte mui antiga de conquistar, com que se fizeram grandes os mais dos capitães e principes de grande nome: esta occasião quizeram os homens que V. Alteza esperasse.

«Dizem, tambem, que nunca guerra foi feita com mais esforço que conselho, e que mal po-

derá ter bom fim. Confirmam isto com os acontecimentos sem fructo, e o triste successo dos irmãos infantes, D. Henrique e D. Fernando, o sancto, sôbre Tangere; e com a primeira passagem d'el-rei D. Affonso; por tudo ser tractado com mais esforço que conselho.

«Dê-me V. Alteza licença que diga tudo, pois comecei; e que não encubra nada do que convêm a seu serviço.

«Dizem os prudentes, que o officio de bom rei mais consiste em defender os seus, que offender os inimigos: e que tanto é isto verdade, que nenhuma cousa ganhariam os principes illustres nas victorias havidas contra os seus inimigos, se d'ellas não resultasse a seguridade de seus vassallos. Neste poncto se lamentam muitos, porque vêem ao presente que toda a guerra, que se ha de fazer a Mouros, se faz antes, sem V. Alteza o saber, a Portuguezes: e, por conclusão, não falta quem diga que entre pressa e diligencia ha grande differença; porque a diligencia não perde occasião, e a pressa não espera por ella: e muitos maiores inconvenientes se seguem da muita, que da pouca, diligencia; porque os muitos accelerados choram o que perdem do seu, e os poucos diligentes o que não ganham do alheio.

«Estes são os principaes artigos do libello, que se forma contra V. Alteza: agora direi o que por parte de V. Alteza se pode dizer.

«Primeiramente, digo que os grandes espiritos são acompanhados de grandes esperanças; pelo que, mais cuidam nas grandes empresas, que na felicidade d'ellas; e pela maior parte pensam que aos acommettimentos, quando não vão de todo fora do caminho da natural razão, não faltam favores divinos. V. Alteza, fundado n'esta opinião, como se determinou, ou com vida honrada, ou com morte gloriosa, dar signal do seu espirito, não pode soffrer dilação, e crê que a victoria não está nas mãos dos homens, mas na vontade de Deus: pelo que, officio de principe magnanimo é perder o medo a grandes empresas, por perigosas que sejam; e o successo d'ellas, deixal-o á disposição do Senhor.

«Digo tambem, como se não pode sempre acertar, que são mais toleraveis os erros commettidos com sobejo esforço, que os em que caem por fraqueza: porque, nas cousas grandes, grandes perigos nunca carecem de louvor; e a fraqueza é acompanhada de perpétuo vituperio.

«Tambem se pode dizer que, quando V. Alteza se não possa purgar de algum erro, a culpa se pode diminuir com o exemplo de grandes principes, que com o mesmo espirito caíram em grandes trabalhos. S. Luiz, rei de França, por fazer guerra com mais ardente zêlo que conselho, foi de uma vez captivo, e de outra

morreu de peste sôbre Tunes. Imitou 'nisto o sancto rei Josias, que, por entrar em batalha, que podia mui bem excusar, morreu elle, e com elle toda a esperança de Jerusalem.

«Passo por muitos exemplos antigos, por não enfadar a V. Alteza : dos modernos direi alguns. O imperador Maximiliano, sendo mui illustre principe, fez entradas em Italia, e em algumas outras partes, não somente sem fructo, mas tambem com alguma diminuição dos principes do imperio, e do seu credito. Tenho dicto o necessario. Que diremos do imperador, vosso avô? Comtudo não deixou de commetter cousas dignas de reprehensão, e de receber d'ellas mui graves damnos : como foi a entrada, que fez, em Provença : como foi a emprêsa de Argel fôra de tempo : e como foi tambem o cêrco de Metz.

«Dir-me-hão : de que servem estes exemplos? Responderei : de se ver que, se 'nesta passada de V. Alteza houve algum êrro, este fica desculpado com o exemplo e auctoridade de tam excellentes principes, que, com muito maior experiencia, foram enganados com os cegar o demasiado desejo de gloria : e não é para espantar de V. Alteza, com muito menos idade, e com o mesmo ardor de espirito, cair em os mesmos inconvenientes : quanto mais que esta passada não será de todo sem fructo : porque haverá visto com os olhos o sitio de Africa, co-

mo 'nesta prophécia de trabalhos vê, quanto se deve a homens que padecem fomes, sêdes, frios, calmas ardentissimas, e põem a vida todas as horas em risco por serviço de Deus e de V. Alteza : intenderá tambem como se a guerra d'aqui por deante ha de fazer : apprenderá tanta doutrina, que por ella se possa dizer, que foi a jornada mui bem empregada.

«Esta a defeza, com que venho por parte de V. Alteza : até aqui chegam minhas lettras : se d'aqui por deante V. Alteza insistir em contrastar o tempo, a que a lei de Deus quer obedecemos, busca-se outro melhor lettrado ; porque me não atrevo a defender a causa : pois, se faltar dinheiro, se faltarem mantimentos, e, não se podendo remediar a gente que está juncta, se ajunctar outra : muito mais, se vier uma grande invernada ; se, assim pela falta de cousas necessarias, como pela contrariedade do tempo, começarem a morrer as bestas, e depois os bomens : veja V. Alteza quam grande será a festa dos Mouros, e quanta a tribulação dos Christães.

«Não tenho os Mouros por tam pouco guerreiros, que esperem batalha campal, vendo que sem lança e sem espada podem ser desbaratados os nossos. Os frios, as chuvas, as lamas, as serras, o hyverno, defendem as terras. Marchar ao presente não é possivel ; estar encerrados nas cidades não é honra : para combater

Fez ao presente, não ha tempo nem aparelho: e, ainda que se despejasse, não era prudente tomar uma tão grande cidade, em tempo que se não podesse logo fortificar.

«Pois, senhor, de que servirá logo tanto trabalho e tanta despesa sem fructo? Não falo dos juros que fidalgos têm vendido, nas joias empenhadas, nas lagrimas das mulheres, na pobreza da gente nobre, na miseria dos que pouco podem. Gaste-se tudo e consuma-se por serviço de Deus e de V. Alteza; mas seja em tempo que aproveite: em tempo porém que a perda está tão manifesta, o ganho tão duvidoso, para que quererá V. Alteza que, quando o Senhor Deus efferecer uma grande occasião para seu serviço, não haja em Portugal fôrças para se lançar mão d'ellas.

«Da guerra não se desista: haja os fronteiros necessarios: os exercitos vão por deante: haja menos damascos e mais cassolettes: menos perfumes e mais lanças: tenha-se muita conta com a justiça, porque não falte o favor divino; com a fazenda porque não falte o melhor e mais necessario, e que com a grande vexação dos pobres, não haja de se offender gravemente a Deus: ajuncte-se dinheiro de vagar; o que se poderá mui bem fazer, se a arithmetica fôr melhor executada que ora é: cresçam as esperanças para quem as merecer: e sobre tudo os olhos estejam sempre firmes no

cêo: esperem-se conjuncções, que não poderão muitos annos tardar. D'esta maneira, quem poderá, quando fôr tempo, resistir a V. Alteza?

«Entre tanto vença-se a si mesmo V. Alteza, que é a mais illustre victoria que pôde ser; dóme seu espirito; amause a grandeza de seu coração. Nas fronteiras se aquente a guerra o o melhor que fôr possível: o metter de resto se guarde para quando o Senhor Deus offerecer melhor e mais conveniente tempo, porque quem não o espera, não sómente vae contra a regra da prudencia, mas tambem corre grande risco de, com o pretexto da fê, tentar a Deus.

«D'esta maneira alcançará V. Alteza as victorias que pretende, com glorioso nome seu, e com muito accrescentamento da sancta fé catholica.

«Não cuidei que esta carta fôsse tão comprida; mas o amôr, lealdade e zêlo do bem commum, me acudiram de maneira que não podesse ter mão em mim.

«No que me fica por fazer não falarei; que será continuadamente pedir a nosso Senhor, em minhas orações e sacrificios, que Elle seja o conselheiro, e defenda V. Alteza; e sua vida e real estado guarde e accrescente para seu sancto serviço. Amen! — JERONYMO OSORIO.»

Nota B

O eminente estadista Phebo Moniz, em 1850, fallou da maneira seguinte, com o enthusiasmo do seu patriotismo, tão puro como aquella agua que brotara do rochedo de Raphidim perante a vara miraculosa de Moisés:

«Peza-me muito de chegarem as nossas coisas a taes termos, que, ou havemos de desesperar do remedio d'ellas, ou, se o procurarmos, ha de ser com molestia de V. Alteza. Assim, lhe não quizera responder por lhe não dar pena, e o remedio das coisas commettê-lo a Deus. E posto que me dôa muito ver como vão guiadas, e cuidarmos todos que ellas se incaminham a nos tirar a nossa antiga liberdade, todavia por mais importante havemos a saude e gosto de V. Alteza que tudo o mais; e, pois V. Alteza quer lhe responda, ha de me dar licença para dizer livremente o que intendo e o que convem ao serviço de V. Alteza e bem d'esta terra.

«Eu, Senhor, estava mettido em o meu canto, no qual, posto que me lastimave muito ver estas coisas, parte de consolação me era ver

Cap. importante

1580

posto o remedio d'ellas na mão de V. Alteza, e o officio de advogado na mão de outrem; mas não sei que peccados foram os meus que não quiz V. Alteza que lograsse muito tempo esta quietação em que estava. Mandou-me V. Alteza vir por procurador d'este povo, e justamente d'onde esperava remedio veio a sahir perigo.

«Quer V. Alteza a consessão pela estrada direita, ouvindo as partes e o que allegam por si, porque d'esta maneira choraremos nossa sorte e render-nos-hemos aos juizos de Deus? Mas levar negocios por caminhos não habitados e escuros, faz-me crer que a justiça é nossa. Mas que aproveita, pois que não ha razão nem respeito que incline V. Alteza a esta opinião?

«Eu, Senhor, não sahi do meu buraco para fazer o que não devo, á liberdade do reino em que nasci e que de mim a confiou.

«Não sou um homem que se haja de dobrar por ameaças nem medos, — porque mais pode em mim o receio de faltar um ponto á minha obrigação, que tudo quanto no mundo ha. E assim não sei, Senhor, para que me fizeste cá vir, se quereis dar o reino a Castella! E, se vos parecia que eu seria n'isso consentidor, vos enganastes: nem sei quem me desacreditou comvosco, que infamou tanto a minha honra e lealdade! Só eu vos parecia digno de me fazerdes ministro de tamanho estrago de Portugal! E se de mim o suspeitastes, hoje mos-

trarei ao mundo o vosso engano, e quanto se ha de estimar o zêlo da patria, soffrendo antes perder a vida que ir contra o bem d'ella. E V. Alteza poderá fazer d'este corpo o que quizer, que em seu poder está; mas na alma não tem jurisdicção, nem ella virá nunca a dar tal sentimento.

«E não cuide V. Alteza que esta opinião é só minha; é de todo este reino, que aqui está junto, de velhos e moços, altos e baixos, clérigos, frades, freiras,—e será de todos os que não pretenderem mais que o bem commum do reino, a justiça e o serviço de Nosso Senhor.

«E se os que andam a par de V. Alteza, e lhe aconselham o contrario, se despiram das suas pretensões, e não quizeram alcançar commendas nem mudar os estados, tambem seriam do mesmo parecer. Mas não me espanto de não haver quem aconselhe a verdade,—porque além de ser constellação e propriedade do estado real e grandeza da terra andarem mais cercados os principes de lisonjeiros que de amigos e vassallos verdadeiros, é esta iguaria a que mais ordinariamente corre nas côrtes dos reis e, se por acerto ha alguem que fale verdade, o tomais tão mal, que a uns tirais das eleições e a outros depois de eleitos, e a outros suspendeis dos officios sem serem culpados mais que serem contrarios do vosso parecer; e, se isso é, V. Alteza o deve de estar

de si mesmo, e que eu estava do mesmo parecer por minha mãe ser filha de castelhano, e que me accommodaria tambem com o gosto de V. Alteza! Mas agora vejo que nem uma coisa nem outra me obriga a ir com a vossa vontade, e que sigo só ser meu pae portuguez, sem que me lembre de ser meu avô castelhano.

«Que foi isto, Senhor?! Quem vos mudou em outro?! Quem vos tirou o animo dos vossos antepassados, o retrato do seu esforço, e o ser imitador de suas glorias, que por receio de uma guerra injusta quereis fazer injusto concerto?!

«El-rei Philippe é christão, e não quererá mover guerra entre christãos por coisa duvidosa contra a justa successão, — porque bem sabe que, sendo assim, não terá bom successo e Deus não será em seu favor: e, quando a fizesse fazer, faremos o que sempre fizemos. Bem sabemos perder a vida pela liberdade; e, posto que sejamos poucos e desarmados, e elle poderoso e apercebido, esperanças tenho em Deus Nosso Senhor que ajudará e effectuará uma sentença dada por um rei tão catholico e tão santo, e que não permittirá sermos vencidos, pois levamos a verdade e a razão por guia. Attonito estou de ver que, sendo a justiça egual, e estando ainda o parecer de V. Alteza tão duvidoso, se incline antes a Castella.

«Como poderá V. Alteza extinguir uma na-

ção que os reis seus antecessores trabalharam tanto por innobrecer?! Um reino que elles ganharam aos inimigos da nossa Sancta Fé?! Não sei como V. Alteza poderá acabar aquellas cinco chagas que Jesus Christo Nosso Senhor deu por armas no campo de Ourique a este reino! Poderão sem nenhum receio nem temer ser mettidas entre leões,—e aquelles vassallos que dignos foram de suas vidas em vosso serviço, vêl-os agora intregar a vossos inimigos e seus?! E o peor é que a justiça não obriga a V. Alteza a coisa nenhuma d'estas,—pois até agora não pendemos, nem a qualquer das outras, nem o fazeis por estarmos vencidos, que ainda não tomamos armas por umá paz affrontosa que se fez do vosso animo. Este negocio é maior que todos os do mundo, por arduos que sejam.

«Que falta é esta de amigos?! que pobreza de vassallos leaes?! Porque nem tenho por amigos do vosso serviço, nem por creados leaes, quem tal coisa vos aconselha. Porque queréis que vos estale o reino nas mãos? Não vê V. Alteza a nodoa que põem em seu nome? Aonde se dirá com honra vossa, que se intregue este reino a Castella por se temer defender do seu poder? Havia de vir outro rei seu successor que a pezar lh'o tornasse a intregar.

«Pelas lagrimas dos orphãos que vivem de esmolas do reino de rei natural, pelo remedio

dos fidalgos que lhes tirais intregando-os a rei extranho, pelas necessidades das viuvas que eu sei acham amparo, pelas miserias dos pobres que n'elles acham abrigam, peço-vos, Senhor, conserveis este reino na liberdade em que os reis vossos antepassados, a quem succedestes, o puzeram. Representae ante vossos olhos que todos commigo vos dão vozes:—«A quem nos deixais, Senhor?! Porque nos captivais?! A quem nos intregais?! Onde nos trazeis» — Clama o vosso povo; clamam as nossas consciencias; clama a nossa justiça; clama a nossa razão; e os nossos clamores hão de chegar ao Céu. Dae-nos liberdade: e, se vos parece que a não merecemos, tirae-nos juntamente a vida, para que com ella se acabe o nosso captiveiro, que antes queremos, os verdadeiros Portuguezes, intregar de boa vontade a vida, que perder a liberdade e socego. —Disse.»

Nota C

Fernandez de los Rios foi ministro de Hespanha em Lisboa e as suas impertincias ibericas, durante alguns annos, ficaram bem conhecidos em Portugal.

Vendo cahir os seus projectos e, ao mesmo

tempo, sendo obrigado a retirar-se do reino, publicou Fernandez de los Rios um livro intitulado *Mi mission en Portugal*, livro que foi combatido por alguns dos homens mais eminentes da nossa litteratura.

Respondendo a esse livro, escreveu o notavel jornalista Antonio Rodrigues Sampaio :

«Convem-nos suppôr que o sr. Fernandez de los Rios é um diplomata habil mas infeliz ; é tumba. Se não poude conseguir nada, se o disfarce não lhe aproveitou, se a entrevista quasi mysteriosa nos jardins da Pena, se a correspondencia importuna com as Necessidades não tiveram exito feliz, não se deve attribuir á falta de resistencia e pertinacia d'elle, mas á boa estrella que influe nos destinos de Portugal, e que protege a nossa independencia, deve-se ao alto discernimento de um principe que engeita todas as grandezas offerecidas para não pôr em risco a patria que tanto ama, e que tão amado é por ella, e que com sobrada razão o merece ser.

«Este malogro turbou a intelligência do sr. Fernandez de los Rios se alguma vez a teve. No seu livro insulta elle e injuria todos os caracteres que concorreram, ou suppoz que concorreram, para que fallhasse o trama de que era agente secreto : e o paiz sagra com as suas

benções as victimas d'aquelle furor desatinado, porque :

Não se agasta nem se indigna o ceu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno.»

O brilhantissimo publicista Pinheiro Chagas tambem respondeu ao livro do sr. Fernandez de los Rios. Entre outras coisas, escreveu o seguinte :

«Um dia o czar Nicolau, fallando da Turquia com o embaixador inglez chamou a esse paiz *l'homme malade*. A phrase ficou proverbial, e a Turquia conciderada debaixo do ponto de vista da conquista russa, é para todos o *enfermo do Oriente*.

«Para a Russia o *enfermo do Oriente* é a Turquia, para a Hespanha do sr. Fernandez de los Rios o *enfermo do Occidente* é Portugal. A analogia é ingenua, e não valia a pena apregoar tanto o seu amor á independencia portugueza, para terminar dando a ambição hespanhola a formula de conquista mais brutal, que até hoje se tem apregoado! O *enfermo do Occidente!* a phrase ha de ficar !

«Ora agora, se o sr. Fernandez de los Rios fez sempre diplomacia com tanta arte como a faz agora no seu livro, não se admire s. ex.^a que ella sempre lhe falhasse, A nós realmente não nos parece que a *Mi mission en Portugal*

sirva de grande recomendação ao sr. de los Rios para qualquer ministro dos negocios estrangeiros em Hespanha.»

Com a estada do sr. Fernandez de los Rios em Portugal, como ministro de Hespanha, bem se pode empregar a frase franceza *á quelque chose malheur est bon*.

Effetivamente a attitude de Fernandez de los Rios accendeu na alma do povo um sentimento que se ia apagando com uns estrechimentos de sol posto. A manifestação patriótica irrompeu com o deslumbramento de uma luz vivissima.

A 5 de agosto de 1870 o famoso monarcha D. Fernando escrevia ao sr. Fernandez de los Rios :

«Tenho meditado profundamente no negocio de que tratamos, como a gravidade do caso o pedia, e cada vez mais me convenço da conveniencia do que propuz, que no fundo está já acceite pelo general Prim. No que eu divirgo é na fórma, não porque queira demorar a conclusão d'este assumpto, mas porque é grande a minha responsabilidade. Se a constituição hespanhola tem de ser adicionada com um artigo, não seria bom para todos, mas para mim que tenho de manter honrado o meu nome de principe portuguez, e para o governo hespanhol que prevará assim a rectidão das suas intenções, que tudo se regule de modo que não suscite receios nem desconfianças ?

«Seja-me portanto permitido insistir na seguinte redação:

«A successão ao throno será fixada de modo que fique garantida a independencia das duas nações peninsulares, não podendo em caso algum reunir-se as duas corôas em uma só cabeça.»

«Não me preoccupo com o que os povos farão de futuro isso; não é da minha responsabilidade.

«Agora o que me cumpre é procurar salvar, quanto esteja no meu poder, os direitos de um povo que amo, porque sou agradecido á adhesão que sempre me mostrou e porque, tendo passado entre elle o melhor da minha vida, aqui conservo ainda tudo quanto me é caro na terra.»

Além d'estas nobres palavras, inspiradas por um sentimento ardente e puro de consciencia ilibada, D. Fernando deixou archivado em muitas cartas o monumento magestoso da sua grandeza. D. Angel Fernandez de los Rios foi o motor d'essa expansibilidade magnifica.

D. Fernando instigado pela attitude iberica e persistente do já tristemente celebre ministro de Hespanha em Lisboa, poderia dizer, á semelhança de Scipião Emiliano:

Taceunt illi quibus Portugal noverca est!

Nota D

O eminente parlamentar Casal Ribeiro, entre outras coisas, disse no parlamento portuguez, em 1869 :

«Quer a camara uma prova nova, recente, de qual é n'este ponto, em Hespanha, o accordo dos partidos revolucionarios?»

«Tem na celebre discussão de 20 do corrente maio, dia em que se votou a monarchia.

«Levantou-se alli um tribuno eloquente defendendo o principio republicano, o sr. Emilio Castelar, e entre as razões com que apoiou o que o que sentia e dizia, insistiu em que a forma republicana era a que conduzia mais depressa á união de Portugal com a Hespanha.

«Dizia assim o eloquente orador democrata (*lendo*)—«A idéa da união de Hespanha e Portugal pela iniciativa da monarchia portugueza, era nma idéa gloriosa, porque estavamos em um periodo revolucionario muito especial.

—«Se o rei de Portugal houvesse comprehendido que, na situação em que nos achamos, era indispensavel collocar-se á frente do movimento iberico, talvez teria perdido o seu throno, e talvez teria ganho o throno da península... Mas o rei de Portugal não queria a mis-

cap. in his tuitorias

são com a Hespanha, porque o povo portuguez, *que quer união pela forma republicana*, não quer a união pessoal, não quer a união monarchica. . . »

«*(O orador interrompendo a leitura)*—Ousada e falsa affirmativa! Quem asseverou ao sr. Castelar, em que provas assenta a sua estranha proposição de que o povo portuguez quer unir-se com a Hespanha sob a forma republicana?...

«*(Lendo)*—Diz-se alli (em Portugal): a Hespanha adianta-se mais que nós, progride mais; reparae como nos attrahe, que grande exemplo nos dá! Dizia-se por ventura o mesmo quando a Hespanha se apresentava a seus olhos como monarchica, symbolizando o sombrio exclusivismo catholico?...

«*(O orador)*—Que significava isto? Significava claramente que a melhor fôrma de governo para Hespanha seria o que mais depressa lhe levasse em dote este reino de Portugal. Admittia-se a candidatura do sr. D. Fernando; e para obter a absorpção d'este paiz em um futuro mais proximo renunciava-se provisoriamente ás delicias da republica. Desenganado agora da inutilidade da tentativa, o sr. Castelar conclue assim (*leu*):—Se quereis portugal... (*vozes:—ouçam, ouçam*)—Se quereis Portugal, Portugal é vosso... —Que sincerimonia!

«*(Continua lendo)* Estabelecei a republica, e

tereis a união com Portugal, se estabeleceis a monarchia, renunciae a Portugal por muito tempo...

«(Orador)—Eis aqui como fallam os republicanos de Hespanha! Eis aqui como para elles a mais excellente entre as excellencias da republica se lhes afigura ser a incorporação de Portugal!

«E não se pense que isto é exaggeração tribunicia de um espirito aliás illustre, e de uma voz aliás eloquentissima! «Respondia ao tribuno republicano um grave homem de levantado espirito, respeitavel pelo seu character e procedentes, um homem moderado e monarchista, o sr. Rios-Rosas.

«Defendendo a monarchia o sr. Rios-Rosas soccorria-se, invertendo-o ao mesmo argumento do sr. Castelar. O fim, a união peninsular, era sempre o mesmo; variava o meio na opinião do orador monarchico; e, segundo elle, chegar-se-ia mais depressa á união, não pela licença, mas sim pela ordem.

«Quer a camara saber como o sr. Rios-Rosas respondia ao sr. Castelar, defendendo o principio monarchico? (leu)—Fallou o sr. Castelar de Hespanha e Portugal, declarou que a federação não pode realisar-se senão debaixo da forma republicana. Em apoio da sua opinião leu nos varios periodicos do reino visinho, que, se não estou em erro nada provam em favor da these de sua senhoria...

«(O orador)—Faz-se aqui referencia a periodicos portuguezes. Não posso affirmar quaes sejam, porque não consta do extrato do discurso do sr. Castelar. Entretanto pela doutrina é facil desconfiar quaes poderiam ser (*leu mais*).

«—Eu creio, senhores, que a federação virá melhor pela forma republicana; primeiro porque não creio na duração da republica nem em Hespanha nem em Portugal; segundo porque, alem de não julgar possivel a republica em Hespanha creio que Portugal está menos preparado para a republica, que a Hespanha, onde ha mais elementos democraticos que no reino visinho. *A federação far-se-ha mais depressa* do que alguns hespanhoes acreditam, quando haja algum governo consolidado, quando este governo seja respeitado por todos, quando os partidos se tenha acommodado á vida local quando dermos exemplos de legalidade e moderação. Então seremos amados e respeitados pelos nossos visinhos, *que solicitarão a federação pelo seu proprio interesse*, e pelo nosso, conservando elles a sua antonomia e nós a nossa.

«(O orador continuando):—Não sei de que especie de federação se trata aqui. Naturalmente seria semelhante áquella que nos garantia Filippe II, na epoca em que até as nossas antigas leis tomaram o nome de ordenações Filippinas: na epoca em que as quinas de Por-

tugal foram assoberbadas pelo leão de Castella, na epoca em que se repetiram agravos sobre agravos, affrontas sobre affrontas, na epoca em jazemos conquistados e humilhados, até que em 1640 se levantaram os heroes, que serão sempre admirados emquanto houver portuguezes, e repelliram para longe, em uma revolução audaz, e em uma guerra gloriosa, o odioso dominio dos conquistadores!

«Sr. presidente sem offender ninguem, sem offender, quaesquer opiniões, não será licito, mais do que licito ainda, opportuno e indispensavel, que se levante uma voz no parlamento portuguez, clamando bem alto que se enganam monarchistas e republicanos? Ha perigo ou pode haver receio? Desdouro seria o silencio.

«Quando taes cousas se dizem lá fóra, é necessario achem aqui uma resposta clara, um brado vigoroso, um não clamoroso, como nos primeiros dias d'este seculo repetia D. Lourenço de Lima diante do grande Napoleão, quando o imperador lhe pergutava se queriamos ser hespanhoes.

«Respondemos, pois, que o exige o decoro da patria. Respondamos alto e claro. Não, mil vezes não; nem iberia monarchica nem republicana! Não nos seduz o papel brilhante do Piemonte, que talvez tivesse razão para proceder como procedeu. Porem não queremos nós ser os piemontezes da peninsula hespanica.

«Digamos á Hespanha que não queremos de fórma nenhuma a iberia. Não a queremos pelas formas absolutas dos tempos de Filippe II, tempos que para a propria Hespanha foram a data de uma grande decadencia, que convinha não esquecer.

«Muitas vezes as ambições enganam as grandes nações, e que onde julgam ir buscar a força no argumento do territorio e da população conseguem só o amalgama informe de elementos heterogeneos, que em vez de principio vital são mortal doença que lhes mina a propria existencia e as leva á dissolução.

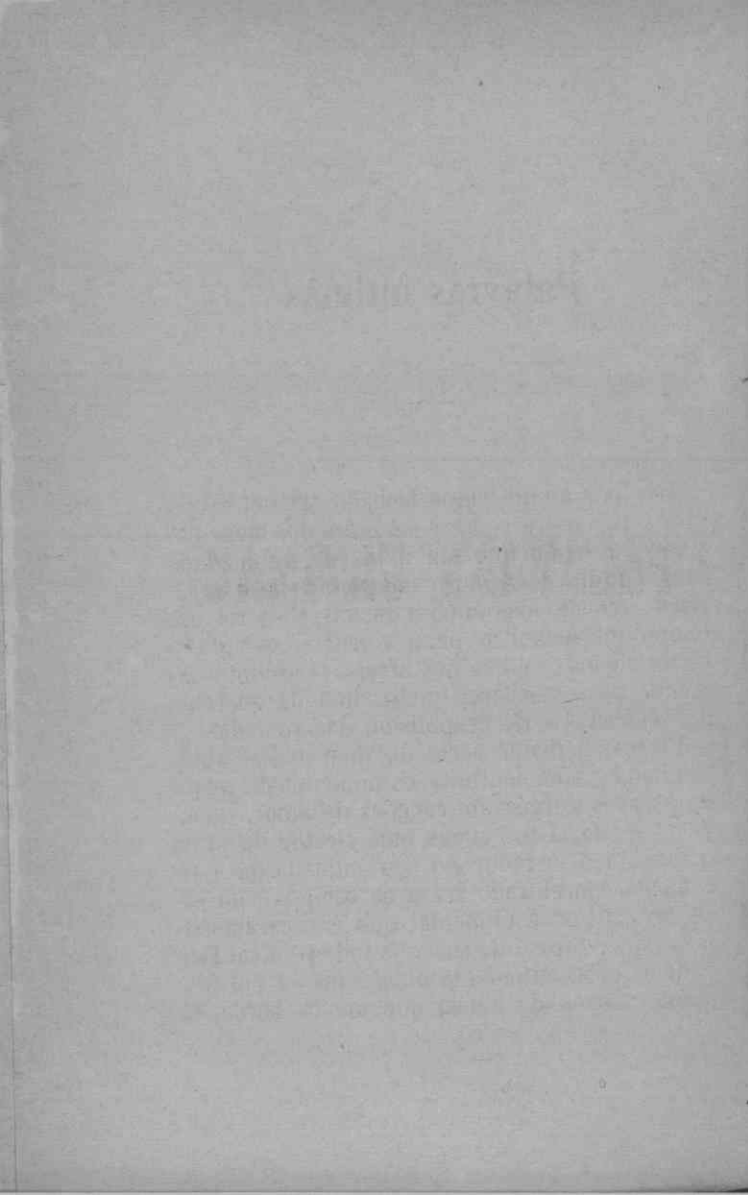
«E se não queremos a encorporação debaixo das formas absolutas do tempo de Filippe II, igualmente o desadoramos na forma das utopias dos continuadores de Bernardin de Saint-Pierre.

«Saibam o pois os nossos visinhos. Nem iberia unitaria nem iberia federal, nem iberia monarchica nem iberia republicana.»

FIN DAS NOTAS

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PALAVRAS ULTIMAS



Palavras ultimas

Tive por muito tempo fechado em minha gaveta e por entre o *mare-magnum* dos meus papeis o trabalho que sae á luz da publicidade com o titulo de *A nossa independencia e o iberismo*, objecto das minhas locubrações em um tempo melancholico para a patria, quando o materialismo politico nos arrastava voluptuosamente para o charco podrissimo da anarchia dos espiritos e do despotismo das vontades.

Escrevi a maior parte do meu livro á sombra benéfica dos loureiros da minha terra, quando as aves gorgeavam canções de amor, quando o sol fazia das aguas uma alcatifa de prata e quando o lavrador no seu entusiasmo lyricamente concentrado arava os campos com esse mysticismo sentimental que é o caracteristico esplenduroso da sua vida toda poetica. Emballado pelas grandezas dulcissimas e pulchramente ideaes da aldeia que me foi berço, eu

Imp. alt. em f. m.

nunca esqueci a dignidade dos meus sentimentos porque tenho no coração o orgulho das nossas tradições e a vaidade das nossas esperanças.

A psychologia da patria é como a psychologia do homem. A synthese ideal de um povo é uma utopia ephemera quando é considerada sem elementos constitutivos e formaes, mas quando essa synthese ideal anda intimamente unida á synthese moral dos povos, a perfectibilidade tem razão de ser e de uma utopia se forma uma realidade. Por isso o coração humano, *lumen in coelo* da nossa vida, não tem pulsações sómente para o corpo; tem-as para a sociedade inteira e especialissimamente para este pedaço de terra que é o Encelade gigantesco do nosso viver, Encelade que, apesar de aniquilado, brota um fogo inextinguivel, o fogo dos grandes astros.

Comecei a escrever o meu livro em um momento de lagrimas, quando a patria declinava a sua grandeza na urna funeraria de um cataclismo doloroso. Por vezes, a amargura destilou as minhas palavras, quando os nossos direitos e os nossos foros eram arremeçados violentamente de encontro ás montanhas escabrosas do desprezo. A nossa gloria soffria um eclipse affrontosissimo de sangue, e digo de sangue porque as lagrimas do martyrio não são simplesmente as sensações de uma desorgani-

sação physica. Ha dores moraes que enfraquecem e até aniquillam os elementos de vitalidade social

O meu livro, talvez Berezina fatal do meu caminho, foi encerrado na gaveta e mal pensava eu que essas paginas escriptas em um momento de dôr intensissima viria a ser a estreia litteraria dos meus trabalhos.

Instado por amigos de intimidade nunca esquecida, tentei recusar-me obstinadamente, mas a minha vontade teve que submetter-se á vontade estranha, que é o mesmo que dizer á minha gratidão. Não tenho a *lampada d'Aladim* no meu espirito nem tenho o poder mythologico de Medusa na minha cabeça, mas tenho em meu coração a fidelidade de Enmeas, o famoso intendente dos rabanhos de Ulysses, e jamais esquecerei aquella frase de Francisco Pizarro na conquista da republica do Peru:—*Andaces fortuna juvat.*

N'estas conjuncturas, consultei o notavel pensador e brilhante estadista Antonio de Serpa Pimentel sobre a publicação do meu livro. A resposta foi lisongeira e captivante, e, á vista d'ella, resolvi fazer d'*A nossa independencia e o iberismo* a minha estreia litteraria.

Na carta que o brilhantissimo escriptor me dirigiu, eliminando uma parte de interesse particular, lê-se o seguinte que textualmente faço publicar :

Lisboa, 1 de março.

Meu bom amigo

Recebi um d'estes dias uma carta sua, que perdi, ou que rasguei por engano, confundida com outras que recebo todos os dias, tendo por costume rasgar logo as que não teem resposta,

.....
.....
Aproveitei estes dias de carnaval, em que me vi um pouco livre das minhas muitas occupações e em que fiquei em casa e livre ao mesmo tempo de negocios e de importunos, para lêr pausadamente o seu trabalho litterario ácerca da nossa independencia e do iberismo.

E' escusado dizer-lhe que concordo completamente nas idéas. Como trabalho litterario é digno de ser publicado, faz honra quem o escreveu e na idade em que foi escripto.

Dizer que lhe não encontro senões seria faltar á verdade. Mas felizes senões!

Acho por vezes, e sobretudo no principio alguma exuberancia de estylo e de considerações genericas antes de entrar na materia precisa do escripto. Mas isto é defeito de todos os que começam.

Em todo o caso, por um lado os dotes litterarios que revela, e por outro as idéas generosas e patrioticas que manifesta, tudo concor-

re para que o trabalho faça honra ao auctor que tão cêdo vem á imprensa com um trabalho de certo folego.

Espero a sua carta para me dizer se a respeito d'este escripto me dizia ou perguntava alguma cousa, e devolvei-o-hei pelo correio, aconselhando-lhe a sua publicação.

Disponha sempre de quem é

De V...

amigo muito obrigado

A. de Serpa.

Pouco tempo depois, o notavel estadista dava-me auctorisação para publicar os periodos que eu desejasse da sua carta. Só depois d'este incitamento é que resolvi reformar e ampliar o meu trabalho e fazer d'elle a minha estreia litteraria.

Serei feliz? serei infeliz? Não sei.

O que sei é que, subindo a este Bucentauro das letras, como aquelle em que o pristino doge de Veneza celebrava o seu casamento symbolico com o mar no fausto dia da Ascensão, prefiro fallar das cousas que interessam á minha patria a descrever o desespero de Othello quando enterrava o punhal no peito de Desdemona, a pintar as lagrimas de Andromacha quando se despedia de Heitor ás portas de

Troia, a aviventar a tragedia de Helena quando repudiava Menelau perante os galanteios de Páris, a desenhar a coragem de Arria quando embebeu um punhal no proprio seio e, arrancando-o ensanguentado, entregou essa lamina de aço a seu marido que exitava perante a celebre proposta do micidio, bradando: — *Poste non dolet.*

O baixel é lançado á corrente da publicidade e não sei se o timoneiro, que é o mais digno representante da litteratura de Garrett e de Herculano nos nossos dias, porque se chama Antonio de Serpa Pimentel, poderá leval-o a seu destino, ao El-Dorado das miúdas aspirações mais vehementes. O baixel vae singrar as aguas, levando arvoradá a bandeira verde da esperanza, qual columna de fogo que guiava os israelitas atravez do deserto. Uma, fez das areas da Arabia um mar de purpura; outra illumina-me o caminho, reflectindo nas aguas phantasias ideaes.

O cavername é bom, porque é a consciencia dos mestres, e a idéa é magnifica, porque é a synthelogia da patria. O artista é que corre o per go de naufragar n'este mar de inleniencias litterarias em que não é raro o apparecimento de um Basilisco usurpador ou de um Zenon implacavel, com fios de ferro nos nervos e com flocos de gello no coração.

Ao fazer o meu livro, não me seduziu o desejo de gloria nem mesmo a ambição de hon-

ras que jámais lobriguei. O que me seduziu, por entre os suspiros arrancados ao coração da patria, foi a consciencia do meu dever e o dever da minha dignidade.

O combatente é inhabil e não tem a experiencia dos grandes degladiadores, mas tambem Waterloo era uma pequena aldeia da Belgica e em 1815 repeliu as legiões insaciaveis e terri-veis de Napoleão I.

A união iberica começava a levantar-se ameaçadora como um cataclismo de lama e eu, que prezo acima de tudo a integridade do meu paiz, abysmava-me em triste melancholia, melancholia de lagrimas, como aquella que importunava Dario quando fôra derrotado pelos athenienses no combate de Marathona.

A imprensa, mensageira esplendida da sociedade, trouxe ao meu espirito o echo das desventuras que dilaceravam a nossa patria. O sol scintilava como um brilhante enorme em céu côr de annil e á sombra das alvores sussurrantes pela aragem rithimica que suspirava, a vibratilisação afflanadora da minha alma retratava no papel a sensibilidade do meu meu coração. O mesmo impeto de sentimento me fazia correr o lapis por cima do papel quando a lua deslisava fria e palida sobre o manto estrellado da noite, indo acordar idylios inebriantes de uma christallineidade passional, como aquelles que encantam as lyricas esfolhadas do

norte. As vezes, á beira do Oceano, ouvindo o refulger constante e épico das suas aguas, admirando as espumas que faziam rendas de prata para aureola das ondas e que pouco depois vinham assentar-se na areia, transformando o seu branco de christal em amarello de ouro, n'esse extase suggestivo eu pensei nas cousas do meu paiz e essas cousas me obrigaram a escrever o pallido reflexo das minhas sensações estuantes de patriotismo. Cada pedra e cada tronco da minha aldeia avivam me saudades inapagaveis, como o fogo de Vesta, que me não deixam chorar na urna esquecida da necropole do passado sem que a imaginação possa destillar as minhas palavras e deixar n'ellas o sacramento da alma que está longe de ser uma chimera.

Escrevendo *A nossa independencia e o ibेरismo*, eu não me desvio da marcha constante e simultanea de tudo. O coração é no homem o que o centro é circumferencia. Entre um e outro ha a relação que se manifesta entre o sol e o satellite, entre a faculdade e a industria, entre a acção e o pensamento.

O amor da patria é o crysol do espirito humano porque amor é a visão e patria é a luz. Como a famosa Paraliene que levava a Delos as dadas da Athenas, o amor da patria leva ao nosso espirito as sensações da alma, quer ellas nasçam dos transportes do enthusiasmo,

quer appareçam das lagrimas da malancholia.

Hoje, tudo caminha para o progresso e caminhar para o progresso e caminhar para o triumpho. Nós não estamos no periodo genesiaco do mundo nem nas evoluções geologicas do periodo permiano; não estamos no tempo da apparição dos primeiros trilobitas nem no tempo dos antropoides; não estamos no periodo das primeiras vegetações rachiticas nem mesmo na epoca das grandes florestas do periodo terciario; não assistimos ao combate terrivel dos labyrinthodontes e dos ichtyovantanros nem as luctas dos pterodactylos e dos plesiosauros; não permanecemos no periodo cosmologico nem mesmo no periodo embaciado dos trugloditas que pouco mais deixaram alem de machados de pedra que ainda se encontram nas cavernas. Esse tempo passou e a escuridão sumiu-se na poeira de ouro da phantasia. Hoje luz e progresso e a historia,—a vida do futuro e a vida do passado.

Eu espero para o meu livro a benevolencia da critica porque julgo no meu patriotismo a atenuante do crime, se se pode chamar crime a audaciosa tentativa do meu espirito. Não falo das aventuras medievas dos velhos castellos roqueiros, onde tinham logar as famosas dansas macabras, quando as tempestades gemiam e sibilavam fatidicos mysterios e quando o luar, livido como uma caveira, mostrava o exercito

ideal dos phantasmas e dos terrores. Falo das coisas da patria porque a patria é a avalanche do meu espirito, a synthese das minhas aspirações sempre retrogradadas ao alito calcinante das chimeras.

O balão azul e branco do meu ideal, quebrando-se as amarras que o prendiam, sobe ligeiro e vae correr o espaço cheio de pulverisações de luz. Não sei se poderá transpôr o fumo e o calôr da batalha ou se ficará sepultado no cadinho das trevas.

Sem ter o orgulho de Phaeton, o lendario filho de Apollo e de Climena, eu espero, se ficar soterrado no Eridan da critica, poder bradar como Vespasiano:—*amigos, perdi o meu dia,*—e acrescentar o que disse Leonidas depois do combate das Thermopilas:—*mas cumpri o meu dever.*

Verde millo

Accacio Nery

ERRATAS

Ha uma errata grande n'este livro, que é incorrigivel, mas póde ser desculpada pela benevolencia dos leitores. Essa errata é o auctor.

Além d'essa ha muitas outras de facil correcção que não mencionamos. Algumas erratas, porém, que alteram o sentido da phrase ou o tornam enygmatico, vão abaixo mencionadas.

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
6	23	tantam	tentam
8	13	Pansan	Pasan
8	14	permanecem	permaneceu
18	1	ouve	houve
29	21	a mor	maior
36	13	pilepsia	epilepsia
51	2	humano	sobrehumano
66	19	iuto	lucto
82	16	pender	prender
92	23	monds	monde
100	11	soáre	sobre
122	5	Gíalias	Gallias
122	20	s u	seu
124	8 e 9	suevss	suevos
130	3	luctas	luctuoso
139	1	neçimo	decimo
166	22	Juies	Jules
189	12	aima	alma
215	19	Bussia	Russia
233	6	aeino	reino
240		216 (paginação)	240
287	22	impertincias	impertinencias
303	19 e 20	Andaces	Audaces



Ao Ex.^{mo} Sr.

Antonio de Serpa Pimentel

«Já viste, leitor, n'um dia chuvoso, e n'uma rua cheia de lama, passar e prepassar o publico? Uns, a maior parte, levam as extremidades do vestuario cobertas ou salpicadas de terra e lodo. Mas entre esses alguns passam, procurando as pedrinhas mais enxutas da calçada, e atravessam a rua sem um salpico de lama nos vestidos.»

C. O. e D.

A. de Serpa Pimentel.

»Herculano e o seu tempo» pag. 162

Accaent Noy

PREFACIO

PREFACIO

A nossa independencia e o iberismo é o livro de um mancebo na idade em que apenas se começa a apprender e em que ainda não tem havido o tempo necessario para saber: é o livro de um principiante. E este facto de se escrever um livro em tal idade é tanto mais notavel quanto o assumpto se refere, não a uma sciencia especial, em que as intelligencias precoces podem ir pelo simples trabalho da razão e do raciocinio até onde chegaram outros pensadores mais experimentados, mas a questões que dependem de largos conhecimentos historicos,

porque tem a historia por seu principal fundamento.

O titulo do livro diz qual é o seu pensamento: mostrar pela historia, desde as mais remotas eras, que a nacionalidade portugueza pela sua formação, pelo seu successivo desenvolvimento, através das vicitudes da civilisação em que lhe tocou alguma parte, e pelo seu estado presente, é uma nacionalidade perfeita e em estado de não poder desaparecer ou fundir-se com outra nacionalidade: e n'esta ordem de idéas combater o chamado iberismo.

Nas sciencias abstractas, na mathematica que só depende do puro raciocinio, tem-se visto espiritos de precoce desenvolvimento resolver problemas difficeis na idade em que apenas em regra se começa a poder apprender. Nas sciencias sociaes em que a resolução dos problemas depende do conhecimento de um grande numero de factos, já

não pode ser o mesmo. E' por isso que o livro que prefaciamos é notavel em vista da pouca idade do escriptor.

Mas por outro lado é tambem pelo mesmo motivo que o livro tem imperfeições e lacunas.

Uma d'estas imperfeições está na linguagem, em que a falta de um perfeito conhecimento da lingua explica a menos correcta applicação de alguns termos, e em que a falta de pratica de escrever se revela na construcção de algumas phrases e na menos exactidão de muitas imagens. A outra imperfeição é em quanto a nós uma certa falta de ordem na exposição e sequencia das materias de que trata o livro.

Deixemos porém os defeitos, que se explicam e que eram inevitaveis n'um escriptor principiante e auctor em tenros annos de um livro de sciencia social, e vamos ás qualidades.

A primeira parte do livro, que é a mais curta, é toda historica. São os acontecimentos que prepararam desde o reinado de D. João III o triste eclipse da nossa independencia em 1580, os preparativos e a catastrophe de Alcacer-Quivir, as suas consequencias e depois a restauração de 1640. Em toda esta parte, de mistura com algumas reflexões, em que se revela o mais louvavel patriotismo, mas que ás vezes cortam um pouco o fio da narração, denuncia o auctor o sufficiente conhecimento dos factos historicos e da sua significação.

A segunda parte, que mostra ainda maior somma de conhecimentos geraes de historia, é principalmente destinada a defender a these da existencia perfeita da nacionalidade portugueza e a combater o que se chama o iberismo. Dizemos que revela maior somma de conhecimentos geraes de historia, porque o auctor para historiar os funda-

mentos, o nascimento e o desenvolvimento da nacionalidade portugueza, tem de remontar aos tempos prehistoricos da peninsula á invasão dos cartaginezes e romanos, á invasão dos barbaros do norte, á formação do imperio visigodo, á invasão musulmana e a todos os mais successos até á formação da monarchia. Nas epochas seguintes só nos parece que ha uma lacuna para a completa historia da nossa nacionalidade, emquanto á missão historica que de facto nos coube em sorte de alargar pelas navegações e descobertas em que tivemos a iniciativa os limites do mundo conhecido.

Mas estas e outras imperfeições eram inevitaveis na primeira obra de um joven escriptor e não lhe tiram o merecimento. É só nos ultimos tempos que alguns escriptores se occupam d'este principio da nacionalidade, que um historiador e estadista como Thiers ainda tratou de pura chimera, e a

respeito da qual ainda muita gente assim pensa, embora já se não atreva a dizel-o. Não podemos pois censurar o joven auctor por não ter tomado como principal base de toda a sua argumentação a existencia do principio das nacionalidades, que em todo o caso não desconhece, e nas publicações que cita e de que transcreve varios trechos lá se encontra esta modernissima idéa.

Um auctor russo, tambem joven, o sr. I. Novicow publicou ha poucos annos o seu primeiro livro — *La politique internationale* — em que a questão das nacionalidades é exposta com uma abundancia de factos e provas, com um alto criterio, e com uma clareza de exposição, como se não encontram nos auctores experimentados que primeiro nos modernos tempos se occuparam d'este assumpto. Este escriptor acaba de publicar outro livro — *Les lutes entre sociétés humaines* — em que a mesma doutrina já ap-

parece como consequencia de outros principios mais genericos.

Nacionalidade e independencia politica não são synonymos. A independencia é apenas um resultado da existencia da nacionalidade. Mas tem havido nacionalidades perfeitamente caracterisadas que durante muito tempo deixaram de ser independentes. Durante os sessenta annos da nossa sujeição aos Filippes de Hespanha continuava a existir perfeitamente distincta a nacionalidade portugueza, mas não tínhamos a independencia.

O progresso demonstrado n'este seculo por muitos exemplos ha de conduzir n'um futuro mais ou menos remoto ao facto da independencia de todas as verdadeiras nacionalidades. Só então se poderá aspirar ao ideal humanitario da paz universal.

Correrá hoje algum perigo de perder a

sua independencia a nacionalidade portugueza? Cremos que não corre nenhum em quanto a Hespanha e Portugal forem duas monarchias constitucionaes. Correria perigo e grande, não de perder de todo a sua independencia, mas de a perder por algum tempo embora curto, no dia em que por fatalidade nossa vingassem no visinho reino as idéas revolucionarias que alli existem na cabeça de alguns homens intelligentes mas demasiado theoreticos, que proclamam a excellencia da republica federal. Com a idéa do federalismo fingiriam respeitar a nacionalidade portugueza. Mas ainda dado este caso, mais tarde voltaria de novo a nossa independencia como tem voltado a de outros povos em condições de vitalidade nacional não superiores ás nossas.

São estas no fundo as idéas do auctor. N'ellas revela o conhecimento da historia e das idéas sociologicas contemporaneas. Na

parte em que predomina o sentimento revela o seu patriotismo.

Damos logar aos novos que com tão esperançosas disposições entram na vida publica.

A. de Sousa Pimentel

CARTAS

CHRYSTAL

CARTAS

Lisboa, 22 de Março de 1893.

Sr. Acacio Rosa:

Escreve-me V... em 12 do corrente que tem no prelo um livro sob o titulo — *A nossa independencia e o iberismo*; que vae prefaciado pelo eminente estadista Antonio de Serpa Pimentel, e precedido de cartas sobre a materia do primoroso escriptor Oliveira Martins e de outros; que tambem deseja conhecer a minha opinião sobre a união de Portugal e Hespanha.

Surprehende-me o convite, ainda que me lisongeia, por attribuir a V... algum valor á minha collaboração a par da de homens de tão justa nomeada nas letras patrias. Recusal-a-hi

absolutamente, se não temesse que a recusa fosse tomada por desatenta para com um moço escriptor de talento pujante e amoroso de es tudo.

Na verdade comprehendo, e é conforme a uso salutar a apresentação de um novo auctor e novo livro em prefacio escripto por penna laureada, como a do meu predilecto amigo Antonio de Serpa; porem não percebo a utilidade de juntar ao texto uma collecção de cartas, embora todas, excepto a minha, firmadas por eruditos, cumulando criterios diversos sobre o objecto da obra, na qual de certo o que interessa é a definição e justificação da these escolhida pelo auctor.

Nem este mesmo eu conheço, nem uma linha sequer do seu ainda enedito livro. Demais (e esta é a razão capital de não dar-lhe cabal satisfação) o seu thema é vastissimo, e comprehende variados e complexos pontos de vista, cada um dos quaes para condignamente apreciar-se exigiria largos capitulos, não cabendo nos laconicos periodos de uma curta epistola.

De que se trata? De affirmar que a nacionalidade portugueza existe e tem direito a existir? Ninguem ignora que n'esta tira occidental da peninsula iberica ha uma nação consagrada por quasi oito seculos de historia,

na qual foram inscriptas algumas paginas brilhantissimas da civilisação universal. Ninguem ignora que a antiga linguagem Gallaica, depois de successivas evoluções, se transformou aqui em distincto e correcto idioma litterario, principalmente devido aos formosos versos de Camões, á saborosissima prosa de Fr. Luiz de Souza e outros grandes escriptores portuguezes do seculo 16.º Isto basta.

Mas quer-se levar mais longe e mais a fundo a disquisição? Trata-se de indagar se seria melhor ou peor para os destinos da península em geral, e d'esta porção d'ella em particular que o que foi deixasse de ter acontecido e o substituisse aquillo que não foi?

Sem subir mais longe que ás origens immediatas das modernas nações europeas, na dissolução do imperio de romano, seria por ventura preferivel que subsistisse permanente a unidade iberica creada sob a monarchia visigothica, em tempos de Leovigildo, e garantida pela unidade religiosa, em tempos de Recaredo? Seria essa a nossa sorte commum, se Tarric e Musa não tivessem atravessado o estreito á frente de arabes e bereberes? Seria melhor que a lucta titanica travada entre cruz e o alcorão, durante oito seculos, desde Cavadonga até Granada na gloriosa reconquista, não tivesse retalhado a península em tantos reinos e senhorios? Seria por favor ou desfavor da fortu-

na que aos portuguezes coube, no 12.º seculo, a precedencia na integridade nacional devida á valorosa espada e ao superior engenho de Affonso Henriques? . . .

Mais tarde ainda variariam os nossos destinos, se não fossemos vencedores em Aljubarrota, no seculo 14.º, com o mestre de Aviz, ou vencidos em Toro, no seguinte seculo, com Affonso o Africano? Que succederia se, no seculo 17.º, o governo dos Filippes fosse mais sabio, ou menos rapida a decadencia da Hespanha envolvida em infelizes guerras europeas, ou menos entusiasta o nobre impulso patriotico da renascença portugueza, que levantou o throno dos Braganças?

De certo V. . . não exige de mim, para lustre de seu livro, resposta cabal a qualquer d'estas interrogações; nem tão pouco en lh'a poderia dar por considerar-me incapaz de a esboçar com segurança. E de mais permitta-mê uma observação e quasi um conselho de velho. Se é difficil a persquisição e mais ainda a philosophia da historia real, quantas não serão as hesitações do espirito, se se lança nos dominios de uma especie de historia hypothetica? Não contesto que taes estudos sejam um dos mais superfinos duleitos da intelligencia humana; mas temo o risco que se corre de não acertar na solução dos arduos problemas. Pelo menos com faculdades apoucadas como as

minhas não me atrevo a metter foice n'esse campo.

É muito menos me aventuro em prognosticos do que ha-de succeder pelo andar dos seculos do terceiro millenio da nossa era. Isso então seria já temeraria audacia de quem se julgasse dotado com dons de profecia; pois que immensos coefficients de correção passariam desapercibidos em previssões semelhantes, ainda para cerebros do mais subido quilate.

O meu, que, por consciencia não é dado a tão intrincados labores, prefere limitar-se á observação do presente, sem desdenhar alguma lição do passado. N'este terreno restricto, mas solido possuo uma opinião muito firme e assentada. Desde um quarto de seculo pelo menos nunca desaproveitei ensejo de a proclamar bem alto, sem temor de impopularidades ou falsas interpretações, seja em actos officiaes ou fora d'elles, seja na escripta ou no discurso.

N'este particular haverá agora um mez me fazia justiça plena, honrando-me alias com exagerado favor de apreciações, o meu amigo, distinctissimo professor da Universidade de Madrid Snr. Sanchez Moguel, nas columnas da *Elustracion Espanola y Americana*. Referia com bastante exactidão a summula de uma conferencia celebrada, em 1866, entre mim e o General Calange, sendo então ambos ministros dos negocios externos, elle de Hespanha,

em de Portugal. « Somos dois irmãos maiores (era esta a minha formula) que ha largo tempo fizeram partilhas, poseram casa á parte, e fundaram as respectivas familias. Como irmãos devemos viver em paz, governando cada um a sua casa, conforme as suas peculiares necessidades, mas auxiliando-nos sempre com verdadeiro affecto em todos os assumptos de interesse commum dentro e fora da peninsula. »

Muito poderia acrescentar desenvolvendo este pensamento; porem reparo que vae longa a epistola. Para lhe pôr termo, sem por isso deixar de prestar a V... algum elemento mais da minha comprehensão do assumpto, que o preoccupa, tenho a honra de offerecer-lhe um exemplar do discurso, que pronunciei na Camara dos Pares, em sessão de 22 de Junho de 1894. Na parte final disse o que me pareceu e ainda creio bastante para definir o que tenho por verdadeiro e recto criterio da politica internacional portugueza.

Sou com toda a consideração

De V...

att.^o e ven.^{dor}

Conde do Casal Ribeiro.

Madrid, 18 de marzo de 1893.

Sr. D. Accacio Roza.

Muy Sr. mio y de toda mi consideracion: en contestacion á su carta del 13 del corriente en que se digna pedir-me mi opinion sobre la *union iberica*, me contentaré con hacer mio el autorizado parecer del profesor norte-americano Burgess, el cual en su excelente obra: *Political Science am Camparative Constitucio-nal Laco.* dice hablando de España y Portugal:

«No hay limite geografico natural entre los dos Estados, de otro lado cabe distinguir pequeñas diferencias etnicas que corresponden con las líneas de la geografia politica, sin embargo, la Nacion española y la portuguesa son parientes tan proximas, que las consideraciones étnicas me parece que pidem una completa separacion politica de los dos paizes. La diferencia etnica lo unico que justifica en un gobierno con organisacion federal; y si se torna en cuento la falta de limites geográficos, parece que un solo Estado con un sistema de gobierno federal seria lo que mejor satisfaria todas las condiciones.»

Queda v. complacido y yo obligado con los bondadosos terminos de su carta, ofreciendose suyo afectisimo seguro servidor

q. b. s. m.

G. de Azcarate

Sr. Accacio Roza.

Respondo á carta de v. que summamente me penhora, alem do mais, pela companhia que v. me annuncia de pessoas que eu tanto estimo e prezo, como é o sr. Serpa Pimentel, entre todos. Quando v. pode enfeiar as opiniões de tão illustres pensadores, a minha pouco ou nada vate. Além d'isso, repetidas vezes, em mais de um livro, tenho dito, o que entendo ácerca da nossa nação na península hespanica; de modo que n'esta carta não poderia senão repetir o que desde muito tempo anda a correr mundo.

Depois de Herculano, acabou o *luzitanismo* dos seculos XVII e XVIII, inventado para cortar a tradicção viva e gloriosa do Portugal de Aviz. Essa tradicção era a da politica *peninsular*, pelo accordo e alliança das duas nações da Hespanha, filhas da mesma origem commum e amentadas por uma mesma historia guerreira e social. Sempre julguei e julgo que o abatimento presente das duas nações peninsulares, accentuado depois da separação das suas colonias americanas, só poderá ter um fim, quando ambas, e essas colonias hoje constituidas em nações, se alliaem no interesse comum do futuro do sangue e das linguas hespano-portugueza.

E creio que a força das cousas fará com que

esse programma se torne um facto. Cada dia diminue o isolamento lamentavel em que hespanhoes e portuguezes nos temos encontrado. As causas são varias, mas a mais immediatamente apercebivel é a penetração repetida da fronteira pelas linhas ferreas. A questão da autonomia politica não tem importancia maior para o caso, em primeiro logar, porque a independencia é perfeitamente compativel com a alliança de pensamentos e interesses; em segundo logar, porque todos os dias importa menos para a vida organica dos povos aquillo que estrictamente se chama politica. Só nas nações combalidas como a nossa, a politica - politica é uma preocupação quasi exclusivamente absorvente.

De resto o periodo que vae desde Aljubarrota até Alcacerquibir, periodo aureo da nossa vida nacional, prova bem como é compativel a alliança com autonomia nas duas nações da Hespanha. A nossa que nasceu, desmembrando-se do corpo peninsular, por actos de vontade energica dos principes, primeiro, e do povo depois: a nossa viverá enquanto nós proprios quizermos que viva, pois as ideias accetadas quanto á soberania assentam já no alicerce definido da vontade dos cidadãos.

Não sei o que v. escreveu no seu livro; pois não tive ainda o gesto de o ler; mas creio não me enganar suppondo que será proxicamente

isto que deixo escripto, o que lhe terá dito o sr. Antonio de Serpa. Honrar-me-heisobrema neira achando-me de accordo com elle.

Disponha v. do que é com toda a consideração, seu

muito obr.^o v.^{or}

C. de V.
16 de setembro.

I. P. Oliveira Martins.

Al Sr. D.
Accacio Roza.

Muy Sr. mio: agradezco las bondadosas frases de su carta de 15 de Noviembre y quisiera disponer de tiempo bastante para comunicar a U. francamente mis opiniones respecto del problema que U. señala. Estoy ocupadísimo y solo puedo dedicarle unas líneas.

Si Ud. precisa el título de la obra que desea, tendre mucho gusto en remitirsela. Des-

de 1867 he escrito varios libros, de mayor o menor importancia (siempre dentro de la modestia de mis medios) en favor de la intimidad iberica.

Las obras mas recientes son sobre La Legislacion portugueza contemporanea y sobre el estado intelectual y literario de ese pais. Ahora preparo otros trabajos sobre el movimiento politico y respecto de las relaciones de Portugal e Inglaterra en estos dos ultimos siglos.

Mi opinion es completamente favorable a la union iberica. Pero comprendo sus dificultades y no me preocupo de una solucion inmediata. Menos aun de una solucion perfecta. Ahora trabajo por la aproximacion de entambos pueblos. Por el conocimiento reciproco y directo de sus hombres y sus intereses. Por la relacion diaria y sistematica de portuguezes e españoles respetando hasta lo inverosimil la independendencia y la susceptibilidad de los dos paizes.

Asi pongo particular cuidado en desvanecer supuestos maliciosos y prevenciones absurdas que por aqui fomentan algunos puliticos, calumniando la disposicion y el caracter de los portuguezes cultos. Por lo mismo he sido uno de los promotores del caracter iberico (con tales o cuales reservas) de los Congresos Jurico, Mercantil y Pedagogico. Ahora medito sobre la constitucion de una Sociedad internacio-

nal de educacion peninsular fuera de todo exclusivismo de escuela y todo interes de politica palpitante.

Parecenme evidentes la ley de las grandes nacionalidades y el destino de la Peninsula iberica lanzada por la Naturaleza al Atlantico, que es el mar esplendido de las faciles comunicaciones. Esto toma un relieve extraordinario despues de la Revolucion del Brazil y de la concentracion de las naciones sud-americanas. Anunciase una nueva politica que pide nuevos actos, fuera de la vieja politica mediterranea; si Portugal y España prescinden de la voz del tiempo, para consumirse en la miseria domestica, pronto renacera el vergonzoso protectorado de Beresford en la desembocadura del Tajo y las discusiones europeas sobre la frontera del Ebro.

Sobre esto podria escribir a U. mucho, pero me falta tiempo, como antes le he dicho. Perdone si no respondo por completo a su deseo. Vere con mucho gusto su trabajo y me ofrezco suyo att.º S. S.

Noviembre-22-92.

Rafael M. de Labra.

Porto, 9—9—92.

Meu illustre amigo.

Respondo immediatamente, infelizmente. E, porque o tempo urge, vai apenas o *quantum satis* para que fique percebendo o meu voto obscuro e muito réles. Emfim, palavras breves e claras.

Uma nação é uma unidade viva derivando de uma multiplicidade viva, é um organismo perfeito, um organismo vitalizado. A vida de uma nação está na sua alma e pulsa na sua historia.

Por certo que na constituição d'este organismo entram elementos mais ou menos poderosos e mais ou menos efficazes: o elemento politico, o elemento geographico, a lingua, a raça, o sangue e muitos outros. Mas tudo isto é secundario.

Dizer que o elemento politico faz um povo, é confundir a vida com um dos instrumentos da vida. Affirmar que o compõe o elemento geographico, é desconhecer que ha povos, cujas fronteiras são mero artificio. Attribuir, em summa, esta formação á communitade da lingua, á corrente do sangue e ao principio da raça, é negar que existem povos perfeitos provenientes de origens diversas e povo distincto fallando a mesma lingua, e varias linguas falladas pelo mesmo povo.

Por sobre tudo isso, porém, que de si é tão prestigioso e tão grande, levanta-se uma coisa muito mais prestigiosa e maior. Por sobre toda essa complexidade enorme, por sobre toda essa collectividade immensa, levanta-se a consciencia commum, relampeja o espirito publico, vibra a alma nacional, estrondeia a historia patria:— a historia patria, que centralisa a ondensação do passado, a affirmação do presente e a aspiriçãõ do porvir; a historia patria, que enthesoura as crenças e os costumes, os interesses e as affeições de um povo, e que não pôde desfalcar-se nem alterar-se sem que esse povo deixe de ser o que é; a historia patria, que fundamenta a existencia de um povo, que entalha n'um povo a convicção da sua vida, e que é esta mesma vida comprovando-se e impondo-se a si propria antes de comprovar-se e impor-se a outros povos; a historia patria, que é a luz da nossa honra, a raiz da nossa fama e a tuba da nossa gloria; a historia patria, a pujantissima e altissima historia patria, que não poderiamos banir nem desfazer nem renegar, sem renegar e desfazer e banir o que presamos de mais primoroso e mais bello—a alma-mater, a alma soberana e sublime de portuguezes.

Por conseguinte, meu caro amigo, se alguns rethoricos, de indole muito flexivel e de ingeuidade muito problematica, nos vieram pre-

gar iberismos, invocando como argumento culminante a falta de limites naturaes entre as duas nações peninsulares, e outras maravilhas, é bater-lhes com todo o peso e com toda a força da historia.

E, se ainda respingarem, assoprando apparatusas grandezas e encarecendo poderosas annexações, que cheiram a verdadeiras absorpções, então é bater-lhes com todo o peso—com toda a força de vontade—d'esta vontade lenáz e terminante, que brada hoje e bradará sempre: *portuguezes somos, jamais seremos hespanhoes.*

Sempre seu
adm.^{er} e am.^o

Alves Mendes.

Las naciones para ser grandes necesitan de ideales: unos inmediatos, otros a manera de los destellos de una luz lejana...

España y Portugal deben de agitar primero un ideal hermoso. La compenetracion de afectos y de intereses, conservando, empero cada una de esas nacionalidades su autonomia y su

bandera por que esta simboliza la gloria y la pasada grandesa y el alcance entero de la patria. Despues... surgirá el otro ideal grande e sublime que al fin se cumplirá en su historia; la unidad de pueblos hermanos en la esplendorosa e inmensa confederacion latina.

¡Corazones generosos! ¡espíritus sublimes! Agitado el ideal de una union santa y hermana que levante el corazon y el pensamiento a los pueblos unidos con los vinculos del amor, del arte, del comercio y *aun de las fuerzas vivas*, pueden labrar la grandeza de ambos paises ante la Europa armada.

¡Quien sabe! La historia presenta ejemplos, como el de la antigua Grecia despues de los laureles inmortales de Maraton, de como las nacionalidades pueden, por un *viril* impulso, realizar en 20 años la labor de 20 siglos.

Madrid, 20 Debre 92.

Fernando de Anton.

....Sr. Accacio Roza

Lisboa, 15 de março de 1893.

Pela carta muito obsequiosa de v... vejo

que vae publicar um livro com o titulo:—*A nossa independência e o iberismo*—, assumpto que parece antigo e é sempre novissimo.

Deseja v. . . ouvir, sobre a ideia que o titulo revela, a minha opinião. Cumpre-me agradecer-lhe o convite e acceital-o reconhecido.

Se eu fosse hespanhol era decididamente iberico; isto é:—partidario da grande nação iberica.—Era-o por tradições, era-o por instincto. E contudo as tradições enganavam-me, por lisongeiras, e o instincto por ambicioso.

Maus conselheiros a lenda e a cobiça.

A Hespanha vive na sincera crença de que somos um povo rebellado contra a sua vetusta soberania, ou suzerania. Um erro historico, persistente, conservado na Hespanha e defuzamente espalhado no occidente da peninsula pelo vento esterelizador do levante.

O que trouxemos da Hespanha é bonito, mas foi pouco. Não é—Portugal—, era —Portocalle;—não é o reino, era um condado ao norte, perto do qual, só parte, nos ficou.

Se não querem que o baraço que cingia o collo d'Egas Moniz tenha volvido a nós atando o rôlo de pergaminho em que o rei de Leão assignara, no primeiro tratado com o primeiro rei portuguez, o reconhecimento da independencia do condado de D. Henrique, arrancado já á aleivosia da côrte, menos a de D. Thereza

que do seu explorador o conde de Trastamára, allegue, com a sua negativa, a falta de prescripção quasi milenaria. O direito das gentes dá para tudo.

Essa allegação de certo não convem á Hespanha,—quanto a nós. Ella bem o sabe.

A não ser aquelle condado (de Portocale e Coimbra) tudo nós conquistamos aos serracenos. Ahí estão as ruínas d'esses castellos, desde Vizeu, Celórico, Trancoso, Guarda, Belmonte, Sabugal. Affaiates, Monforte, Castello Novo, Castello Branco, Idanha, Torres, Santarem, Leiria, Lisboa, Almada, Palmella, Alcacer e quantos condecoram o Alentejo e o Algarve protestando contra as historias da Hespanha. A maior parte d'esses Castellos mostram ainda, nos brazões dos seus porticos e nas cruces das suas ameias em ruínas, que foram fundados e mantidos pelas ordens militares do templo (ou de Christo), de Calatreva (ou de Aviz) e de S. Thiago a quem os reis *davam o que fossem conquistando*. E não fallamos n'outros mais antigos que n'estas guerras nos serviram. Attestam elles todos que não tem direito a Hespanha de teimar que da sua soberania dirivou a nossa.

E' provavel que se eu fosse hespanhol não gostasse de ser desiludido sobre este ponto. O desejo é o germen das nossas mais doces convicções.

Tambem o instincto me fazia iberico, se eu nascesse hespanhol.

Esta união seria,—ha de ser em quaesquer condições, ou se faça por conquista, ou por tratado, uma verdadeira absorpção.—Isto é:— a Iberia será Hespanha.—

A federação pode ser um prologo; nunca ha de ser nem sequer um capitulo.

Entre os apostolos da formula ainda ha cincoerros que a tomam a serio. São poucos. Perguntem elles á Hespanha se vae crear dentro de si tantos estados quantos sejam precisos para ficarmos equiparados com cada um d'elles e collocados diante de todos em egualdade de circumstancias. Perguntem-lhe se condescende com as aspirações autonomistas da Catalonha; dos Vascongados; se reconstituem os seus antigos reinos.

Se eu fosse hespanhol havia de querer a iberia afigurando-se-me um engrandecimento barato.

Pois enganava-me o instincto. Portugal nunca seria para Hespanha uma força; antes, uma cauza de enfraquecimento.

Nós temos horas aqui de muito desalento. Nós, povo de velhos fidalgos, como elles,—os de Hespanha,—nem sabemos, por ora, governar, nem administrar, nem ensinar cousas praticas, precisas e uteis aos nossos filhos. Elles, os de Hespanha, tambem não.

Por este andar, morreremos. E será breve, se não tivermos, ao menos, o bom juizo de chamar de fóra os nossos feitores, instructores, dirigentes de serviços e... contadores — exactos.

Como eu sou paizano posso asseverar, sem medo ás ordenanças, aliás muito louvaveis, que assim fizeram todos os grandes reformadores n'estes reinos, desde D. Diniz a D. José I.

Ainda ha pouco o visconde de Chancelleiros para replantar e refazer os seus vinhedos preferiu mandar vir obreiros agricolas do estrangeiro a pedil-os ás nossas escolas ou estações agronomicas. Ainda ha pouco Aguiar chamou do estrangeiro, mestres para as suas escolas e institutos industriaes. E' certo que fazemos quanto nos é possivel para inutilisar, ou para não utilizar o seu prestimo, porque entre os vicios da nossa educação medram e se multiplicam a inveja e a vaidade; mas ainda por ahi restam os que não teem podido fugir.

Portanto, o chamamento de estrangeiros não pára em D. José; chega ao tempo já do sr. D. Carlos. E depois,—eu preffiro o chamamento ás imposições.

Demos porem que persiga este estado morbido sem cuidados radicaes, difficeis no regimen em que mais estudam as formulas que os preceitos;—morremos, politicamente e é provavel que a Hespanha nos herde,—se nos so-

breviver;—herda-nos, explicita ou implicitamente, a beneficio de inventario. Pois que não se illuda:—aqui lhe fica um germen de conspiração permanente.

A Allemanha tem podido com a Alsacia e Lorena porque o imperio é um corpo sadio, com pernas e pés agigantados, braços e mãos de athleta. A Hespanha é corajosa, é heroica, é briossissima; está porém enferma; chronica e agudamente enferma; e em vez de procurar nas marchas e na gymnastica fortalecer e avolumar os pés e as mãos, em vez de os acomodar, respectivamente, aos campos, aos montes, á enxada e á charrua, procura tornal-os minusculos; preoccupa-se mais com as luvas e com os sapatos de pellica ou de seda.

— — —
E dizemos mal da civilisação chinesa!

Sabe já v. . . o que eu penso a respeito d'este sonho eterno de união iberica.

Nenhum povo na Europa, me agrada tanto como o hespanhol; só quero mais

«á patria minha amada.»

e tenho que, para nós, esta questão não é questão.

Conspiremos para acabar com as grandes nações; essas, sim, que são sempre um perigo para as liberdades e uma eterna ameaça para

as modestas familias inoffensivas e independentes.

A prova de que os pequenos povos são os mais dignos do respeito dos seus vizinhos está na abnegação com que elles repellem as honrarias e os benesses com que as grandes nações, e só ellas, podem remunerar os serviços que se lhes prestam.

Dizem-nos fracos e pobres; mentira!

Emquanto reinar o desequilibrio moral e social em que vivemos podemos parecer, e ser, menos ricos do que nos fez a natureza.

Nós temos grandes riquezas a explorar: é só preciso que trabalhemos, aproveitando o tempo que desperdiçamos em declamações e vadiagens.

E sendo honestos, patriotas e justos, com as nobres tradições que nos legaram nossos maiores e a historia registou, somos invenciveis.

Aqui tem v... a minha opinião.

Thomaz Ribeiro.

